SEROES

NOVEMBRO · DE · 1906 = Nº 17

FERREIRA & OLIVEIRA L.DA — Livreiros-Editores

Rua do Ouro, 132 a 138 — LISBOA

Manual de Arboricultura

Tratado theorico e pratico da cultura das arvores fructiferas

POR

ALEXANDRE DE SOUSA FIGUEIREDO

Agronomo, Inspector de Agricultura, Antigo Director da Escola Agricola de Faro,
Socio da Sociedade das Sciencias Agronomicas, da Real Associação Central da Agricultura e proprietario agricultor

1 vol. illustrado, broch... ..... 1$000 rs.
" " encad..... 1$200 "

D. JOÃO DE CASTRO

JORNADAS NO MINHO

Impressões, aventuras e travessuras de dois excursionistas meridionaes

1 vol. in-8.º com perto de 400 pag. { Brochado..... 600 réis
Cartonado..... 700 "

Acacio Guimarães e Antonio Cassiano Neves

MANUAL DO MEDICO SANITARIO

Adoptação portugueza do "PRONTUARIO-DELL'IGIENISTA" de E. Von Esmark e Francesco Abba

1 vol. in-8.º com perto de 400 pag. enc. flexivel 1$000 réis

ACABA DE PUBLICAR-SE:

A VIDA SEXUAL

2.ª parte: PATHOLOGIA

PELO DOUTOR EGAS MONIZ

Lente de medicina da Universidade de Coimbra

2.ª Edição 1 vol. in-8.º, br..... 1$000 rs.
" " encad..... 1$250 "

Pelo correio franco de porte

R. DELGADO

PRIMEIRAS LIÇÕES DE ECONOMIA DOMESTICA

PARA USO DAS Escolas, Collegios e Asylos

1 vol. com 80 pag. impresso em bom papel e illustrado—Broch. 300 rs.—Cart. 400 rs.

A' venda em todas as livrarias

"O QUE DEVEMOS SABER"

Volumes in-12

cuidadosamente impressos em bom papel, profusamente illustrados e encadernados em panno com ferros especiaes

CADA VOLUME 300 RÉIS

POR ASSIGNATURA (pagamento adeantado)

Serie de 5 volumes..... *1.400 rs.*
" " *10* " ..... *2.700* "

Já publicados — G. Chambers — HISTORIA DOS ELIPSES — Edward Clodd — HOMEM PRIMITIVO
Pedro Dória Nazareth — PRIMEIROS SOCCORROS A DOENTES

Para fazer a assignatura basta escrever-nos a dizer o nome e a morada com indicação do numero de volumes

Summario

MAGAZINE

Pag.

A MOCIDADE NO CLAUSTRO
Quadro de A. Roesler ..... FRONTISPICIO

ANTONIO CARNEIRO
(10 illustrações e 1 vinheta) por Manoel Larangeira 347

O BERGANTIM — Soneto
Por Fernando Nery 357

O BACILLO ROUBADO
(3 illustrações e 1 vinheta) por H. G. Wells 358

REMINISCENCIAS DO ALÉM — Poesia
Por Domingos Magarinos 364

GUERRAS COLONIAES — As Operações Militares no Sul de Angola em 1905
(14 illustrações e 1 vinheta) por Eduardo Augusto Marques 365

TRISTE CANÇÃO — Poesia
Por Carlos Frederico Parreira 380

A BIBLIOTHECA PUBLICA DO PORTO
(9 illustrações) por J. Pereira de Sampaio (Bruno) 381

UJI — A TERRA DO CHÁ
(6 illustrações) por W. de Moraes 390

BENITA, Romance Africano
(5 illustrações) por H. Rider Haggard 396

OS SERÕES DOS BÉBÉS — DHALIA DE PRATA E ROSA DE OURO
(2 illustrações) 410

ACTUALIDADES
(22 illustrações) 413

OS SERÕES DAS SENHORAS (26 illustrações)

Chronica geral de Modas — Novidades da Estação ..... pag. 57
Os nossos figurinos ..... » 61
Chapeus modernos ..... » 63
A nossa folha de moldes ..... pag. 65
Lavores femininos ..... » 66
Consultorio de Luiza ..... » 69
Notas da dona de casa ..... » 71

A MUSICA DOS SERÕES

CANÇÃO TRISTE
Por J. Pontellas, *Versos de* Joaquim Ferreira da Silva ..... 3 paginas

SANTOS REIS

Medico-cirurgião

Affecções pulmonares, partos e clinica geral

Consultas das 2 ás 5 da tarde e das 7 ás 9 da noite

Chamadas a qualquer hora, dia ou noite

RUA AUGUSTA, 166, 1.º

Correspondencia dos SERÕES

O NOSSO TERCEIRO CONCURSO PHOTOGRAPHICO

Terminou em 31 de outubro o praso para a remessa das provas para este concurso.

No momento em que escrevemos, o jury competente trata de as analysar e classificar com todo o escrupulo.

As decisões publicar-se-hão no proximo numero. Podemos desde já lisongear-nos com a affluencia de concorrentes que continua a mostrar o bom acolhimento dos *Serões* em todas as provincias de Portugal. E ao mesmo tempo congratulamo-nos pelo excellente serviço que julgamos prestar á arte photographica, desenvolvendo-se entre os amadores e dando-lhe o cunho verdadeiramente artistico, que a caracterisa actualmente no estrangeiro.

A nossa ambição seria tornar os SERÕES um brilhante e permanente campo de concurso para os photographos do paiz.

CAIXAS DE RAPÉ

O artigo que com este titulo publicámos no nosso numero 16 deu logar a uma justa reclamação do nosso amigo sr. Alfredo Guimarães, que graciosamente se havia promptificado a conceder-nos a reproducção de alguns dos preciosos exemplares de sua collecção. Algumas das caixas de rapé, attribuidas á collecção do nosso amigo sr. Alfredo Keil, pertenciam á do sr. Alfredo Guimarães. Um equivoco do photographo occasionou o erro involuntario, que aliás cremos escusar uma rectificação pormenorisada, visto que os dois illustres collecionadores não teem razão de se maguar, nem de receiar competencias. A ambos n'este logar tributamos a sincera expressão dos nossos agradecimentos, assim como ao sr. Carlos Reis, director do Museu Nacional das Janellas Verdes, que nos proporcionou amavelmente a reproducção dos exemplares alli existentes.

A VIDA SEXUAL

A VIDA SEXUAL

PELO

DOUTOR EGAS MONIZ

Lente de medicina pela Universidade de Coimbra

1.ª Parte: **PHYSIOLOGIA**

Extracto do indice: Os orgãos sexuaes. A puberdade. A menstruação e a monopausa. O instincto sexual. O acto sexual. Fecundação. A hereditariedade. (Origem dos sexos). A esterilidade artificial na mulher. A fecundação artificial na mulher. O casamento e a hygiene na vida sexual.

1 vol. in-8.º 350 pag. com gravuras Br. 1$000 rs., Encad. 1$250 rs.

2.ª Parte: **PATHOLOGIA**

Extracto do indice: Preambulo. Introducção Neuroses sexuaes. Heterosexualidades morbida Homesexualidade. Asexualidade. Perversões moraes. A vida sexual dos alienados

1 vol. in-8.º br. 1$000 rs., Encad. 1$250 rs.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS **Pelo correio, franco de porte**

A VIDA SEXUAL

FERREIRA & OLIVEIRA, LIM DA — Livreiros-Editores — 132, RUA DO OURO, 138 — LISBOA

Typographia do ANNUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

Propriedade de **MANOEL JOSÉ DA SILVA**

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Movida pela electricidade — Installação apropriada

Executam-se trabalhos typographicos em todos os generos, e mui especialmente os que dizem respeito ao commercio, como facturas, memorandums, livros de escripturação, etc., garantindo-se perfeito acabamento e modicidade de preços.

Reproducção de planos. Cartas Geographicas.
Laminas e pergaminhos antigos. Quadros a oleo e aguarella
em tamanho natural, ampliado ou reduzido

ESCRIPTORIO E OFFICINAS

Praça dos Restauradores, 27 (PALACIO FOZ)

CALÇADA DA GLORIA, 5

Telephone 1:239 **LISBOA**

DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

Sociedade de Seguros
Mutuos sobre a vida
terrestres-maritimos

SÉDE SOCIAL

AVENIDA CENTRAL, 125 (Rio de Janeiro)

FILIAL EM PORTUGAL

LARGO DO CAMOES, 11, 1.º

LISBOA

Serão attendidos todos os pedidos de tabellas de premio, prospectos e outras informações, quer sejam dirigidas á séde ou á filial.

Ottoni Silva & Cia
RUA PRIMEIRO DE MARÇO
13 e 15
·TELEPHONE 912·
RIO DE JANEIRO
MOINHO PARA CAFÉ
BOMBAS
A PETROLEO·
PHOENIX
A LENHA
·MACHINA PARA CARNE·
Importação de ferragens, cutelarias, louças de ferro, fogões a gaz, alcool, kerozene e carvão, tintas, vernizes, oleos de linhaça e para machinas, cimento, telhas zincadas, arame farpado, chumbo, carrinhos de mão e outros artigos para construcções.
UTENSILIOS PARA COZINHAS
A GAZ

CAXAMBÚ
AGUA DE MESA
CAXAM

GUINLE & C.

Engenheiros mechanicos, hydraulicos electricistas e empreiteiros

IMPORTADORES DE MACHINAS E MANUFACTURAS NORTE-AMERICANAS

Rua do Ouvidor, 64 B—Rio de Janeiro-Brazil

OFFICINAS E DEPOSITOS: 13, Rua Nova do Ouvidor, 13 e 89, Rua de S. Leopoldo, 89

FILIAES: Rua Direita n.º 7, S. PAULO
Rua dos Andradas n.os 349 e 349 A, PORTO ALEGRE —**Agencias** Rua da Bahia, BELLO HORIZONTE e Rua Conselheiro Saraiva, 34, BAHIA

Telephone n.º 385

Endereço postal: Rio, Caixa 954 Endereço postal: S. Paulo, Caixa «Q» — Endereço postal: Porto Alegre, Caixa 64 — Bahia, Caixa 164
Endereço teleg. Rio, S. Paulo, Porto Alegre e Bahia «FUSE» — Codigos A. I., A. B. C., Liebers Especial e Western Union

UNICOS REPRESENTANTES NO BRAZIL DAS SEGUINTES FIRMAS:

General Electric Co. Apparelhos electricos para força e luz.

Pelton Water Wheel Co. Rodas de aguas turbinas, etc.

Mercedes Daimler. Automoveis.

Babcock & Wilcox Co. Caldeiras a vapor.

J. G. Brill Co. Trucks para carros e vagons.

The Chloride Electrical Stdrage Company Ltd. Accumuladores electricos.

A. L. Ide & Sons. Machinas a vapor "Ideal"

Chicago Pneumatic Tool Company. Machinas e ferramentas de ar comprimido.

Cleveland Twist Brill Co. Brocas americanas.

L. S. Starrett Co. Ferramentas finas.

John A. Roebling's Sons Co. Cabos e fios para transmissão de energia electrica.

Billiken Brothers. Construcções de ferro, aço, pontes, etc.

J. A. Fay & Egan Co. Machinas para trabalhar em madeira.

Lozier Motor Co. Motores e lanchas a gazolina.

American Locomotive Co. Locomotivas.

Cincinnati Tool Co. Ferramentas.

Goodell-Pratt Co. Ferramentas finas.

Globe-Wernicke Co, Mobilia de escriptorio.

Worthington Punping Engine Co. Bombas a vapor.

Mietz & Weiss. Motores a gaz e kerozene.

Otis Elevator Co. Elevadores electricos.

The Gutta Percha and Rubber Mfg Co. Artefactos de borracha.

Sherwin-Williams Co. Tintas preparadas e vernizes.

Swan & Finch Co. Lubrificantes.

International Paper Co. Papel para impressão.

Hall Signal Co. Signaes para estrada de ferro.

Standard Varnish Works. VERNIZES.

Hammond Typewriter Co. Machinas de escrever.

Victor Talking Machine Co. Gramophones e accessorios.

Eastman Kodak Company. Apparelhos photographicos.

O impulso de enthusiasmo que me levou a crear uma marca de consagração ao grande portuguez e heroico capitão MOUSINHO D'ALBUQUERQUE, quando no seu regresso da Africa tanto fez vibrar o meu coração de patriota, para o que d'elle solicitei a auctorisação que me foi pelo seu proprio punho concedida, desperta agora de novo perante a apparição do magistral livro que sobre o extraordinario militar acaba de escrever o illustre escriptor EDUARDO DE NORONHA. É sob o influxo d'esse soberbo reviver dos feitos do aprisionador do Gungunhana que, lanço de novo no mercado esta historica e patriotica marca, sacrificando o meu lucro ao ponto de apresentar a um preço excessivamente barato, um typo de vinho velho licoroso que vale muitissimo mais. Será esta, parece-me, uma fórma de relembrar nas proprias horas de trabalho ou de prazer, o vulto que é preciso jamais olvidar emquanto exista um coração de portuguez.

Este vinho escrupulosissimamente escolhido e tratado, rotulado, engarrafado e encaixotado com esmero, competirá com qualquer dos que se vendem a preços muito mais elevados.

Aloysio A. de Seabra

O Commentario

DESDE **1903** publica-se no Rio de Janeiro uma interessante e curiosissima **Revista,** original e util aos contemporaneos e aos futuros perscrutadores da historia da cidade.

E' espelho fiel de tudo que occorre na capital brazileira; tanto quanto possivel recordação do que ella foi; paginas de leitura magnifica no presente e no futuro.

Em seu genero foi a primeira que appareceu n'aquella cidade; e talvez, mesmo, não tenha semelhante n'outros centros populares. A sua acceitação tem sido immensa dentro e fóra do paiz. As suas illustrações, bem impressas, são sempre momentosas, de opportunidade.

São **96** paginas por mez, dando indice de quatro em quatro numeros; a sua collecção já consta, pois, de **9 volumes** de **350** a **380** paginas cada um.

O Commentario publica actualmente a 4.ª serie, principiada em Maio. Folgamos de recommendal-a.

E' revista da maior respeitabilidade: credito feito pela excellencia dos seus collaboradores, e pela superioridade dos conceitos que emitte

PASTA DENTIFRICA

HYGIENICA

Preparada na Pharmacia JULIO DO NASCIMENTO
RUA DA PRATA, 115 e 117
Unica que branqueia os dentes, desinfecta a bocca e fortifica as gengivas
Boião 500 rs. Bisnaga 200 rs.

GRANDE DEPOSITO

DE

Moveis de ferro e colchoaria

DE

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56

LISBOA

A BRAZILEIRA

Casa especial de café do Brazil
A. TELLES & C.ª
Rua Garrett, 120 (Chiado) e Rua Sá da Bandeira, 71 — PORTO
Telephone n.º 1:438
Café especial de Minas Geraes
BRAZIL
Torrado ou moido kilo 720

Todo o comprador tem direito a beber uma chavena de café gratuitamente

Recommendamos os deliciosos vinhos da casa Borges & Irmão, do Porto, dos quaes somos unicos depositarios em Lisboa, e chamamos a attenção para os vinhos verdes especialidade d'esta casa

Chamamos a attenção para as condições dos annuncios, que inserimos na capa dos Serões.

Poock
Poock
Casa Clausen
Rio de Janeiro

SEM RIVAL para a limpeza e conservação dos dentes.

DEPOSITO

Rua Nova do Almada, 81, e Rua do Carmo, 83

LISBOA

AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRIPTORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇAO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.ª

LISBOA

FABRICANTES DA ACREDITADA AGUA INGLEZA DE GRANADO

GRANADO & C.ª

Pharmaceuticos

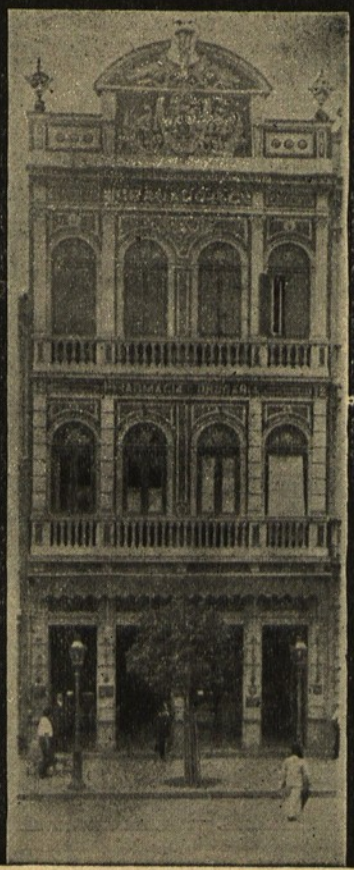
Droguistas

Fabricantes

RUA 1.º DE MARÇO, 12

Caixa do correio, 12

End. Teleg. «GRANADO»



Grande Laboratorio Chimico e Pharmaceutico

A VAPOR

Rua Valle do Rio Branco, 27

Fornecem-se preços correntes

RIO DE JANEIRO

Obtem-se MAIS GRAÇA,
MAIS BELLEZA,
bebendo sómente
"SALUTARIS"
Depositarios:
ZENHA, RAMOS & C.IA
RIO DE JANEIRO.

RENASCENÇA

REVISTA MENSAL DE LETTRAS, SCIENCIAS E ARTES

Editores-proprietarios E. BEVILACQUA & C.

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

Publicada sob a direcção de

RODRIGO OCTAVIO e HENRIQUE BERNARDELLI

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1906

Estrangeiro	20$000	Registro	5$000
Rio de Janeiro e Estados	18$000	»	3$000
Centro Commercial	15$000		

Numero avulso: Capital 1$500. Estados 1$700. Numero atrazado 3$000

PREÇOS PARA PORTUGAL

Assignatura annual	6$000
» com registro	8$000
Numero avulso	$600

Os editores não respondem pelo extravio devido ao correio, havendo todo o cuidado na expedição da Revista. Para evitar os extravios, lembramos aos Senhores assignantes, ao reformarem suas assignaturas, auctorisarem-nos o registro mediante o augmento, em assignatura, da importancia de Rs. 3$000 para o interior e Rs. 5$000 para o exterior.

O assignante que, no correr da sua assignatura, mudar de endereço, queira fazer acompanhar seu aviso da importancia de Rs. $500.

AO LEITOR. As reclamações, assignaturas, collaboração e tudo quanto diga respeito á nossa Revista, queiram endereçar sempre e simplesmente

Á Administração da Revista RENASCENÇA

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

IMPORTANTE

OS SENHORES ASSIGNANTES QUEIRAM INDICAR OS NUMEROS DAS SUAS ASSIGNATURAS

Na Administração da **Renascença** — Rua do Ouvidor, 151 — compra-se o n.º 2 da Revista a Rs. 5$000 o exemplar em perfeito estado de conservação.

Vende-se a collecção do 2.º, 3.º e 4.º volume a Rs. 22$000 o volume, e Rs. 40$000 a collecção do 2.º anno que termina com o presente numero.

Vantagens aos assignantes da RENASCENÇA

Os Senhores assignantes da RENASCENÇA até á importancia de suas assignaturas, á vista do recibo, terão o abatimento de 70 % em musicas da nossa edição, compradas de uma só vez.

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

The Teikokugaho Au illustrated monthly Magazine—The Fuzanbo, Publishing Co—Tokio Japan—Novembro de 1909.

El Despertar Hispano—*Publicacion Semanal de caracter absolutamente independente*—Ano II—Buenos Aires—Octubre 1906—n.os 6 e 7.

A Aurora do Porvir—Publicação mensal, Recreativa e Instructiva.—Anno III—n.º 29—Novembro de 1906.

A Construcção Moderna—*Revista illustrada*—Anno VII—n.º 8—1 de Outubro de 1906—n.º 200—*Artigos principaes:* O atelier de um artista—Architecto, sr. Tertuliano de Lacerda Marques—Cooperativa predial Portugueza, etc., etc.—n.º 9—10 d'Outubro de 1906—n.º 201—*Artigos principaes:* Casa e atelier de artista—Legislação da Construcção etc., etc.—n.º 10—Outubro 20 de 1906—n.º11—1 de Novembro de 1906—n.º 203.

A Parodia—n.º 166—27 de Outubro e 3 de Novembro de 1906.—Jornal humoristico semanal illustrado.

A Saude—Revista mensal—IX anno—n.º 97 e 98 Agosto e Setembro de 1906.

A Vinha Portugueza—*Revista mensal de viticultura e agricultura geral*—Anno XXI—Outubro 1906—n.º 10—Artigos principaes: Chronica e noticias—Chronica do Norte—Os vinhos do Minho. etc.

A Renascença—*Revista mensal illustrada, letras, sciencias e artes.*—Outubro 906—Anno III—n.º 32—Artigos principaes: Eugene Corrière—O instituto de Manguinhos—Enforcado etc., etc.

Para a Vida—Augusto Casemiro—Um livro de versos, impresso em bom papel e editado pela casa João de Maria Marques de Coimbra.

Echo Photographico—*Jornal mensal de sport photographico*—Anno I—Novembro de 1906—n.º 6.

Revista de Manica e Sofala—*Publicação mensal illustrada*—3.ª Serie—Outubro de 1906 n.º 32—*Artigos principaes:* O caminho de ferro e o porto da Beira—junta consultiva do Ultramar—Inclinação e declinação magnetica da Beira, etc etc.—3.ª serie—Novembro de 1906—n.º 33—*Artigos principaes:*—Florestas,—Inspecção ás escolas da Beira—Rebocador Marquez de Fontes, etc. etc.

La Mujer Ilustrada—*Revista Ibero Americana* Madrid—Septiembre de 1906—n.º 11.

Os Annaes—*Semanario de Litteratura, Arte, Sciencia e Industria*—Anno III—Rio de Janeiro—20 e 27 de Setembro—n.os 99 e 100.

Revue d'Italie—Troisième année, dixième livraison Octobre—*Sommaire:*—Raphael Michel Auge et Leonardo—H. Mererd—L'eutente Cordiale Alphonse de Lamartine, etc. etc.

Historia do Brazil (illustrada)—por José Francisco da Rocha Pombo—Vol. I—de cerca de 600 pag.—N'este bello trabalho historico, ha referencias a obras portuguezas de alto valor, entre ellas o trabalho do sr. Fortunato da Fonseca, estabelecendo a prioridade do descobrimento do Brazil por portuguezes.

Criminosos loucos—por Paulo Osorio—Porto, 1906—curioso estudo de criminalogia moderna, com applicação a Portugal.

Dolores—por Ribeiro de Carvalho—43 pag.—segunda edição de um poemeto, que a seu tempo recebeu merecidos applausos da critica.

Lagrimas—por Aguiar Novaes—Porto, 1906—opusculo de um brazileiro—Grito de tristeza sobre o desastre do «Aquidaban».

Notas de reportagem—por Luiz Derouet—Viuva Tavares Cardoso, Lisboa—116 pag.—interessante e espirituosa narrativa da excursão dos estudantes portuguezes a Paris.

Instrucções para o tratamento das hemorrhoidas—por Francisco José da Costa—Vol. de 190 pag. cuja descripção consta do titulo.

Pombas feridas—por Oudina—Aillaud, Paris—115 pag.—Poesias, repletas de sentimento e imaginação.

Peregrino (O) por Orlando Marçal—Fol. de XIX pag.—Coimbra—Trechos de um poema dramatico, com leves incorrecções de technica, mas denunciando aptidões brilhantes.

Livro de viagem—por Gonçalves Maia—Empreza do «Amazonas», Manáos—359 pag.—Interessante e vivida—sympathica observação de monumentos e usos de Portugal, feita por um brazileiro.

Pallium—*Revista mensal*—Anno I—Recife—Agosto e Setembro de 1906—n.º 3 e 4—*Artigos principaes:*—Dr. Clovis Bevilaqua e D. Amelia de Freitas Bevilaqua—Cronica—O cyclone, etc. etc.—Fausto Cardoso—Cronica—Ultimo canto—Historia de um cenaculo, etc. etc.

A NACIONAL Companhia Portugueza de Seguros sobre a vida humana

CAPITAL 200:000$000 RÉIS

RAMO A.—Seguros de todas as cathegorias a premios semanaes, semestraes, trimestraes ou mensaes.

RAMO B.—Seguros populares—sem exame medico a premios semanaes desde **20** réis.

PEDIR TARIFAS E CONDIÇÕES

Rua do Alecrim, 7—LISBOA

A mocidade no claustro

Quadro de A. Roesler

ANTONIO CARNEIRO

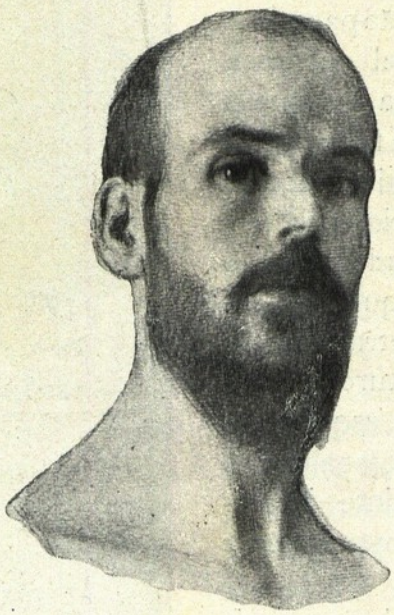
Esboço para o estudo de uma obra atravez de um temperamento

A quem olhar, mesmo de relance, a obra que este artista realisou n'estes ultimos annos, avulta desde logo á evidencia um avanço evolutivo verdadeiramente inesperado.

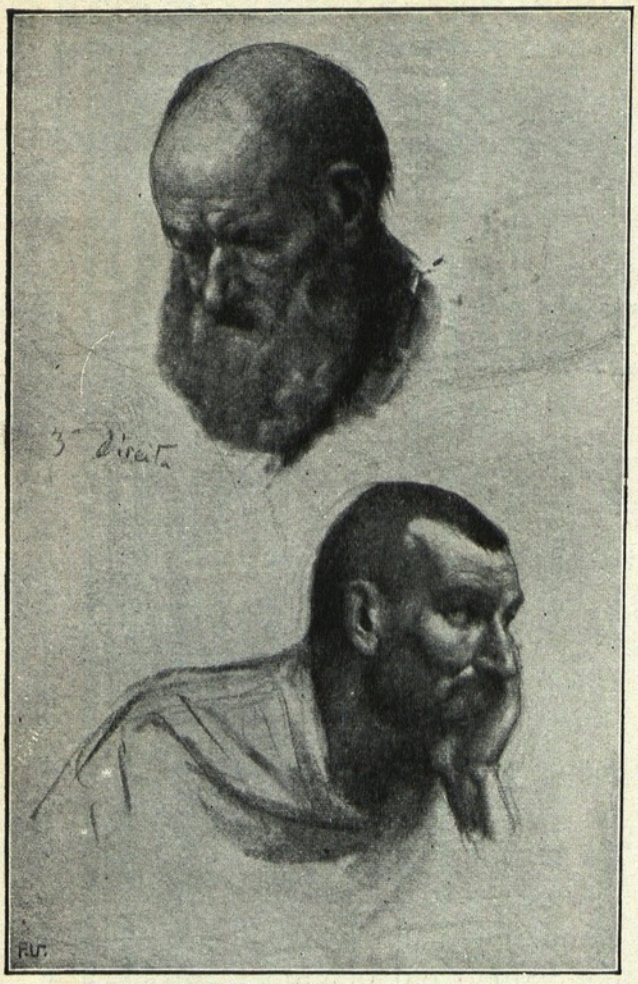
E já não quero referir-me aos progressos da technica, ao que poderia chamar-se evolução da fórma. Essa, como em todos os artistas de raça, produziu-se n'um sentido já previsto, o da maxima simplificação e sobriedade. Quero sobretudo referir-me ao avanço evolutivo no dominio concepcional. Ahi é que a evolução se fez n'um sentido absolutamente inesperado.

Eu me explico.

N'uma exposição que Antonio Carneiro realisou ha quatro ou cinco annos, o seu temperamento artistico parecia definitivamente polarisado. N'esse momento, que parecia marcar d'um modo decisivo a sua orientação, o artista poderia definir-se como sendo um pintor retratista, que de quando em quando pintava paizagens d'uma grande intensidade emocional, mas ainda pelo mesmo processo que pintava retratos, porque eram paizagens onde a expressão de estados subjectivos era a nota predominante. Então, quem comparasse um dos muitos retratos que o artista expunha com uma das telas chamadas de composição, não deixaria de notar uma desproporção, flagrante, enorme. Ao passo que os retratos revelavam um artista proximo da maturidade, prestes a attingir uma perfectibilidade inconfundivel que é o cunho de todos os grandes ar-



ANTONIO CARNEIRO
(desenho do proprio)



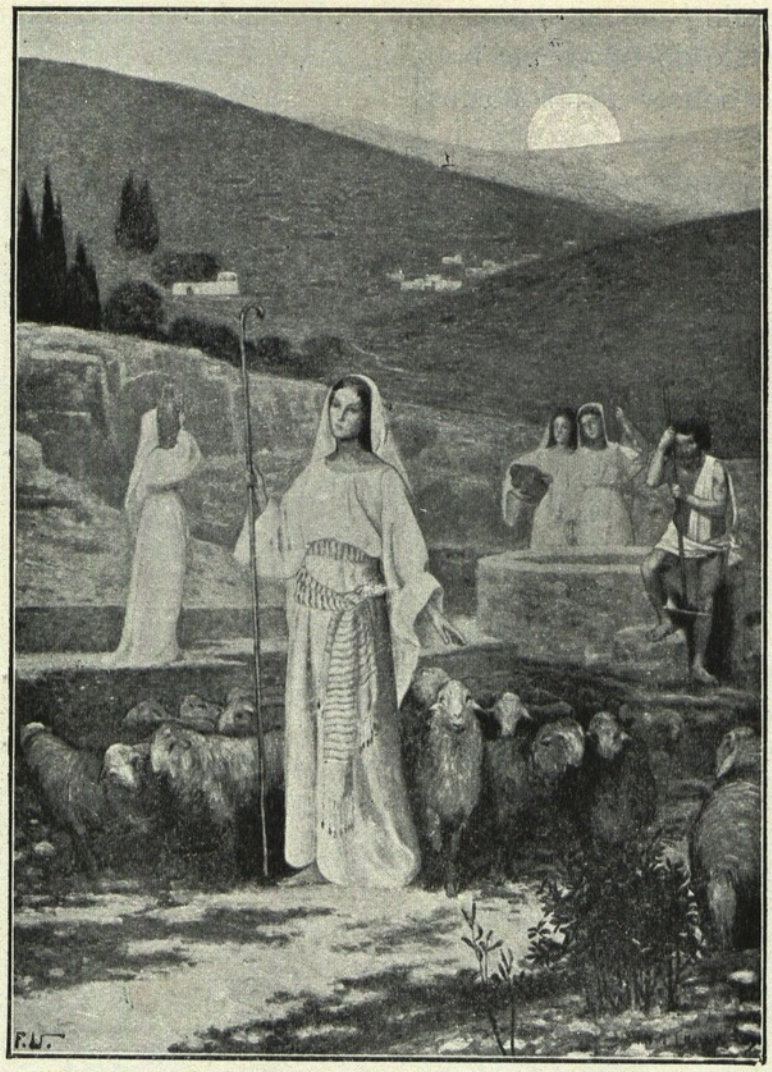
ESTUDOS PARA O QUADRO «A CEIA» (1904)

tistas quando estão plenamente possuidos de todos os recursos da sua arte, — os seus quadros de composição pareciam dizer d'um modo inilludivel que esse seria um genero de pintura em que o artista estava condemnado a falhar sempre. Depois, a tornar mais nitida e accentuada esta desproporção, vinha juntar-se o facto de certos estudos que o pintor fizera para esses quadros serem obras notaveis de retratista, ou pedaços magnificos de natureza, coados sempre, é preciso não esquece-lo, atravez do temperamento pessoalissimo do artista e por conseguinte impregnadas d'uma emoção intensamente subjectiva.

Os estudos para o «Baptismo», mais do que uma acção onde o homem é sempre a figura central, eram um pedaço expressivo de paizagem vaga, onde as figuras fluctuavam fundidas na mesma luz silenciosa e indecisa das cousas e pareciam irromper do sólo como vultos de arvores. A «Rachel», mais do que a evocação d'um trecho biblico, exprimia a sensação d'um trecho melancolico de paizagem: um dorso de collina banhada pela claridade baça da lua nascente á hora tranquilla do anoitecer. Os estudos para a «Ceia», esses então eram d'uma precisão demonstrativa. Essas cabeças d'apostolos, tão humanamente plebeias, vistas destacadamente, em estudos, tinham uma tal intensidade

ANTONIO PATRICIO *(desenho a carvão)* (1904)

de expressão, eram desenhadas com uma tal largueza e segurança, e sobretudo tinham uma tal individualidade, de tal modo viviam em si mesmas, que a ninguem (ou quasi ninguem) era possivel vêr n'esses fragmentos de vida outra coisa senão retratos, esplendidos retratos de typos rudes, de fé rude, é certo, mas retratos todavia. Depois esses estudos sobrepujavam de tal maneira a tela definitiva, que não só era legitimo, mas era forçoso concluir que Antonio Carneiro era essencialmente um pintor de retratos.



RACHEL *(quadro a oleo)* (1905)

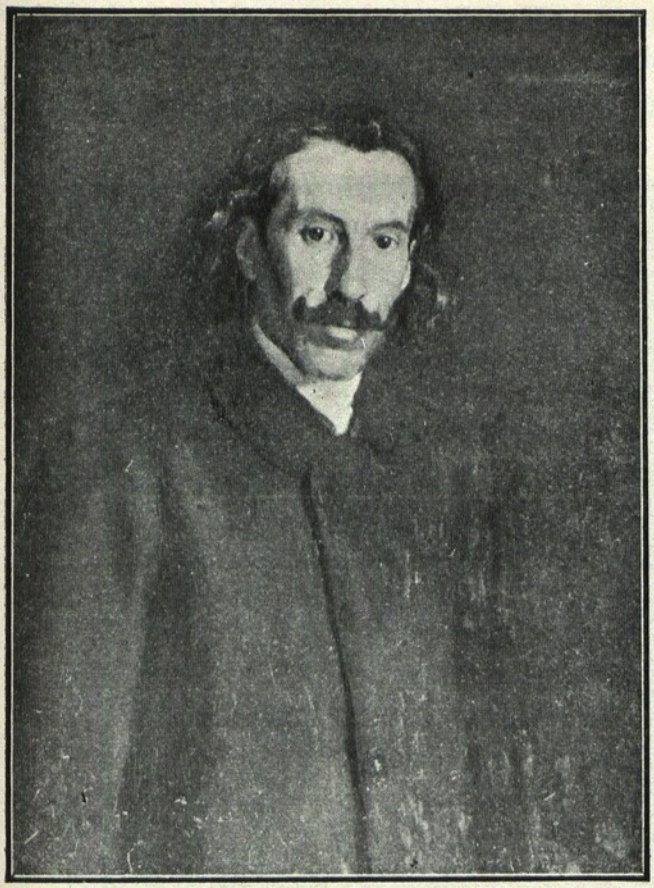
Pois bem: essa desproporção desappareceu; o dominio concepcional do artista amplificou-se na sua faculdade de traduzir e amplificou-se até á qualidade maxima, typica do genio creador, que é o poder de crear figuras syntheticas, attingindo a generalidade de symbolos humanos e de realisar n'uma expressão a synthese d'uma infinidade de expressões. E para certificar d'um modo absoluto e claro de quanto o genio creador de Antonio Carneiro é capaz de realisar, bastaria apontar essa tela prodigiosa, inolvidavel como uma obsessão,— o «Christo» —onde o artista n'uma figura isolada conseguiu exprimir a synthese d'um grande drama collectivo.

Antes de mais, é preciso friza-lo bem, o «Christo» não é uma tela religiosa, banhada de fé e espiritualidade christans. Tão pouco é, como á primeira vista poderia suppor-se n'um artista d'estes tempos de enfebrecido atheismo, uma tela anti-religiosa, depreciativa, condemnatoria d'esse conjuncto de factos que foi a irrupção original do Christianismo. É sobretudo — uma tela humana. Em qualquer dos dois sentidos, o Christianismo é um thema d'arte definitivamente esgotado. Já não pode inspirar senão obras d'arte hybridas, deficientes, incompletas. Para ser fecundo, como thema d'arte, é preciso ser encarado

pelo seu lado exclusivamente humano. E assim, o Christo doentiamente bondoso, avido de soffrer pelos outros, que se fez matar n'uma crise de passividade, n uma ancia exaggerada, pathologica, de amor ao proximo, ó Christo-deus, vestido com os lendarios esplendores do mytho solar da redempção — para o conceber, sentir e realisar, seria preciso que revivescesse a crença morta das gerações extinctas ha seculos já. O outro Christo, tal como era concebido no polo opposto da religiosidade mystica e christan, o reivindicador da plebe, o fanatico criminoso da ralé, o apostolo da abjecção humana das coleras nietzscheanas, podia ser e foi um thema da arte de ha algumas dezenas d'annos. Hoje não. Hoje o Christo é apenas um symbolo humano, na expressão de Emerson — *um representective man*. Elle foi o Homem, o Homem que representou a humanidade atravessando uma crise lenta de transformação, o homem collocado no espaçoso limiar que separa dois mundos, um mundo que desaba em ruinas e um mundo que se forma. Simplesmente o Christo assim concebido, em vez de viver alguns annos, viveu alguns seculos.

CLAUDIO *(sanguinea)* (1902)

Não será bem, como Carlyle pretendia para o mytho scandinavo d'Odin, um heroe real, um homem de *carne e osso*. Uma humanidade de carne e osso indubitavelmente foi-o. Foi uma ideia viva e como tal abrange a latitude d'um symbolo humano. É esse homem-ideia que é a figura central d'um grande drama, mixto de lenda e de realidade, drama de quasi tres seculos, que a humanidade viveu ha perto de dois mil annos. Consequentemente, essa figura resume condensadamente em si toda a acção d'esse drama complexo: ella é o symbolo vivo d'uma das mais bellas ondu-



RETRATO DE MARCOS GUEDES *(a oleo)* (1898)

lações do pensamento humano. E assim despojada de todos os accessorios lendarios, das alegorias mysticas e depurada de todos os traços defeituosos que a realidade historica parece attribuir a certo agitador da Gallileia, essa figura adquire um relevo maximo. Fica mais abstracta, é certo, mas tambem fica mais largamente humana, porque abrange uma maior porção de humanidade. É que deste modo esse Christo-ideia é simultaneamente o Homem, resumo d'uma humanidade de tres seculos.

Eis o fundo concepcional da tela de Antonio Carneiro. A dentro d'esse drama extranho, o artista escolheu o episodio nodal, aquelle em que a acção parece concentrar-se e aquelle que, sendo de todos os tempos e de todos os logares, é por conseguinte o mais humano. É aquelle em que o imperador romano, collocando o gallileu, manietado, em face dos que o accusam, diz: — *eis o homem.* O Homem de facto: o Homem que é réu d'um crime monstruoso, absurdo, o — crime do ideal. É claro: o que avulta menos é o caso historico: o que avulta essencialmente é o facto humano. Para o ponto de vista artitisco, o que importa menos é saber se ha perto de vinte seculos um gallileu sobre-humano era accusado por uma multidão fanatica e enraivecida de andar a semear um ideal novo: o que importa principalmente é o conflicto do Homem, messianico e incomprehendido, com os homens, porque d'esse conflicto depende o destino da humanidade. A intensidade emocional d'esse drama do passado não deriva senão do quanto n'elle existe de drama quotidiano. Não se trata só d'um episodio dramatico da vida de Jesus: trata-se sobretudo d'um episodio dramatico da vida do Homem que ultrapassa a humanidade do seu tempo, do Homem que no dizer de Nietzsche é Sobre-homem.

Poucas telas conheço onde um assumpto esteja realisado com tanto vigor. O desenho, a expressão, a attitude da figura são d'uma sobriedade magistral, d'uma unidade perfeita e sobretudo d'uma pujança emocional obsessiva, inolvidavel. O corpo erecto, envolvido n'uma luz diffusa, ou, como diria Leonardo da Vinci, «illuminado pela luz universal do ceu e pela sombra universal da terra». A cabeça n'um gesto de altiva tranquillidade. Os olhos fundos, serenos como consciencias sem medo, desfocados, ou melhor — abrangendo (e reflectindo-o até) todo um mundo vasto que o condemna e o não

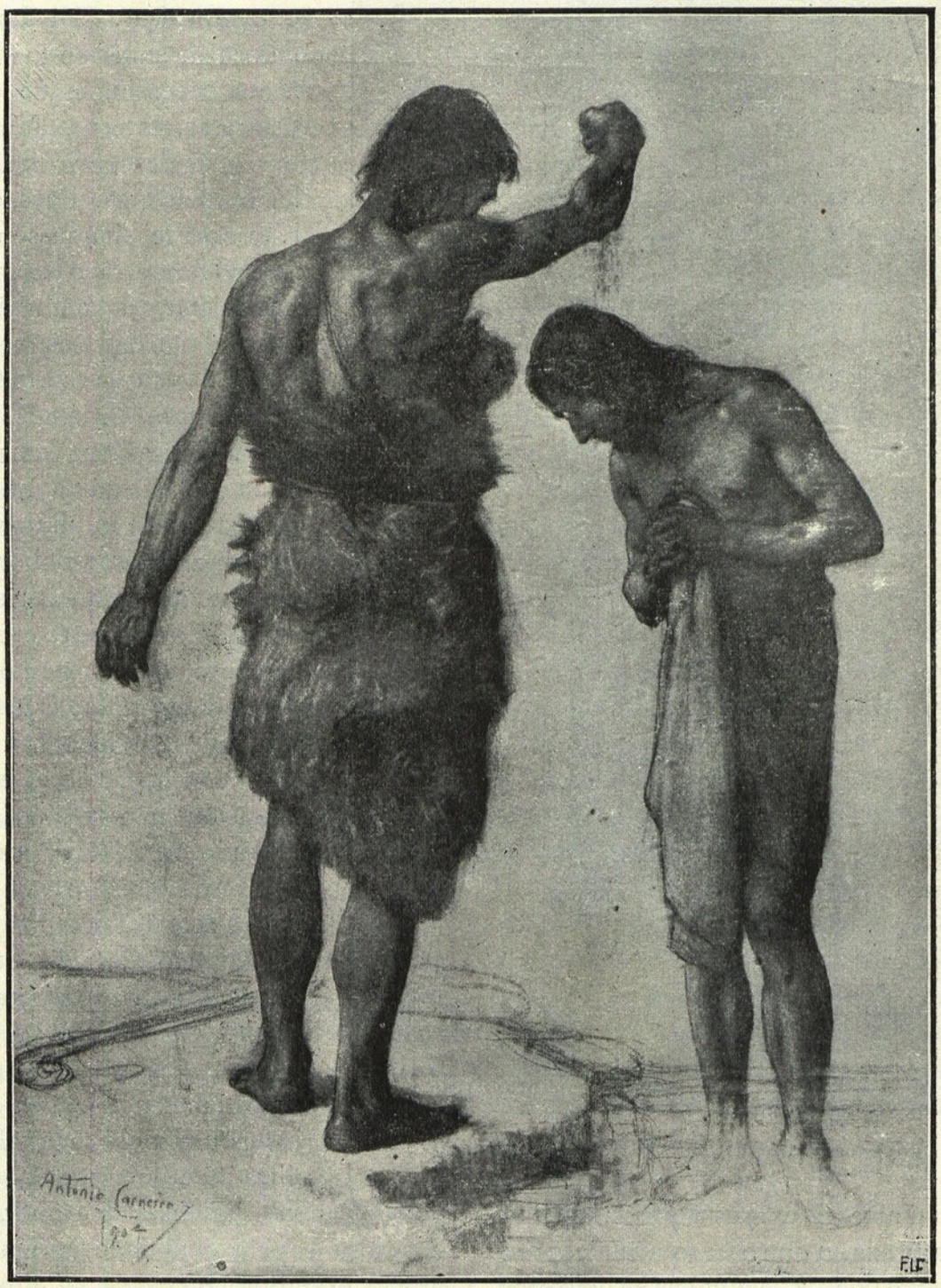
comprehende. Em summa: a expressão e attitude estoicas do homem que se colloca orgulhosamente acima de si mesmo, á altura do seu Ideal, do Homem que no espelho da propria consciencia se sente e vê — Sobre-homem.

Eu disse que em Antonio Carneiro se operou uma evolução *inesperada*. Não quer isto, comtudo, significar que essa evolução não seja explicavel. É-o até bem singelamente, hoje sobretudo e principalmente para quem, como eu, conhe-

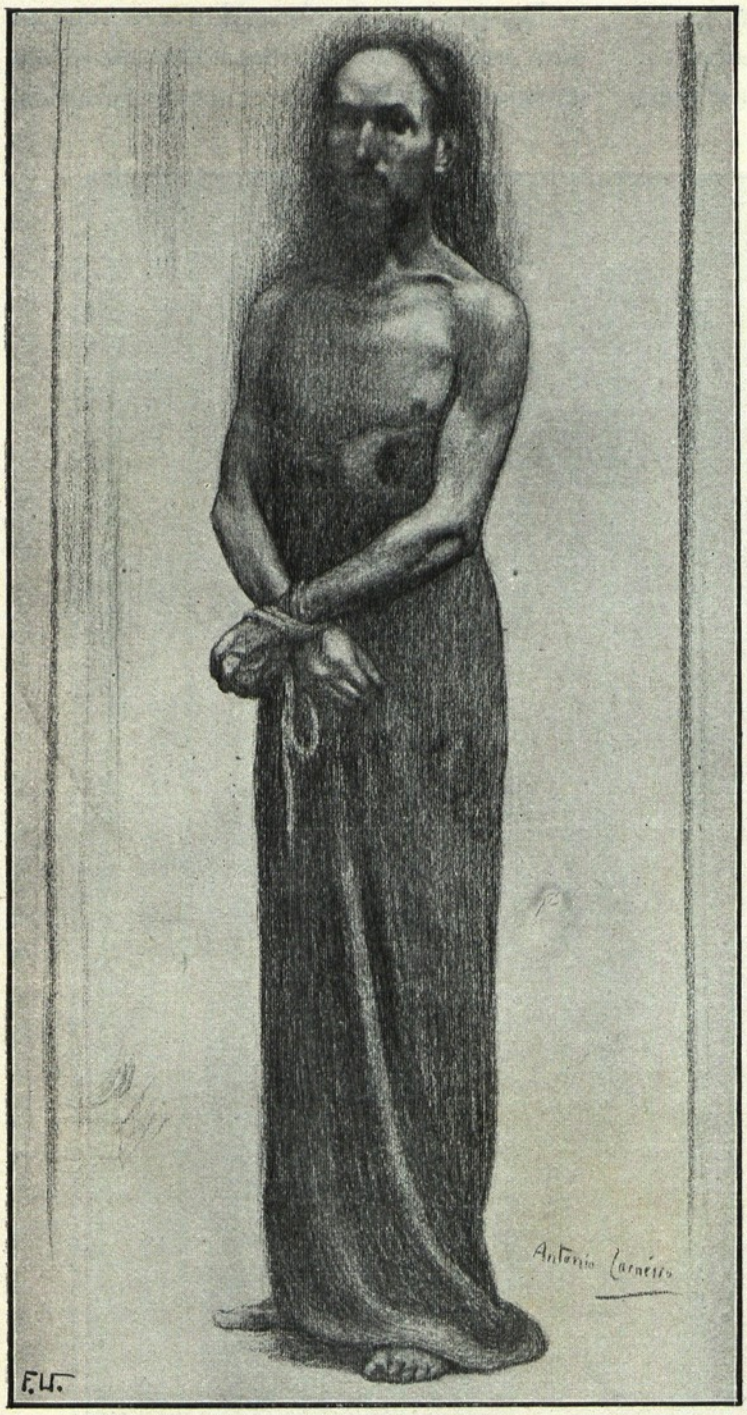
ESTUDO PARA O QUADRO «O BAPTISMO»

cer bem o artista, o seu temperamento, o seu processo de trabalho e a sua obra. De resto, explicar essa evolução é uma coisa que resulta mais do conhecimento do temperamento do artista do que do conhecimento da propria obra.

Diz-se que «a obra d'arte é sempre um pedaço de natureza atravez d'um temperamento» É exacto. Simplesmente ha temperamentos que reflectem a natureza depois de elaborada e ha-os que a reflectem apenas: n'um caso a



O «BAPTISMO» (GRUPO CENTRAL) *(sanguinea*



ESTUDO DEFINITIVO PARA O QUADRO «CHRISTO» *(sanguinea)*

obra d'arte é expressão a subjectiva da natureza, n'outro caso a sua expressão objectiva. É Antonio Carneiro um artista que só realisa *quanto sente e pensa* e não apenas quanto *vê*. É um subjectivo, em summa, e para elle a obra d'arte é a expressão d'um estado subjectivo. A creação esthetica, em Antonio Carneiro, não resulta apenas d'um acto unico — reflectir; mas sim d'um trabalho duplo: interpretar e exteriorisar. Em face da natureza, antes de tudo elle sente necessidade de a interpretar. Interpretar a natureza é descobrir-lhe uma lei modeladora. Para o artista essa lei chama-se alma (pouco importa o termo) e interpretar a natureza é buscar, por entre as formas, a expressão reveladora d'essa alma. Uma vez interpretada, uma vez achada a alma (ou lei) que a modela, começa para o pintor um outro trabalho de elaboração intima, de gestação silenciosa, de verdadeira creação interior, que consiste em converter a expressão esthetica, tornando-a evidente e sensivel aos que d'antes a não viam ou não sentiam, em summa em traduzir a natureza em obra d'arte.

Em face d'isto, toda a obra de Antonio Carneiro se explica natural e espontaneamente. Sendo n'elle a obra d'arte o resultado directo d'um estado subjectivo, o valor esthetico de cada tela explica-se e pode medir-se até pelo grau de intensidade emocional creadora e pela qualidade da emoção que o assumpto produziu na alma do artista. Demais, apezar de Antonio Carneiro conhecer maravilhosamente todos os recursos technicos da sua arte, na sua obra nunca a expressão technica consegue ultrapassar a emoção crea-

dora. Elle não sabe á custa d'um excessivo poder de realisação encobrir uma emoção apagada. É um artista que apenas realisa como sente. E assim se explica o facto paradoxal de certos estudos, da «Ceia» e do «Baptismo» por exemplo, serem d'um valor artistico bem superior ao da tela definitiva. A «Ceia», abstrahindo mesmo de que ella significa um traço mythico das religiões primitivas, afflorando em pleno Christianismo, e encarado á luz da philosophia christan, é um assumpto gasto e não pode agitar fortemente a sensibilidade d'um artista de hoje. O mesmo não aconteceu com os estudos para esta tela. Pedaços da vida real, da vida de hoje, o artista tratou-os com todo o carinho de quem está inteiramente possuido d'esses themas fragmentarios, esquecido da emoção que devia imprimir á tela definitiva a sua unidade, sentindo-os em si mesmos, desligados do conjuncto que deviam formar. Ao integral-os no assumpto central da tela que o artista não podia sentir fortemente, porque representava uma emoção extincta, transplantou-os para uma outra luz, para uma outra vida, e toda a harmonia expressiva que elles continham isoladamente, na luz do seu meio, dentro da sua vida, se perdia, apagada, abafada, como n'um ambiente de asphyxia. Claramente: esses estudos são bellos pedaços d'arte, porque o artista os sentiu, porque os foi buscar e escolher á vida; a tela definitiva fica muito aquem d'estes estudos, porque o artista não podia sentir, ou, quando muito, sentia fracamente, esse velho assumpto d'uma religião morta.

No «Baptismo» semelhantemente. Ha a accrescentar que no «Baptismo» a emoção creadora, dominante, era principalmente uma emoção contemplativa: uma emoção de paizagem biblica. Mais do que uma acção dramatica, o pintor evocava um trecho da Palestina, onde os vultos das figuras, indecisas e esbatidas como vultos de arvores, se perdiam na luz frouxa e triste do entardecer á beira do lago adormecido. Quando o artista quer recortar e perspectivar a acção, a dentro d'esse ambiente de luz vaga banhando um pedaço de natureza silenciosa, elle não faz senão afrouxar o que a emoção contemplativa creou.

Mas mesmo no pintor retratista se observa um phenomeno identico da creação subjectiva: são sempre mais perfeitos os retratos em que o artista está senhor do assumpto. O assumpto, n'um retrato, é, claramente, a personalidade do retratado. Sendo Antonio Carneiro um artista que se conhece a si mesmo, que se interpreta, que se explica, um consciente da propria individualidade, logicamente conclue-se que o melhor de todos os retratos seria o que elle pintou de si mesmo. De facto é uma tela notavel, da qual Guerra Junqueiro me dizia «ser uma obra d'arte que lembrava e valia qualquer das melhores telas dos grandes mestres hespanhoes». Esse retrato, d'um caracter accentuadamente contemplativo na sua tonalidade vagamente melancolica, reflecte intensamente a ultima phasse, sonhadora, idealista, da mocidade do pintor.

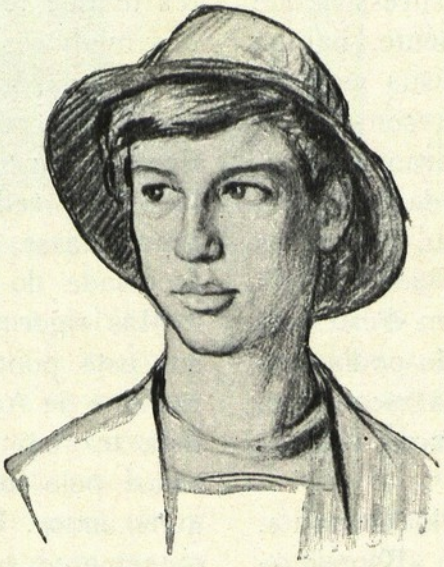
Mas rigorosamente documentativos, sob este ponto de vista, são os dois retratos de Antonio Patricio, que o artista fez em epocas differentes, separados pelo intervallo espaçoso de alguns annos. Esses retratos dão simultaneamente a medida da amplificação evolutiva do artista e do seu processo

de trabalho. O primeiro d'estes retratos, posto que não seja uma obra mediocre, e já accuse uma maneira de pintar francamente pessoal, não é todavia de molde a sustentar uma comparação com alguns retratos que Antonio Carneiro pintou por essa epocha, menos ainda com os que executou depois, como é o de Dona Beatriz Mourão, e até nem mesmo com alguns que o artista pintara anteriormente, como o de Alfredo Coimbra, apezar de este retrato se resentir ainda da influencia de alguns pintores hespanhoes, de Ribera sobretudo. Porém, o ultimo retrato de Antonio Patricio é uma obra perfeita, completa, uma d'estas obras d'arte que, vistas uma vez, não esquecem mais. Esse retrato é mais do que o retrato d'um homem: é a expressão pastica d'um typo humano. E é singela a razão da distancia que vae d'um retrato ao outro: é que não só o pintor evoluiu, mas tambem, na epocha em que pintou o primeiro d'esses retratos, elle conhecia deficientemente Antonio Patricio, ao passo que, ao tempo que desenhou o segundo, já não conhecia a mesma coisa. E para isso creio ter concorrido poderosamente o facto de Antonio Patricio, durante o intervallo de tempo que vae de um retrato ao outro, ter publicado o «Oceano», livro que, alem de ser uma especie de automonographia psychologica do poeta, feita em linguagem d'arte, é tambem a expressão subjectiva, intensamente sentida, d'uma grande crise da alma contemporanea. E é por isso mesmo que esse retrato, como obra d'arte, attinge a latitude d'um typo humano.

De resto, é esta a qualidade predominante de Antonio Carneiro e aquella que revela accentuadamente o seu genio creador, mesmo como pintor de retratos: é retratar individuos, dando-lhes ao mesmo tempo, sem lhes apagar o caracter que lhes imprime individualidade, a maxima generalidade possivel de typos.

Cada homem abrange em si e representa uma porção de humanidade: cada individuo contem em si um typo. Antonio Carneiro, nos seus retratos, não exprime exclusivamente a individualidade do retratado, exprime tambem a amplitude representativa. Isto, que affirmo, podia ainda ser exemplificado com o retrato do snr. Francisco Cardoso, — uma obra d'arte poderosa, impressiva, que dirieis desenhada com uma sobriedade leonardesca. De resto, o «Christo», que é senão um retrato ideal d'um homem universal, que abrange e representa uma humanidade, o retrato do Homem?

Como paizagista, é ainda e sempre o mesmo subjectivo: mais do que pedaços da natureza, o artista pinta sobretudo as proprias sensações, o que vulgarmente se chama estados d'alma. Fitae de relance uma d'essas paizagens: a natureza em si parece perdida n'uma bruma longinqua e o que avulta e resalta vigorosamente é a sensação do artista, o seu estado su-



ERNESTO *(carvão)*

bjectivo no momento da creação artistica. As paizagens de Antonio Carneiro são notaveis sobretudo pela luz. Ellas não emocionam principalmente pelo desenho, pela linguagem simples das linhas, emocionam sobretudo pela linguagem luminosa. E comprehende-se que assim seja. A luz é a mais expressiva linguagem das coisas. O mesmo objecto, illuminado diversamente, exprime coisas diversas, falla de coisas diversas, desperta sensações differentes. Esta affirmação minha tornar-se-ha evidente um dia breve em que o artista expuzer uma soberba collecção de marinhas, pintadas ultimamente, surprehendentes pelos effeitos de luz.

Se na trajectoria evolutiva d'este artista as telas e os desenhos definitivos marcam os pontos essenciaes d'essa evolução, os estudos — sobretudo os desenhos — representam nas suas minudencias toda a linha evolutiva do artista.

Eu creio poder dizer, sem receio de que me accusem de hyperbolico, que em Portugal se não desenha melhor.

E a demonstra-lo melhor do que eu — está ahi toda a sua obra, desde os estudos da «Ceia» até aos retratos de Antonio Patricio e do snr. Francisco Cardoso, onde Antonio Carneiro attingiu a plenitude da perfeição.

MANUEL LARANJEIRA.

O BERGANTIM

A Macedo Papança

N'um bergantim doirado — audaz e temerario —
Fiz-me rumo do Amor... As brancas vélas pandas,
— Infladas como outróra as vélas de um corsario, —
Transportaram-me, em breve, o barco áquellas bandas.

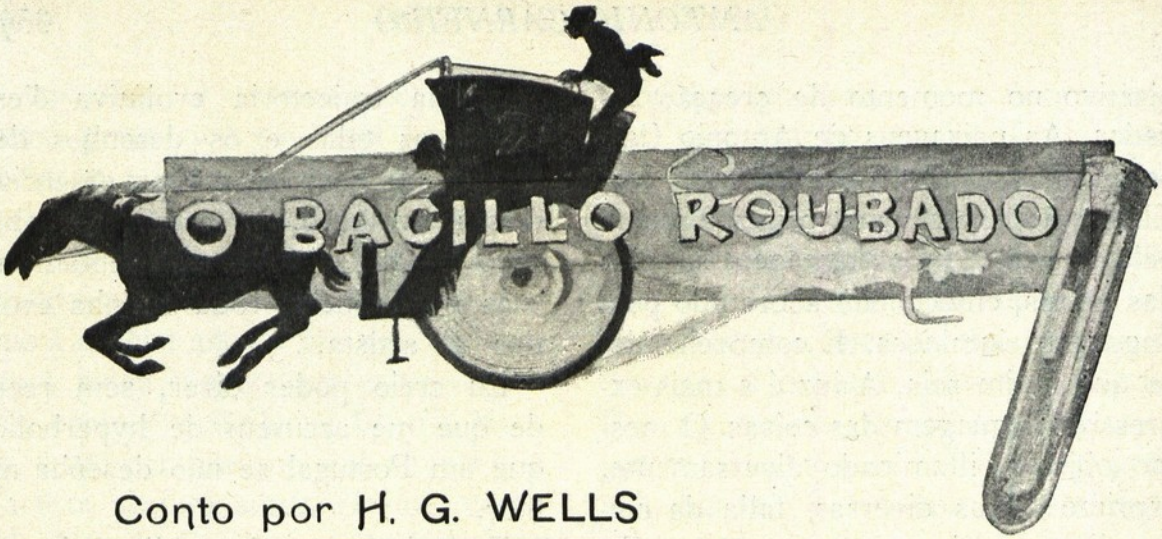
Era um paiz formoso! Immenso Sanctuario,
Patria de virgens mil... Nas doces fallas brandas,
Nos meigos corações, eu — louco visionario! —
Revia as que eu amei Imagens Venerandas!

Amei, gosei, vivi... Depois, deixando o amor,
Sulquei de novo o Mar, em busca do caminho
Das Indias do Milhão — el-Rei nosso Senhor!... —

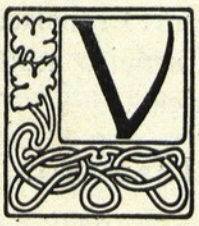
Depois... tombei exhausto! E hoje, só, com o Passado,
Deduzindo o Futuro, eu vivo tão sósinho,
Sem virgens, sem Amor, sem bergantim doirado...

Rio de Janeiro — Outubro de 1906.

FERNANDO NERY.



Conto por H. G. WELLS



VEJA agora isto! — disse o bacteriologista, collocando um vidrinho sob o microscopio — Isto é nada mais nada menos que uma preparação do afamado bacillo do cholera, o germen d'essa terrivel doença.

O homem espreitou; mas evidentemente não estava costumado áquillo, e levou a mão branca ao olho que estava fora da ocular.

— Não vejo quasi nada — disse elle.

— Ande com o parafuso — retorquiu o bacteriologista — talvez que o microscopio esteja fora de foco para a sua vista. A vista varía muito. Basta um tudo nada para a direita ou para a esquerda.

— Ah! agora vejo! — exclamou o visitante — Que, a dizer a verdade, não ha lá muito que ver. Uns traçosinhos de nada, umas nodoasinhas vermelhas. E no emtanto, estas particulas insignificantes, estes simples atomos, podem multiplicar-se e devastar uma cidade inteira! É pasmoso!

Tirou o vidrinho do microscopio e ergueu-o, pondo-o á luz da janella.

— Mal se vêem! — disse elle, examinando o preparado. E depois de hesitar um momento, proseguiu — E estes estão vivos? São perigosos, assim como estão?

— Não! — replicou o bacteriologista. — Esses foram coloridos e mortos. Quem me dera a mim que nós pudessemos colorir e matar todos que existem por esse mundo fóra!

— Supponho — disse o homem pallido, com um sorriso imperceptivel — que os senhores não se dão ao incommodo de mexer com cousas d'estas no estado de vida ou de actividade?

— Pelo contrario! — respondeu o sabio — somos obrigados a tel-as. Olhe, por exemplo — e atravessou o gabinete e pegou n'um de entre varios tubos sellados — Aqui tem uns com vida. É a cultura das bacterias authenticas e vivas — e hesitou um momento — Cholera engarrafado, por assim dizer.

No rosto pallido do homem appareceu por um instante um vislumbre de jubilo.

— É um perigo de morte uma cousa d'estas nas suas mãos — disse elle, devorando com os olhos o exiguo tubo.

O bacteriologista reparou no morbido prazer denunciado nas feições do visitante. Interessava-o, exactamente

pelo contraste das suas disposições, aquelle homem que n'aquella tarde se lhe apresentára com uma recommendação de um amigo velho.

O cabello corredio e negro, os olhos pardos e profundos, o esgazeado aspecto e os ademanes nervosos, o alvoroço intermittente do visitante, tudo formava um contraste novo com as fleugmaticas deliberações do coadjuvador scientifico que fazia de ordinario companhia ao bacteriologista. Era porventura natural, em presença de um ouvinte evidentemente tão impressionavel aos effeitos mortiferos do bacillo, encarecel-os o mais possivel.

Com ar meditabundo, o sabio levantava o tubo na mão.

— É como lhe digo, está aqui presa a peste. Basta partir um tubosinho d'estes dentro de um reservatorio de agua potavel, dizer a estas particulas minusculas de vida que só se tornam visiveis tingindo-as e usando do poder maximo do microscopio, particulas que nem affectam sequer o olfacto ou o paladar... basta dizer-lhes: «Vamos, crescei e multiplicae-vos, desenvolvei-vos por essas cisternas», e sobre esta cidade se soltará a morte, morte mysteriosa e impenetravel, rapida e terrivel, cheia de agonia e de vileza, morte que se alastrará á procura de victimas. Aqui arrebatará o marido á esposa, alem o filho á mãe, mais longe o estadista ás suas lucubrações ou o operario ás suas fadigas. Seguirá pela canalisação, rastejando ao longo das ruas, desolando as casas onde se esqueceram de ferver a agua potavel, coando-se para os depositos dos fabricantes de agua mineral, insinuando-se nas lavagens das saladas, entorpecida temporariamente no gelo. Espreitará o ensejo de ser absorvida pelos cavallos nos tanques, e por descuidosas creanças nos marcos fontenarios. Embeber-se-ha no solo, para reapparecer em fontes e poços em milhares de sitios inesperados. Dêem-lhe o primeiro impulso dentro do deposito da agua, e antes de lhe podermos pôr cerco e apanhal-a de novo, terá dizimado a metropole.

Calou se abruptamente. Lembrou-se de que o accusavam de um defeito: o amor á rethorica.

— Mas por agora está aqui seguro, não ha que receiar.

O homem pallido fez um aceno. Brilharam-lhe os olhos. Aclarou a garganta.

— Esses anarchistas... uma sucia de bandidos... — disse elle — são tolos de todo... pedaço de patetas, a servirem-se de bombas, quando podem lançar mão d'este expediente. Quer-me parecer...

Sentiu-se na porta uma pancada leve, um ligeiro bater de dedos. O bacteriologista abriu-a.

— Chega aqui um instante, tem paciencia — segredou-lhe a esposa.

Quando voltou ao laboratorio, estava o visitante a consultar o relogio.

— Não me passava pela ideia que lhe tinha feito perder uma hora de um tempo, que lhe é precioso — disse elle — Faltam doze minutos para as quatro. Devia ter-me ido embora ás tres e meia. Mas estas cousas realmente eram tão interessantes! Decididamente, não posso demorar-me nem mais um instante. Tenho onde estar ás quatro.

Sahiu do laboratorio reiterando os seus agradecimentos, e o bacteriologista acompanhou-o até á porta, e depois voltou pensativo pelo corredor fora. Scismava nos caracteres ethnologicos do visitante. Com certeza que aquelle

homem não era um typo teutonico, nem um vulgar typo latino.

— Um producto morbido é o que é, afinal de contas! — disse o bacteriologista com os seus botões. — A ternura com que elle examinava estas culturas de productos pestiferos!

Abalou-o um pensamento apprehensivo. Foi á banca que estava ao pé do banho de vapor, e d'ahi volveu apressadamente á secretaria. Depois procurou atabalhoadamente nas algibeiras, e em seguida precipitou-se para a porta.

— Querem ver que o deixei na mesa do *hall!* — exclamou — Minnie! — gritou elle em voz rouquenha correndo para fora.

— Que queres? — respondeu de longe uma voz feminina.

— Eu levava alguma coisa na mão, quando estive a falar comtigo, agora mesmo?

Uma pausa.

— Não, não tinhas nada. Até me lembro...

— Com mil demonios! — bradou o sabio, desatando a correr como um doido para a porta da rua e galgando os degraus n'um impeto.

Minnie, ouvindo a porta bater com violencia, chegou muito assustada á janella.

Na rua, enfiava para dentro de um *cab* um homem magro e esgrouviado. O bacteriologista, sem chapeu e em chinellos, corria e gesticulava desorientado na direcção d'este grupo. Cahiu-

O BACTERIOLOGISTA... CORRIA E GESTICULAVA DESORIENTADO NA DIRECÇÃO DO GRUPO

lhe um chinello, mas elle nem pensou em apanhal-o.

— Endoideceu! — disse Minnie — Foi aquella horrenda sciencia que lhe deu volta ao miolo. E, abrindo a janella, dispôz-se a chamal-o a gritos.

O homem magro voltara-se de repente, e pareceu impressionado com

VINHA-LHE NA PIUGADA...

a mesma ideia de transtorno mental. Apontou rapidamente para o bacteriologista, disse umas palavras ao cocheiro, estalou o chicote, sentiu-se o tropear dos cavallos, e n'um momento, o *cab* mais o bacteriologista, que lhe ia loucamente no encalço, tinham desapparecido ao voltar de uma esquina.

Minnie ficou uns instantes debruçada á janella. Depois recolheu a cabeça, estarrecida.

— Lá excentrico é elle! — meditou — Mas isto de correr pelas ruas de Londres, cheias de gente, e demais a mais de chinellos!

Occorreu-lhe uma excellente ideia. Poz o chapeu a toda a pressa, agarrou nos sapatos do marido, tirou do cabide o chapeu d'elle e o sobretudo mais leve, sahiu á porta, e enfiou para um *cab* que opportunamente passava.

— Bata por ahi fora na direcção de Havelock Crescent, e veja se vê um sujeito a correr com um casaco de belbutina e descarapuçado.

— Casaco de belbutina, e descarapuçado. Sim, minha senhora.

E o cocheiro fustigou logo os cavallos com a maxima naturalidade, como se todos os dias estivesse habituado a uma corrida assim.

D'alli a pouco, o grupo de cocheiros e de vadios, que costuma estar reunido na praça de trens que ha em Haverstock Hills, observou surprehendido a passagem de um *cab*, puxado por uma pileca côr de ganga, correndo á desfilada.

Ficaram calados emquanto elle passou, e logo depois disse o alentado cocheiro conhecido pelo Tio Tootles:

— Olha quem elle é! É o Harry Hicks. Quem diabo leva elle no *cab*?

— Safa! Vae nas horas de estalar, lá isso é que elle vae! — disse o rapaz da estrebaria.

— Olé! — exclamou um velhote, o Tommy Biles — Ahi vem outro que tal. Que sucia de malucos!

— É o velho George — disse o Tio Tootles — Dizes bem, a modo que leva tambem algum doido. Parece que salta para fora do *cab*. Querem ver que vae a correr atraz do Harry Hicks!

O grupo animou-se. Ouviu-se um coro, cortado por vozes isoladas:

— Anda-me com elle, George! — É uma regata! — Vê lá se o apanhas! — Força com o chicote!

— Vae nas horas de estalar! É um catita! — disse o rapaz da estrebaria.

— Agora é que eu estou banzado! — bradou o Tio Tootles — Ahi vem outro. Estou a ver que todos os *cabs* de Hampstead perderam hoje a tramontana.

— D'esta vez é uma serigaita — notou o rapaz.

— Vae no encalço do typo! — disse o Tio Tootles — Quasi sempre é o contrario!

— Que diabo leva ella na mão?

— Parece a modo uma cartola.

— Olha o ronceiro! Eu cá vou pelo velho George! Um contra tres! — bradou o rapazote.

Minnie passou entre estrondosos applausos. Não lhe agradou muito a manifestação, mas, conscia do dever conjugal que estava cumprindo, foi seguindo por alli fora, em turbilhão, com

os olhos sempre fitos nas costas abauladas do cocheiro George, que tão incomprehensivelmente lhe ia arrebatando o marido por ares e ventos.

O passageiro do *cab* deanteiro ia agachado ao canto, com os braços febrilmente cruzados, agarrado ao pequeno tubo que continha tamanhas forças de destruição. Nos seus ademanes havia um mixto singular de medo e de jubilo. O seu principal receio era que o apanhassem antes de elle realizar o seu intento, mas atraz d'isto havia um terror menos definido mas mais vehemente, causado pela hediondez do seu crime.

Mas a sua exultação sobrepujava muito todos os receios. Não houvera até então anarchista algum que tivesse concebido similhante ideia. Ravachol, Vaillant, todas essas illustres personalidades cuja fama elle invejara, ficavam a perder de vista ao pé d'elle.

Bastava apenas que elle chegasse ao reservatorio das aguas, e lhe despejasse para dentro o conteúdo do tubo. Com que engenho formulara elle aquelle plano, forjara a carta de apresentação, alcançara entrada no laboratorio, e com que pericia elle soubera aproveitar-se do ensejo propicio!

Até que, afinal, o mundo ficaria sabendo quem elle era. Toda essa gente que o olhara d'alto, que o desdenhara, que se rira d'elle, que por outros o havia preterido, que se esquivara á sua companhia, toda essa gente havia de tel-o d'ora ávante em consideração. A morte, a morte, a morte! Tinham-no sempre tratado como pessoa de pouco mais ou menos. Haviam todos conspirado para o pôr na sombra. Ia ensinar a todos as consequencias de isolar um homem.

Que rua era esta? Bem a conhecia: Saint Andrew Street. Exacto! Em que alturas iria a carreira? Debruçou-se para fora do *cab*. O bacteriologista vinha-lhe na piugada, á distancia de cincoenta metros, quando muito. Mau! Era capaz de o agarrar e de lhe tolher ainda o proposito. Metteu a mão ao bolso, e achou meia libra. Extendeu o braço e mostrou-a ao cocheiro.

— Dou-te mais — berrou elle — se não nos apanharem.

O dinheiro foi-lhe de prompto arrancado da mão.

— Prompto, patrão! — bradou o cocheiro.

E o chicote extendeu-se pelo dorso luzidio do cavallo. Houve um solavanco, e o anarchista, que ainda não se sentara bem, poz a mão contendo o tubosinho de vidro sobre o batente

VIVE L'ANARCHIE!

do *cab*, afim de se manter em equilibrio. Sentiu então um estalido, e o fundo do tubo telintou no chão do carro. Cahiu no assento a praguejar, olhando com desalento para as duas ou tres gotas de liquido cahidas no batente.

Teve um arripio.

— Deixal-o! Serei eu o primeiro! Safa! Serei um martyr! Já isto é alguma cousa; mas em todo o caso, é uma morte immunda. Será tão dolorosa como dizem?

De repente occorreu-lhe uma ideia. Procurou entre os pés. Havia ainda uma gota no fundo quebrado do tubo. Sorveu-a, por sim por não. Melhor era não estar com duvidas. Ao menos assim não falhava.

Lembrou-se então de que já não havia necessidade de fugir ao bacteriologista. Chegado a Wellington Street, deu ordem ao cocheiro para parar, e apeiou-se. Sentia a cabeça a modo atordoada. Era de effeitos rapidos o tal toxico do cholera. Disse adeus ao cocheiro, como quem se despedia da vida, e deixou-se ficar no meio da rua, de braços cruzados, á espera do sabio. Havia na sua attitude algo de tragico. O sentimento da morte imminente dava-lhe uma certa dignidade. Acolheu o seu perseguidor com uma gargalhada de desafio.

— *Vive l'Anarchie!* Chegou tarde, meu caro amigo. Bebi a mistela. O cholera anda á solta!

De dentro do seu *cab*, o bacteriologista vibrou-lhe um olhar de curiosidade atravez dos oculos.

— Bebeu! Um anarchista! Agora já percebo.

Ia accrescentar o que quer que fosse, mas conteve-se. Ao canto da bocca appareceu-lhe um sorriso. Abriu o batente do *cab* como se quizesse apeiar-se; n'isto o anarchista dirigiu-lhe um aceno de tragica despedida e encaminhou-se para a ponte de Waterloo, roçando cuidadosamente o corpo infectado por toda a gente que apanhava a geito.

Tão preoccupado estava o bacteriologista com este espectaculo que nem sequer deu o minimo indicio de surpreza á apparição de Minnie, na rua, com o chapeu, mais os sapatos e mais o sobretudo.

— Fizeste muito bem em me trazer tudo isto — disse elle.

E ficou embevecido no vulto do anarchista, que se afastava.

— É melhor entrares no *cab* — disse elle — sempre embasbacado.

Minnie convenceu-se então de todo de que elle endoidecera, e tomou a responsabilidade de dar ao cocheiro o endereço da casa.

— Que calce os sapatos? Pois sim, sim! disse elle.

O *cab* começou a andar, e escondeu-lhe dos olhos o vulto negro e ondulante, que a distancia amesquinhava.

Depois occorreu-lhe uma lembrança grotesca, e desatou a rir. Em seguida explicou-se:

— O caso é serio, afinal de contas. Não sei se sabes que aquelle homem veiu ter comigo ao laboratorio, e é anarchista. Nada de cheliques, senão não posso contar o resto. Eu o que quiz foi assombral-o, sem saber que elle era anarchista, e então peguei n'uma cultura d'aquella especie nova de bacterias, aquella de que te falei, que inficcionam e creio que produzem umas nodoas azues em varios macacos; e por brincadeira, disse-lhe que era o cholera asiatico. Vae elle, desatou a correr com o tubo, na ideia de envenenar as aguas de Londres, e o que elle ia fazer era surdirem cousas azues aos

olhos d'esta civilisada metropole. E agora enguliu tudo. Vá lá saber agora o resultado! Não sei se te lembras que aquillo poz o bichano azul de todo, e fez umas malhas nos cachorros, e o passarinho ficou azul que era uma belleza. Mas o que me rala é a maçada e a despeza que eu vou ter para arranjar mais. Queres que vista o sobretudo? Pois vá lá! Apezar do dia estar quente... Emfim! se é por causa das visitas...

Trad. do inglez de H. G. WELLS.

Reminiscencias do Alem

Onde achar esse pouzo ambicionado,
essa doce mansão, que anciosa aspira
minh'alma — Prometheu acorrentado —
fitando o ceo, translucida saphira?

Onde achar esse paramo sonhado,
distante, bem distante da mentira,
deste drama da vida, este enredado
drama triste em que o mundo nos admira?

Clamo, peço, interrogo e a propria sciencia
um allivio não tem, uma esperança,
para a dôr dessa negra contingencia!...

Esquece, oh, alma inquieta, e emfim descança;
esquece essa fatal reminiscencia
— esse pouzo, esse céo, essa lembrança!

Rio de Janeiro — 1906

DOMINGOS MAGARINOS.

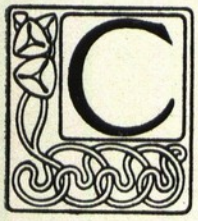
GUERRAS COLONIAES

As operações militares no Sul de Angola

EM 1905

II

A campanha no districto da Huilla, seu objectivo Preparativos e disposições adoptadas



Como tivemos occasião de dizer ao tratar da situação do districto da Huilla, nos principios do anno de 1905, o gentio de além Cunene, arrogante pelo desastre infligido ás nossas tropas em setembro de 1904, andava em correrias e depredações pela margem direita do rio e ameaçava os nossos fortes, ao mesmo tempo que os indigenas das terras consideradas submettidas e até os da parte alta da região de Mossamedes estavam desrespeitosos para com a auctoridade e insolentes para com os europeus, a ponto de ser receiada por estes uma sublevação geral dos povos de áquem Cunene.

A independencia em que se conservava o sobado de Mulondo, valhacouto de salteadores e terra que já tinha derrotado as nossas armas, e onde o sanguinario e soberbo Hangalo se jactava de não consentir a entrada da auctoridade portugueza, era um desprestigio flagrante á nossa soberania e uma manifestação da nossa impotencia. Porque constituia um incentivo á revolta dos povos fieis, e ainda porque a alliança que tinha com os rebeldes da outra margem era um perigo para a segurança dos territorios da margem direita do Cunene, tornava-se urgente acabar com esse lendario poder de Hangalo e assentar uma fortaleza nas terras de Mulondo, que fosse padrão incontestavel do nosso dominio e que nos desse a posse de toda a margem direita do Cunene. Eis o primeiro e o principal dos objectivos que certamente devia ter a campanha a emprehender.

Nos Gambos, algumas alterações tinha havido na situação como atraz a descrevemos: a necessidade de conjurar o perigo, que parecia imminente, da revolta dos mugambos e dos muchimbas, e a falta de elementos militares de confiança tinham levado o governo local a transigir com o gentio, depondo o soba D. João e acceitando na *embala* o pretendente Cander a quem aliás foram impostas algumas condições

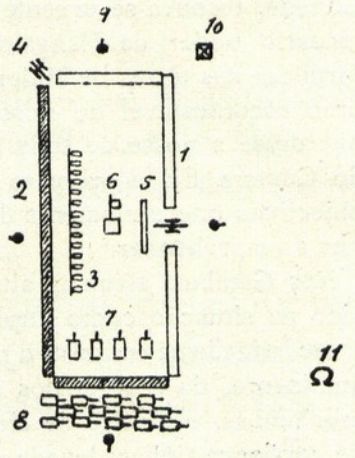
indicativas da sua fidelidade e submissão á auctoridade. Uma vez, porém, collocado na *embala*, Cander nenhuma d'essas condições cumpriu, e proclamou ao seu povo que foi pela força que conquistou aquelle logar, que não ia á fortaleza, que não recebia ordens do commandante, e que sobre o povo dos Gambos era elle quem mandava. Aos emissarios do commandante militar, fallava Cander n'um outro tom dizendo que não ia á fortaleza por ter medo e que não cumpria as ordens do governo porque não podia — elle era escravo do povo e só podia fazer o que o povo quizesse. Submetter a região dos Gambos, castigando aquelles que mezes antes tinham feito fogo sobre as nossas tropas, e em geral o gentio que depois apoiava o soba na sua rebeldia, era necessariamente outro objectivo que a campanha tinha a realisar.

Ao mesmo tempo que se consolidava assim o nosso dominio nos territorios de áquem Cunene, era complemento indispensavel para a segurança e tranquillidade da região e para o levantamento do nosso prestigio entre o gentio mostrar aos povos de alem Cunene que não mais estavamos dispostos a assistir impassiveis ás suas correrias pelas terras fieis: as grandes operações projectadas para mais tarde haviam, é facto, de derrotar os quamatos, dominal-os completamente e occupar-lhes o territorio; mas até lá preciso era contel-os e abater-lhes a soberba, entrar-lhes pelas suas terras mostrando-lhes que o podemos fazer tão bem ou melhor do que elles quando veem razziar nas nossas, matar-lhes gente e tirar-lhes gado, e sobretudo fazel-os consumir munições, que é o golpe mais certeiro que á sua força se póde vibrar. Foi este o terceiro e ultimo objectivo da campanha.

A columna destinada a desempenhar a missão que fica indicada era composta de um pelotão de sapadores, uma secção d'artilheria, dois pelotões de dragões, uma companhia europea d'infanteria, uma companhia indigena d'infanteria (a 12.ª de Moçambique completada com um pelotão da 11.ª), um corpo franco de auxiliares boers, auxiliares indigenas, serviço de saude e da administração militar, e comboio; com um effectivo total de 641 homens de tropas regulares, dos quaes 308 europeus, 77 auxiliares boers, 1:000 auxiliares indigenas, 2 boccas de fogo, 192 solipedes, 14 viaturas e 264 bois de tracção.

O commando da columna foi confiado ao governador do districto da Huilla, capitão do serviço d'estado maior José Augusto Alves Roçadas, que nos escolheu para seu chefe de estado maior. Os serviços administrativos e de

BIVAQUE NA CACHANA



Legenda

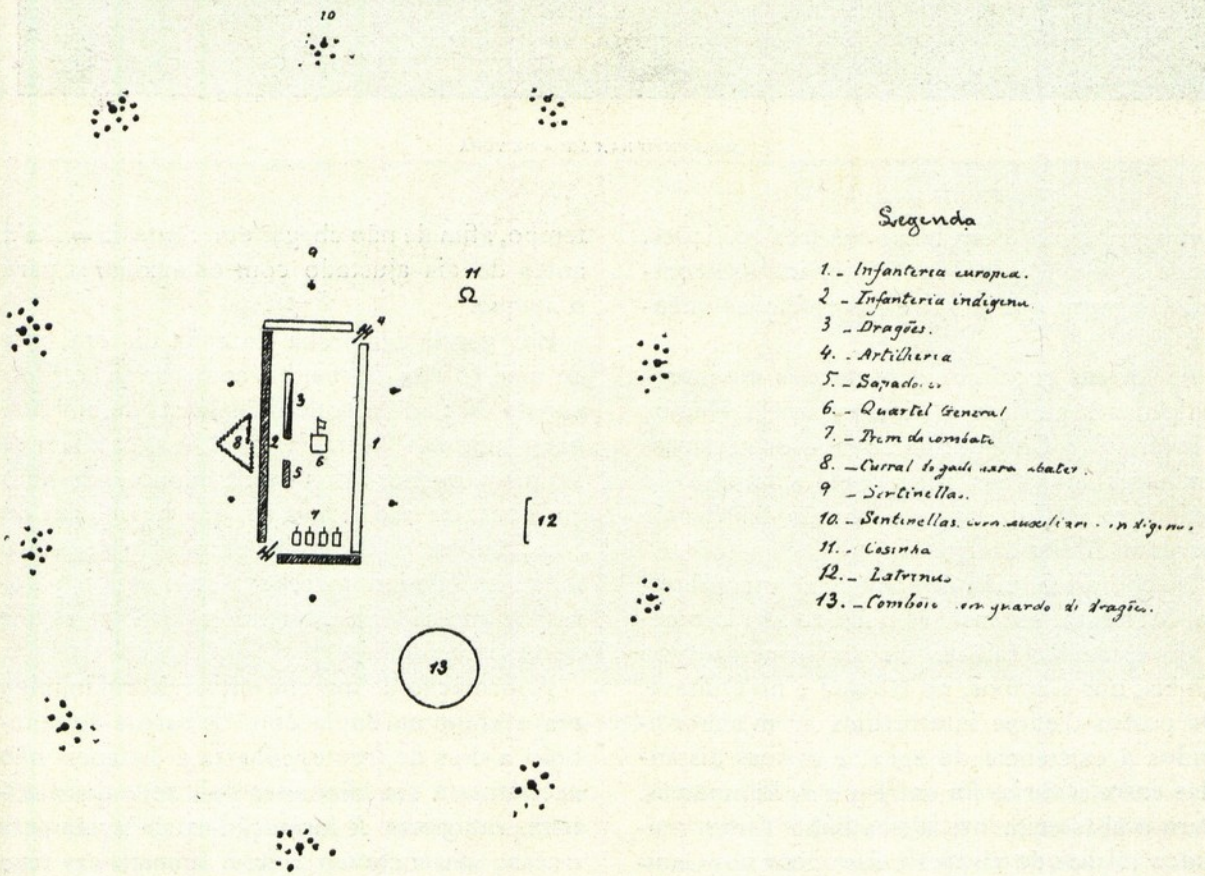
1. — Infanteria europea
2. — Infanteria indigena
3. — Dragões.
4 — Artilheria.
5 — Sapadores.
6. — Quartel General.
7. — Trem de combate.
8. — Comboio.
9. — Sentinellas.
10. — Observatorio sobre uma arvore.
11. — Cosinha.

saude ficaram respectivamente a cargo do tenente da administração militar Antonio Domingos Ferreira e facultativo de 2.ª classe Manuel Gomes Barreto; commandava o comboio o alferes de infanteria Germano Dias; e as unidades eram commandadas, a infanteria européa pelo capitão Alberto Salgado, a infanteria indigena pelo capitão Antonio Luiz dos Remedios e Fonseca, a cavallaria pelo tenente Antonio Mendes Serra, a artilheria pelo alferes Manuel Augusto Rodrigues, e o pelotão de sapadores pelo tenente d'infanteria Viriato Lopes Ramos da Silva.

O capitão Roçadas, que acabava de chegar á provincia e que assumiu em 12 de agosto o governo do referido districto, começou desde logo os preparativos para a organisação da columna.

Houve então, no Lubango, um periodo de trabalho sem descanço, em que se desenvolveu muita dedicação e boa vontade para vencer no mais curto praso essa enorme tarefa que ia desde a instrucção das tropas e preparação de munições, equipamentos, arreios e material de bivaque até á acquisição de viveres e ao abastecimento da extensa linha d'etapes que a columna tinha de percorrer. Tal foi a actividade desenvolvida, que em 19 de setembro podia ser dada a ordem que fixava a organisação da columna d'operações e determinava a respectiva mobilisação, e tres dias depois era dada a ordem de marcha para o dia immediato — 23 de setembro —, em que effectivamente a columna sahiu do Lubango.

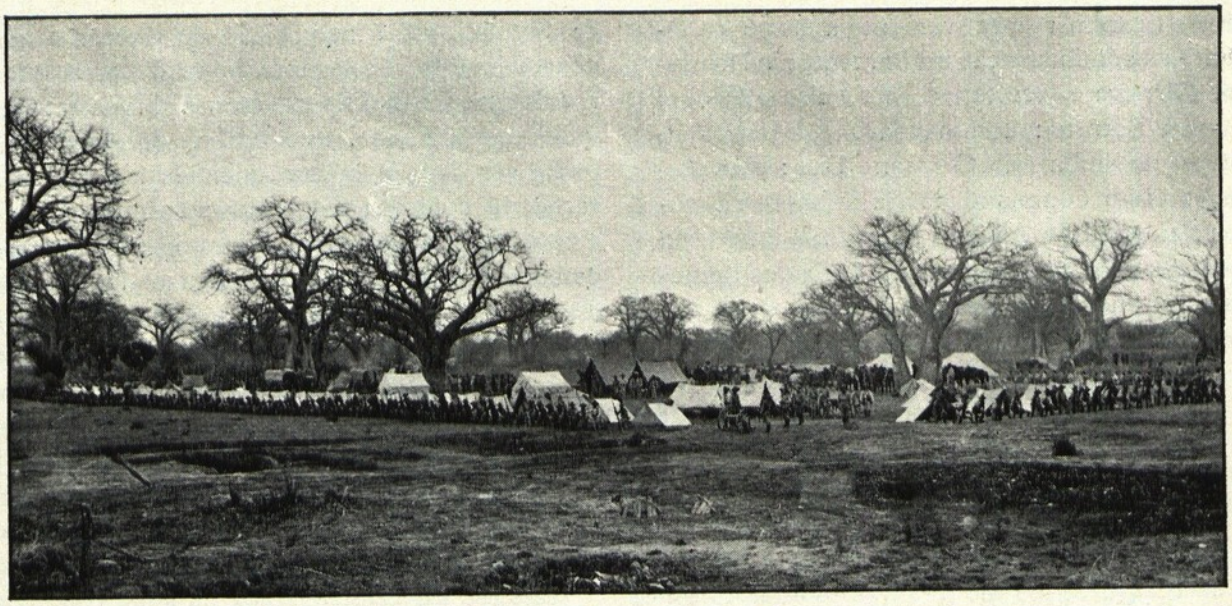
BIVAQUE NO MUCOPE



Ás praças européas foi distribuido armamento Kropatscheck, ás indigenas Martini O corpo franco ia armado com Mausers e Martinis; os auxiliares indigenas com espingardas Snyder e de piston.

O municiamento da infanteria, européa e indigena, e dos dragões, foi de 220 cartuchos por praça, indo 100 com o individuo; as boccas de fogo iam municiadas com 80 tiros cada uma, levando 36 no armão e os restantes no trem de combate. Aos auxiliares boers foram distribuidos 100 cartuchos por homem, e 20 aos auxiliares indigenas.

Para a alimentação das tropas foi adoptado,



ACAMPAMENTO NA LAGOA DE YÔHA

como principio, o systema das tres refeições, sendo a segunda fria, confeccionando-se comtudo, sempre que possivel, as refeições quentes.

As tropas regulares e parte dos auxiliares indigenas seguiriam o itinerario pelo Humbe e subiriam o Cunene; os boers e os restantes auxiliares indigenas iriam pelo caminho do Quipungo ao Capelongo, descendo depois pela margem direita do rio.

Na comprida linha de etapes Lubango, Humbe, Mulondo, extensa de mais de 400 kilometros, estabeleceram-se postos principaes na Chibia, nos Gambos, no Humbe e no Quiteve. Os postos d'etape intermedios eram subordinados á existencia de agua, e as suas distancias entre si variavam entre 9 e 24 kilometros. Para o abastecimento d'esta linha, foram reunidos 15 dias de viveres e forragens nos Gambos, 30 dias no Humbe e 16 no Quiteve.

Marcha sobre Mulondo

A marcha do Lubango até á *embala* do Mulondo effectuou-se em 32 dias, tendo-se posto a columna em movimento no dia 23 de setembro, e indo acampar no vau do Cácua a 24 de outubro. D'estes 32 dias, 9 foram de descanço, e n'aquelles em que se marchou a média das etapes, do Lubango ao Humbe, foi de 17 kilometros, e do Humbe ao Mulondo de 12 kilometros, sendo os menores percursos feitos n'esta segunda parte do trajecto devidos á necessidade que a columna tinha de ganhar tempo, afim de não chegar em rente da *embala* antes do dia ajustado com os auxiliares para o ataque.

Em geral, a marcha de cada dia era feita de uma só vez, de manhã, começando ao romper do dia; ao cabo de duas horas de marcha, havia um alto de meia hora, e succediam-se depois pequenos altos de 10 minutos, de hora em hora, ou nos locaes em que havia agua ou boa sombra. O comboio, emquanto se esteve longe do inimigo, marchava com algumas horas de antecedencia, quando não podia seguir de vespera.

A formação de marcha em territorio inimigo era a columna dupla com os carros do comboio a dois de frente, coberta a distancia não excedente a um kilometro pela rede dos auxiliares indigenas A formação estabelecida para o caso de encontro com o inimigo era uma reserva em quadrado, e o resto da força em linha, amoldando-se ao terreno e adoptando disposições offensivas ou defensivas conforme as circumstancias.

Nos locaes d'etape, a columna bivacava: as praças armavam as suas tendas abrigos, e os officiaes dormiam em barracas. Nas proximidades do inimigo, o bivaque era sempre em quadrado, e o comboio formava geralmente *laager* circular na direcção de uma das diagonaes. O serviço de segurança do bivaque era constituido por grupos de auxiliares em volta do quadrado, sentinellas ás faces e patrulhas permanentes de cavallaria, alem das rondas dos chefes de auxiliares e dos officiaes

de serviço; nos logares de maior perigo estava sempre em armas uma parte da força.

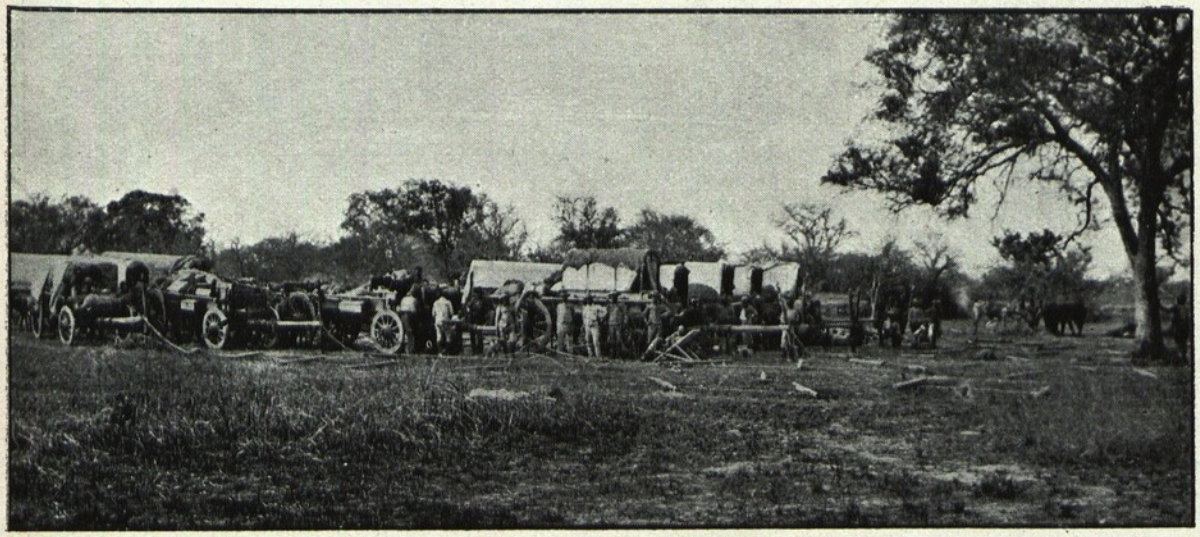
A partir do Catequero, houve varios exercicios de combate e toques de alarme tanto em marcha como em estacionamento. No alarme do bivaque da lagoa Yôha, a cavallaria gastou 5 minutos a apparelhar, a infanteria em 2 minutos estava armada e equipada e a artilheria em 3 minutos tinha todo o pessoal e gado a postos.

Os soldados, sobretudo os europeus, aguentaram brilhantemente a marcha, chegando quasi sempre ao logar d'etape frescos e a cantar. A unica nota discordante foi a dos soldados indigenas da 11.ª companhia, de Moçambique, que se incorporaram na columna desde o Lubango até ao Humbe: muitas d'estas praças feriam-se nos pés por falta de alpercatas, outras sentiam-se sobrecarregadas com o peso que transportavam e não podiam aguentar a volocidade da marcha, outras ainda, talvez pelo seu pouco tempo de praça, tentaram desertar, o que por vezes conseguiram apezar da vigilancia dos seus officiaes. Os soldados da 12.ª companhia, tambem indigenas de Moçambique, que não eram recrutas e que já estavam aclimados, pois ha cerca de um anno se encontravam de guarnição no Humbe, acompanharam sempre a tropa européa, fazendo boas marchas.

O comboio teve alguns bocados maus a atravessar: ainda não tinha havido grandes chuvas, e por isso não havia atoleiros no caminho; mas havia algumas extensões de areal, que muito fatigavam o gado. Apezar de tudo, o comboio nunca se deixou atrazar, aguentou muitas vezes a marcha da columna e chegou a vencer a distancia de 20 kilometros em um unico *treck*.

A artilheria teve que ir tirada por bois até ao Catequero, por estarem no Humbe as muares que lhe eram destinadas: a sua marcha foi muito difficil nas partes d'areia, sobretudo á sahida da fortaleza dos Gambos, onde demorou notavelmente o andamento da columna. Do Catequero ao Mulondo, seguiu bem.

O estado sanitario das tropas foi em toda a marcha muito bom, para o que certamente concorreu em grande parte a sua magnifica alimentação, distribuida com regularidade, e quasi sempre cozinhada no proprio local Mercê das disposições adoptadas pelo chefe dos serviços administrativos, poucos foram os dias em que deixou de haver ração de pão.

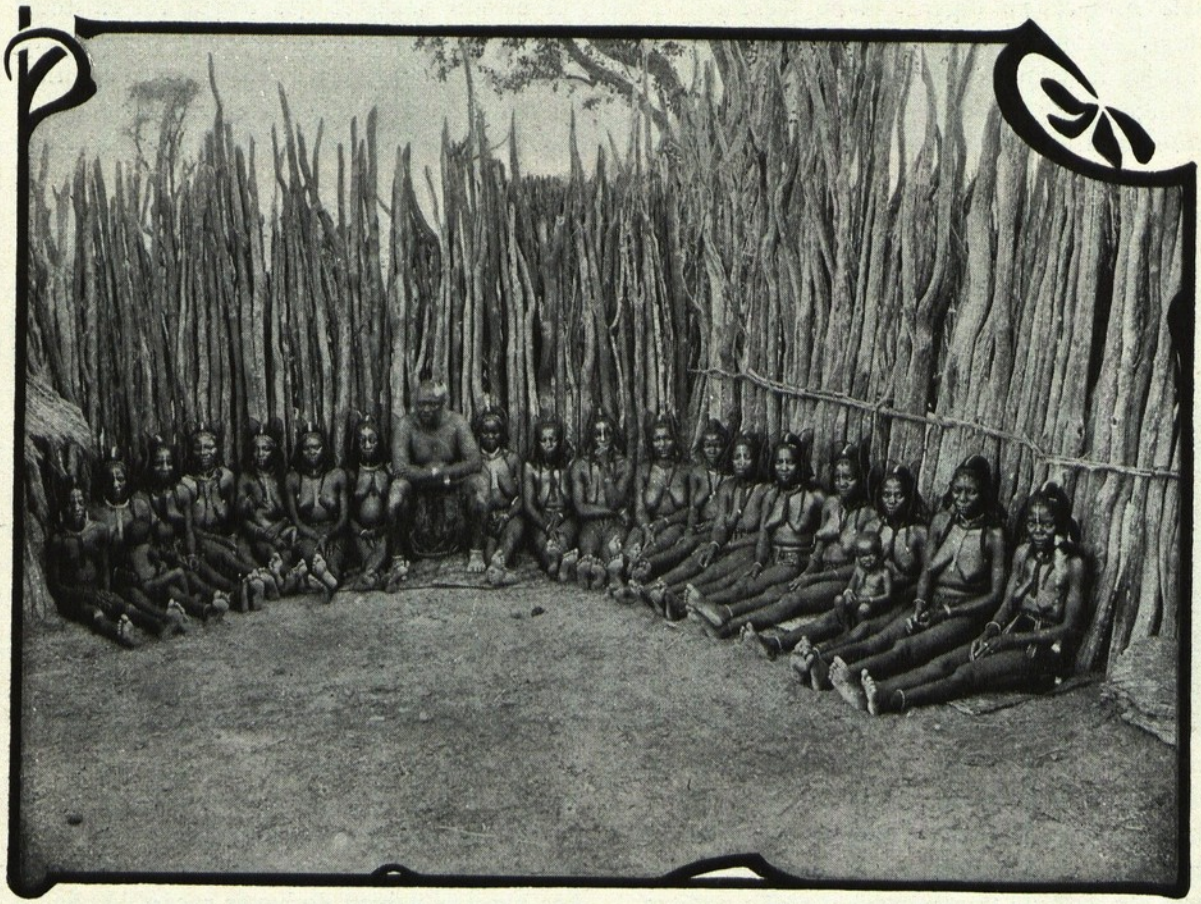


ALARME NO BIVAQUE DA LAGOA YÔHA

O abastecimento d'agua não se pode dizer que fosse igualmente bom: a escassez e a sua má qualidade n'alguns sitios não podiam ser vencidas pelo zelo dos officiaes a quem este serviço estava commettido. A zona mais difficil para o abastecimento d'agua foi a de Birambundo ao Catequero, tendo sido necessario, alem da abertura e limpeza de cacimbas, transportar com antecedencia agua em barris para a Cachana e para a Cavallána. O alumen foi empregado com exito na beneficiação da agua. Do Catequero para o Mulondo, a columna tinha sempre á disposição a magnifica agua do rio Cunene.

Foram tomadas as precauções que se to-

mam em territorio hostil ao atravessar as terras dos Gambos, e em toda a marcha ao longo do Cunene, mas não houve ataque nem alarme algum em todo o percurso. Nos Gambos, o gentio tinha abandonado as libatas visinhas da estrada, em algumas das quaes se viam bandeirolas azues e brancas, que consta terem sido distribuidas pelos missionarios. Nas terras do Humbe, a columna foi bem acolhida pelos indigenas, que vinham em massa aos locaes de estacionamento, e que O gentio do outro lado do rio deixou em paz a columna durante toda a sua marcha; e á fortaleza do Quiteve veiu até um grupo de 57 evales, armados de espingardas finas, que o soba Cavanguelua mandava pôr á disposição do governador e que effectivamente acompanharam a columna e tomaram parte nas operações: foram-lhes em todo o caso distribuidos distinctivos bem differentes dos dos outros auxiliares, para acautelar qualquer caso de traição.



SOBA DA CAMBA COM AS SUAS MULHERES

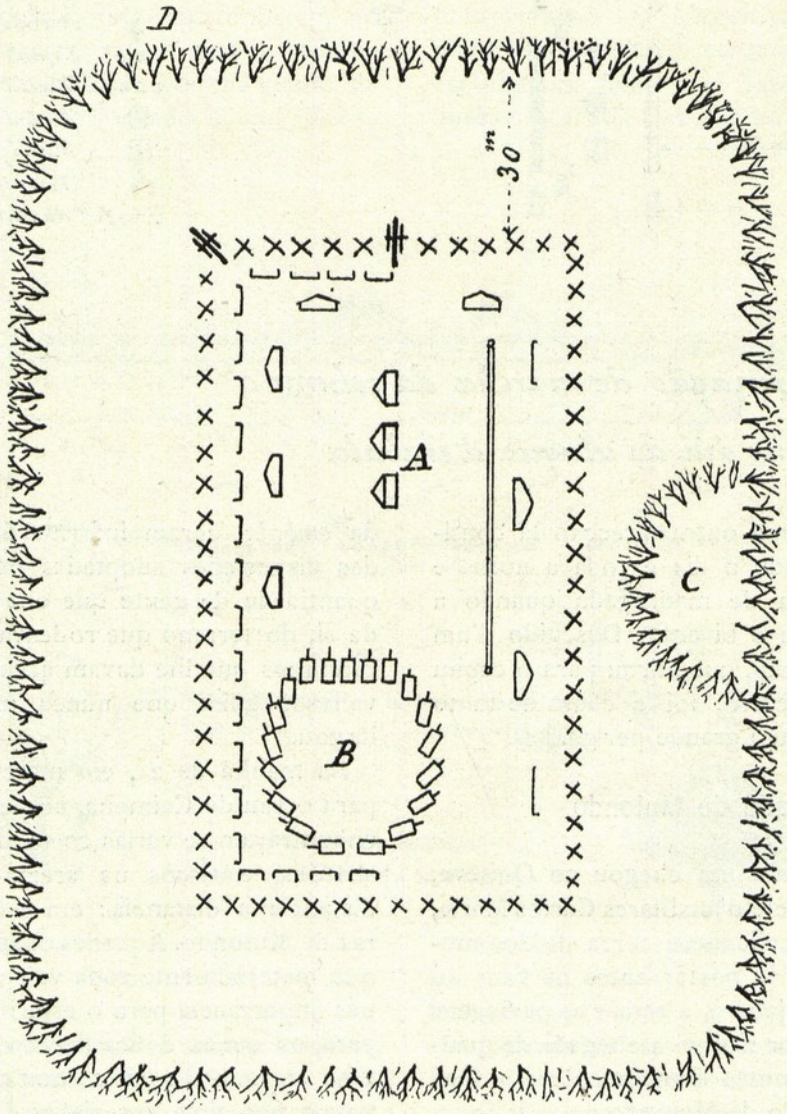
se offereciam com insistencia para acompanhar a columna: poucos d'estes offerecimentos foram acceites, por haver já auxiliares de sobra. Na Camba, veiu o proprio soba, com o seu trajo de gala, de sobrecasaca, saiote de zuarte e chapeu d'aba voltada, offerecer os seus serviços ao governador e trazer-lhe o tradicional presente, um lindo boi amarello. No Quiteve, quasi toda a gente eram emigrados, fugidos á tyrannia de Hangálo, e enthusiasmaram-se com a passagem da columna, que lhes havia de abrir as portas da sua terra.

Um contratempo, que muito inquietou a columna e que podia ter sido de gravissimas consequencias, foi o incendio que se manifestou no capim, perto do acampamento do Gonga. Ainda bem não tinha sido installado o bivaque, nos *arimos* do soba da Camba, quando se pronunciou com violencia o incendio, do lado do Sul, que avançava assustadoramente e se alastrava ameaçando de envolver o quadrado. Officiaes e soldados e os numerosos auxiliares da columna deitaram-se todos a combater o fogo e a preparar a defeza do bi-

vaque: em volta do quadrado e do comboio, limpavam os soldados uma larga faixa de cado lado que elle mais podia incommodar. Ao cabo de tres quartos de hora de fatigante tra-

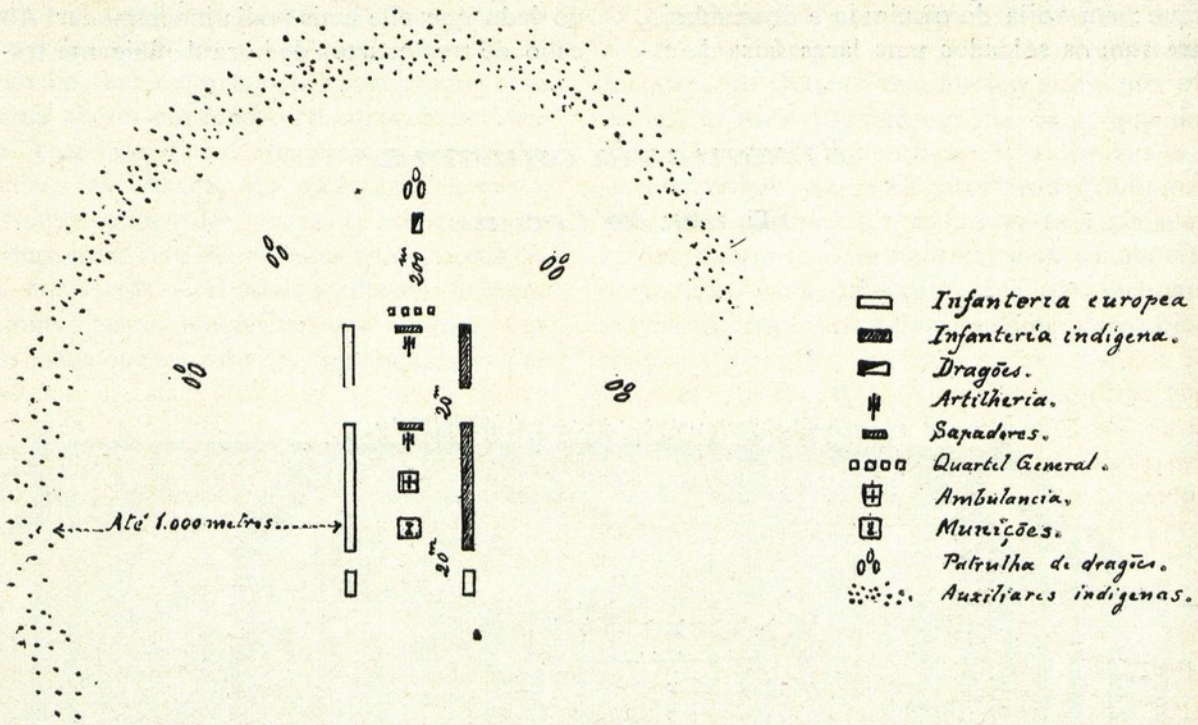
Bivaque da columna

no vau do Cacua



A. - Quartel General
B. - Laager
C. - Sambo do gado para abater
D. - Abatiz
Barraca d'official
Barraca de praças de pret
Corda de piquete

pim, ao mesmo tempo que com moras verdes d'arvore atacavam os indigenas bravamente o incendio, conseguindo dominal-o e apagal-o balho, estava conjurado todo o perigo e voltava-se á normalidade do serviço do bivaque, sem que comtudo tivesse ficado extincto o



Formação de marcha da columna no dia do ataque á embala

incendio, que n'uma outra direcção lá continuou lavrando todo o dia e toda a noite, e ainda se avistava de madrugada quando a columna levantou o bivaque. Descuido d'um carreiro do comboio, que atirou para o capim um phosphoro acceso, foi a causa de tanto incommodo e de tão grande perigo.

A tomada do Mulondo

Logo que a columna chegou ao Quiteve, passou o rio o chefe d'auxiliares Carlos Maria, com gente da localidade e cerca de 300 muchimbas, para se ir postar entre os vaus do Cácua e do Handjabero, a tomar as passagens do Cunene e evitar não só a chegada de qualquer reforço da outra margem, como a fuga de gente e de gado de Mulondo.

A columna avançava lentamente: tendo chegado a 19 de outubro ao Quiteve, alli descançou os dias 20 e 21, e seguiu depois para Chilongo e Caimona, fazendo étapes de 10 e 6 kilometros. Assim era necessario para que o ataque á *embala* tivesse logar no dia combinado—25 de outubro.

Ao caminho tinham vindo apresentar-se alguns fugitivos de Mulondo: dois d'elles, pae e filho, que tinham conseguido escapar-se da *embala*, deram informações interessantes das disposições adoptadas pelo Hangálo, da quantidade de gente que elle tinha em volta de si, do terreno que rodeava a *embala* e dos caminhos que lhe davam accesso. Foram dois valiosos guias que nunca mais a columna largou.

Na manhã de 21, em marcha de Chilongo para o vau de Caimona, ao passar uma matta, encontraram-se varias cortaduras de pequenos abatises, e riscos na areia do caminho de distancia a distancia: era a entrada das terras de Mulondo. Aquelles obstaculos e signaes, que materialmente nada valem, teem comtudo uas importancia para o espirito dos indigenas, para os quaes é um desafio acceite romper uma cortadura e feitiço que quebra as pernas passar por cima dos riscos. Os chefes d'auxiliares passaram adeante, para mostrar que os riscos lhes não quebravam as pernas, e logo com vozearia e saltos passou o cordão de indigenas da exploração.

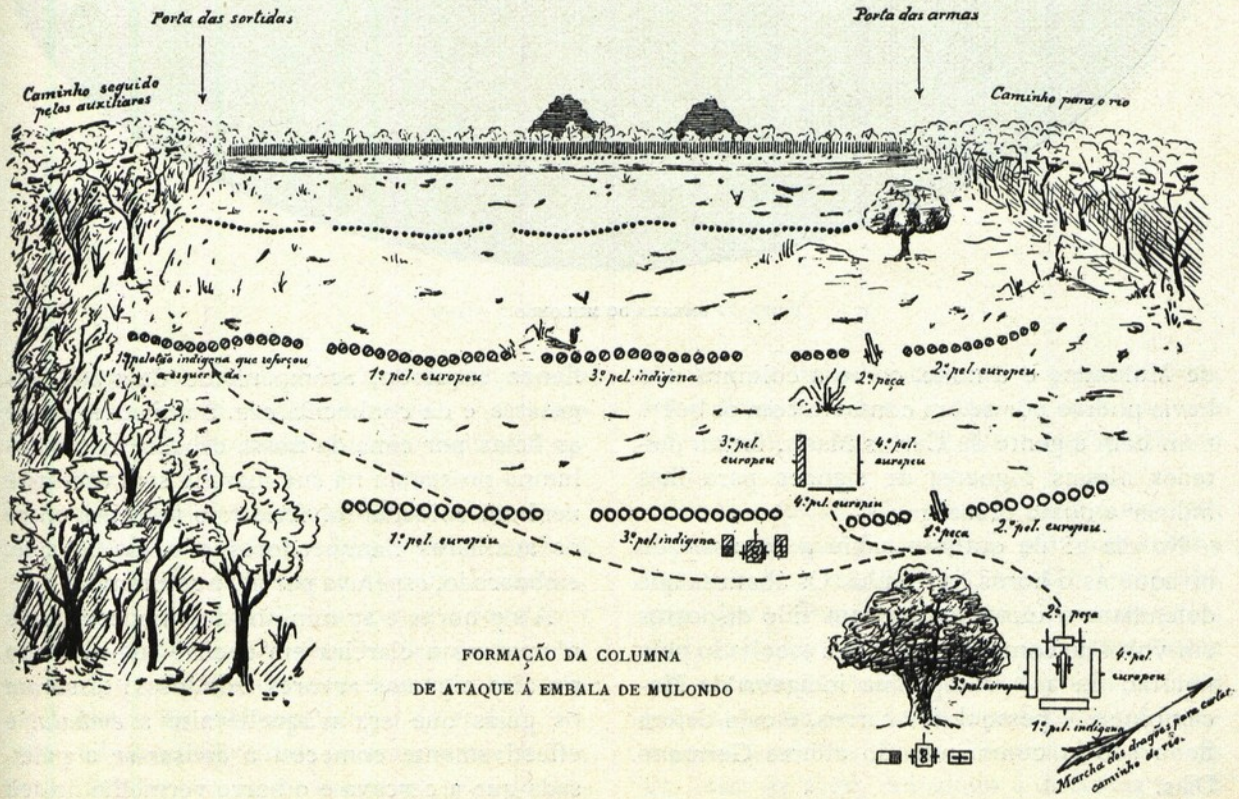
Pouco se tinha avançado, quando n'um terreno descoberto foi avistado ao longe um grupo de indigenas que vinham do lado do rio, e que a correr se mettiam na matta que ficava para nascente. Os auxiliares não os puderam alcançar, mas seguiram-lhes os rastos e viram

que aquella gente tinha passado a noite á beira do caminho, sendo naturalmente vedetas do inimigo.

A's 7 horas da manhã bivacava a columna sem outra novidade, perto do rio, entre os vaus de Caimona e de Cabale. Tinha-se já entrado na parte povoada das terras de Mulondo, os auxiliares indigenas estavam anciosos pelo saque, e por outro lado não havia noticias de confiança sobre a situação do inimigo, ainda que as informações obtidas concordavam em dizer que toda a gente estava concentrada na *embala*. Resolveu então o commandante da columna que o chefe d'estado maior sahisse de tarde em reconhecimento, com a força de dragões e os auxiliares. Tendo partido ás 3 horas, voltavam ao escurecer, depois de chegar até Nanganha e Inhoca e de ter revistado mais de 30 libatas: todas as libatas estavam abandonadas e nem rastos frescos se viam, sendo unicamente encontrado pelos auxiliares um indigena occulto no matto, que foi trazido como prisioneiro para o bivaque; creação raras vezes se encontrava, e objectos aproveitaveis muito poucos; as tulhas é que abarrotavam de mantimento, mas os auxiliares pouco caso d'elle fizeram. Na sua furia de encontrar que roubar, escapavam-se aos chefes, e, a despeito dos esforços d'estes, espalharam-se por uma area enorme, que era accusada pelos rolos de fumo das palhotas que incendiavam.

A noite passou-se em socego, e na madrugada seguinte punha-se a columna em marcha para o vau do Cácua, onde chegava ás 9 da manhã. Este local de estacionamento havia sido de antemão escolhido para que no dia do ataque as tropas pouco tivessem que andar e pudessem entrar frescas em combate. O comboio bivacou em *laager* circular dentro do quadrado, e este foi cercado por abatizes de espinheiros, faina que levou muito tempo, apesar de n'ella trabalharem todos os auxiliares. Quando se estavam cortando os espinheiros, por duas vezes houve algazarra dos indigenas: de uma das vezes, atravessou o campo uma lebre, e da outra mataram uma giboia, factos que elles muito festejaram como de bom agouro para as operações do dia seguinte — a lebre significava que o Hangálo tinha que fugir, e a giboia queria dizer que haviamos de encontrar carne que fartasse (boa presa de gado).

De tarde foi dada a ordem de combate para o dia seguinte, que determinava que o comboio ficasse no logar do bivaque e a columna marchasse directamente ao ataque da *embala*



FORMAÇÃO DA COLUMNA DE ATAQUE Á EMBALA DE MULONDO

EMBALA DO MULONDO

de Mulondo; e á noite, como a columna não havia podido pôr-se em contacto com os boers nem com a gente de Carlos Maria, foram deitados alguns foguetes de signaes para lhes indicar a nossa presença.

No dia 25 de outubro sahiu a columna do bivaque ás 6 horas da manhã. Os abatizes que defendiam o quadrado haviam sido dispostos em volta do comboio, que ficou escoltado pelo pelotão da 11.ª companhia indigena de Moçambique, e pessoal dos carros, e cuja defeza ficou sob o commando do alferes Germano Dias.

A formação da marcha era a que vae indicada na estampa. Commandava a guarda avançada o capitão Salgado, da companhia européa; o grosso da columna, o capitão Fonseca, da 12.ª companhia de Moçambique; e a guarda da retaguarda, o tenente Zuchelli, da companhia européa. A columna seguiu pelo caminho do rio até ao sitio denominado Potengue, que, segundo as informações dos fugitivos de Mulondo, era o melhor ponto para o ataque; metteu então para o lado da *embala*, começando a subir por um caminho estreito aberto em matto de espinheiro que nada deixava ver e embaraçava a marcha, e ás 7 horas e 15 minutos rompia um nutridissimo fogo no flanco esquerdo, acompanhado de grande algazarra e da conhecida *cúa*. Sentiam-se silvar as balas por cima da nossa cabeça, mas a columna proseguiu na sua marcha sem vacillar e nenhum soldado foi ferido: o fogo era entre os auxiliares flanqueadores e o gentio que, emboscado, esperava por alli a columna.

A's 7 horas e 27 minutos desemboccavamos n'uma vasta clareira em declive suave, tendo no alto algumas arvores frondosas; disseram os guias que era n'aquelle alto a *embala*, e effectivamente começou a divisar-se a palissada que a cercava e o barro vermelho do seu parapeito. A columna passou á formação de combate. Dois pelotões da companhia européa, respectivamente sob o commando do tenente Montes Martins e do alferes Elias, e um pelotão da 12.ª companhia indigena sob o commando do alferes Pires, estenderam em atiradores á distancia de 600 metros da *embala*. O pelotão indigena ficou no centro, o do tenente Martins na direita e o outro na esquerda. A primeira peça tomou posição á esquerda do pelotão da direita sob o commando do alferes d'artilheria Rodrigues. A força de dragões e um pelotão indigena, sob o commando do tenente Tavares, seguiram a tomar posição a Este da *embala*, ameaçando

OUTRO ASPECTO DA EMBALA DO MULONDO

a retirada do inimigo. As restantes forças, sob o commando do capitão Fonseca, formaram em quadrado, proximamente 200 metros á retaguarda.

Ao desenvolvimento das forças da columna, correspondeu o mesmo fogo vivo da *embala* em toda a extensão que a clareira descobria. Do nosso lado, a artilheria rompe o fogo com granada ordinaria. O primeiro tiro de peça foi comprido; o segundo atravessou o parapeito de barro e foi rebentar dentro da *embala*, levantando uma nuvem de poeira e fumo. Houve uma interrupção momentanea no fogo do inimigo, para logo depois recomeçar com igual ou maior intensidade; a *cúa* e a algazarra augmentavam. Novos tiros de peça produziram o mesmo effeito.

Quando os atiradores tinham avançado até uns 400 metros da *embala*, começou o fogo da infanteria, em toda a linha, por descargas. A artilheria continuava fazendo bons tiros; a infanteria, que tinha principiado com pontarias baixas, ia-as corrigindo e tornando o seu fogo mais certeiro.

Ha novo avanço; um pelotão da 12.ª companhia indigena, sob o commando do alferes Gomes Ribeiro, é mandado reforçar a linha d'atiradores, prolongando-a no flanco esquerdo; e entra na linha de combate a segunda peça. Precisamente n'este momento inutilisava-se a primeira peça, por se lhe haver partido o eixo.

Toca a cessar fogo e em seguida a avançar, movimento que é executado por toda a linha menos a peça inutilisada. O escalão de reserva, que n'esta altura é constituido por dois pelotões da companhia européa, respectivamente sob o commando do tenente Zuchelli e alferes Lopes, e pelo pelotão de sapadores sob o commando do alferes Caeiro, acompanha o avanço da linha de fogo, reduzindo a distancia a que estava.

O fogo do inimigo era vivissimo, ainda que desordenado, conhecendo-se pelo estampido dos tiros e pelo sibillar das balas que tinham espingardas de todas as qualidades, desde as mais rudimentares ás mais aperfeiçoadas. As suas pontarias, que a principio eram altas, estavam a baixar: cahiu-nos morto um soldado da 12.ª indigena e appareceram alguns ferimentos.

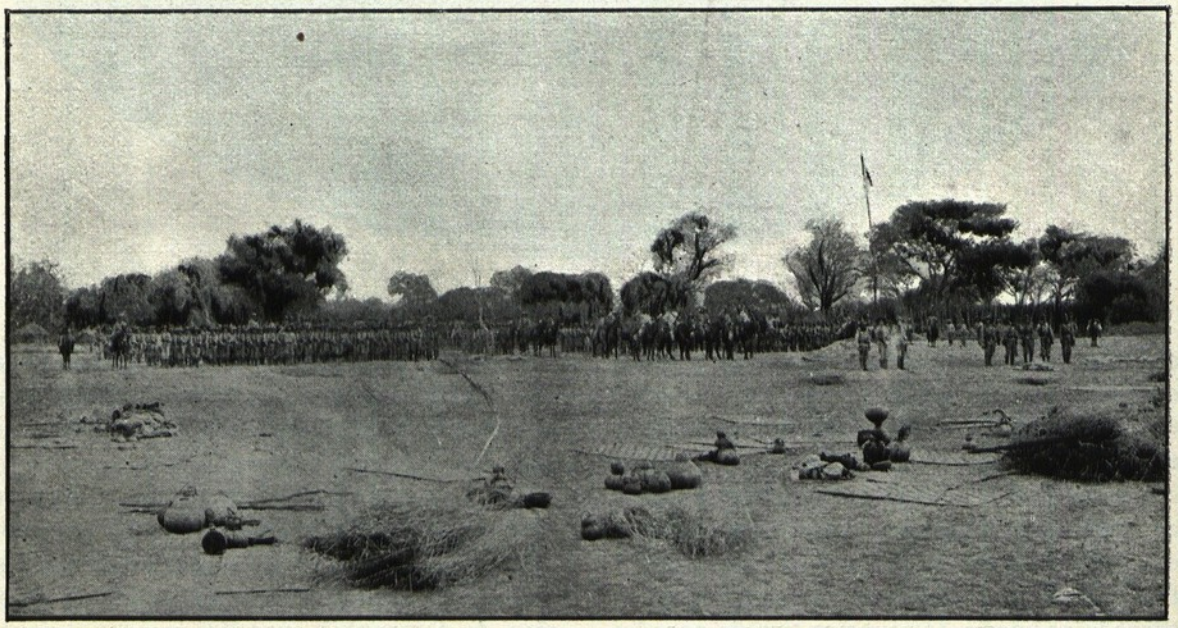
Dá-se novo avanço; estamos a uns 100 metros da *embala*. O commandante da artilheria diz que está fóra de combate a segunda peça. Sem um momento de demora, e antes que as tropas chegassem a sonhar que estavamos sem

artilheria, o commandante da columna, n'um rasgo de decisão, manda avançar o escalão de reserva, e manda ao mesmo tempo armar bayoneta, avançar, carregar...

Ao toque de carregar, toda a linha, com o commandante á frente, se precipitou sobre a *embala*, correndo e gritando: o reluzir das bayonetas, a gritaria de excitação dos soldados e o impeto do avanço atemorisaram por tal fórma os defensores, que estes quasi por completo abandonaram o parapeito em que estavam entrincheirados. Descem os nossos ao fosso, trepam pelo parapeito, enfiam as armas pela palissada, e em pouco tempo tinhamos uma linha de fogo varrendo o interior da *embala*. O inimigo, repellido, toma uma nova linha de resistencia. Alguem descobre uma das portas de entrada; os sapadores e muitas outras praças tratam de arrancar as traves que a vedavam, conseguindo abrir uma brecha por onde se pode entrar a um de fundo; os atiradores do parapeito abrem outra brecha na palissada, e todos, corajosamente, entram desembaraçando-se d'aquelles que tentam oppôr-se-lhes. A linha é reformada, mais alguns momentos de fogo, e são postos em debandada os ultimos defensores da *embala*. A fechada matta em que os fugitivos se internaram não permittiu uma perseguição ordenada, pelas tropas regulares; mas os auxiliares indigenas ainda cahiram n'elles, matando bastante gente.

Eram 9 horas e meia da manhã, estava tomada a *embala*, tocando a reunir. As nossas baixas foram: um soldado indigena morto, dois soldados indigenas feridos, um soldado europeu ferido e uma muar morta; auxiliares indigenas, 12 mortos e 8 feridos. As baixas inimigas foram calculadas em mais de 200 mortos e de 300 feridos.

Cahem depois, de todos os lados, dentro da *embala*, os auxiliares indigenas, que começam a saquear: tem que se estabelecer sentinellas ás portas e que impedir á força a sahida de gado e de armas; mas o perimetro da *embala* é vastissimo, e elles lá vão saltando a palissada com o que podem levar.



CONTINENCIA Á BANDEIRA NACIONAL HASTEADA NO CENTRO DA EMBALA

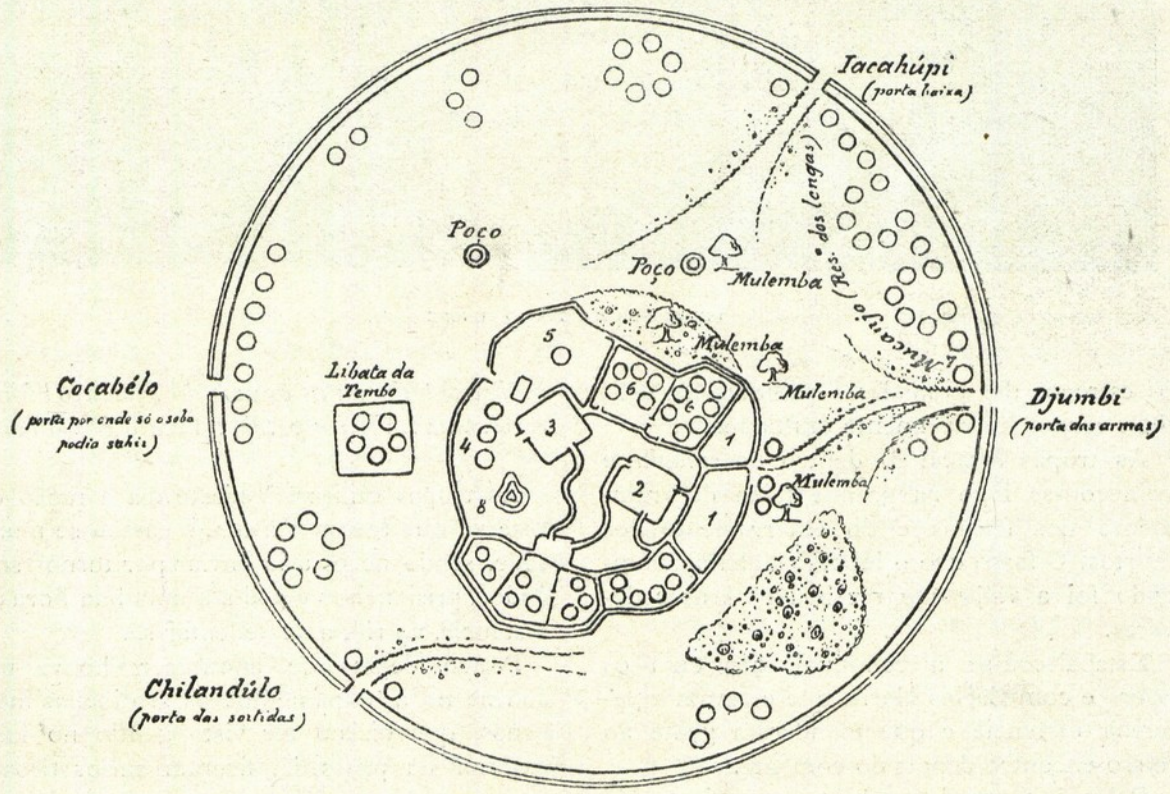
São reunidos os prisioneiros n'um dos cercados interiores, o gado é junto a outro lado, e passam a ser revistadas as palhotas, pateos e esconderijos da residencia do soba. Este não é encontrado, e os prisioneiros, interrogados, dizem que fugiu ferido.

Os prisioneiros, na quasi totalidade mulheres e creanças, eram em numero approximado de 600. O gado encontrado dentro da *embala* foram 377 cabeças de gado bovino, 344 de gado caprino e lanigero, e 4 de gado cavallar. Reuniram-se tambem, conseguindo salval-as da rapacidade dos auxiliares indigenas, uma carabina Kropatscheck, uma espingarda Mauser de repetição, sete espingardas Martini, cinco espingardas Snyder, varias armas de piston, muitas peças de armas rebentadas,

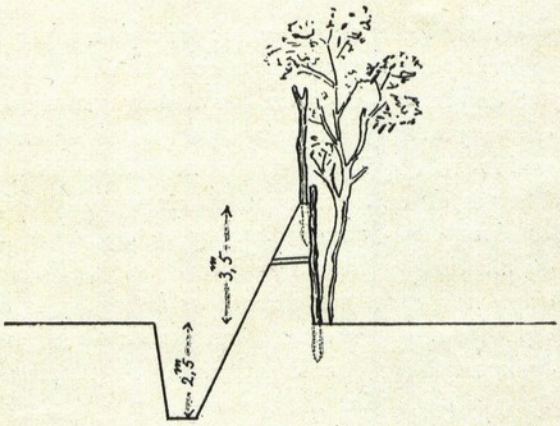
machinas de carregamento, algum chumbo em barra e cerca de 1:500 cartuchos de differentes systemas. Nas mãos dos soldados viam-se varios objectos apanhados por elles, que lhes foram dados e que elles guardavam orgulhosos como tropheus: entre esses objectos estavam as phenomenaes botas altas que o Hangálo calçava quando mezes antes nos deu audiencia, e a caixa de musica que na mesma occasião ouvimos tocar.

O espectaculo que offerecia o interior da *embala* era emocionante: o chão d'aquelle vasto recinto estava juncado de esteiras, *quimbundos*, cabaças e utensilios gentilicos, uns objectos entornados, outros despedaçados, bem mostrando a massa de população que alli esteve reunida e a grande confusão que se estabeleceu; a um e outro lado viam-se cadaveres de homens, mulheres e creanças, e sitios havia em que os cadaveres estavam em monte; com os corpos humanos misturavam se animaes mortos, bois, ovelhas, cabras e até cães; por debaixo dos mortos, havia feridos, ainda com vida; aqui viam-se creanças a mamar em mães que já tinham morrido; acolá patenteavam-se

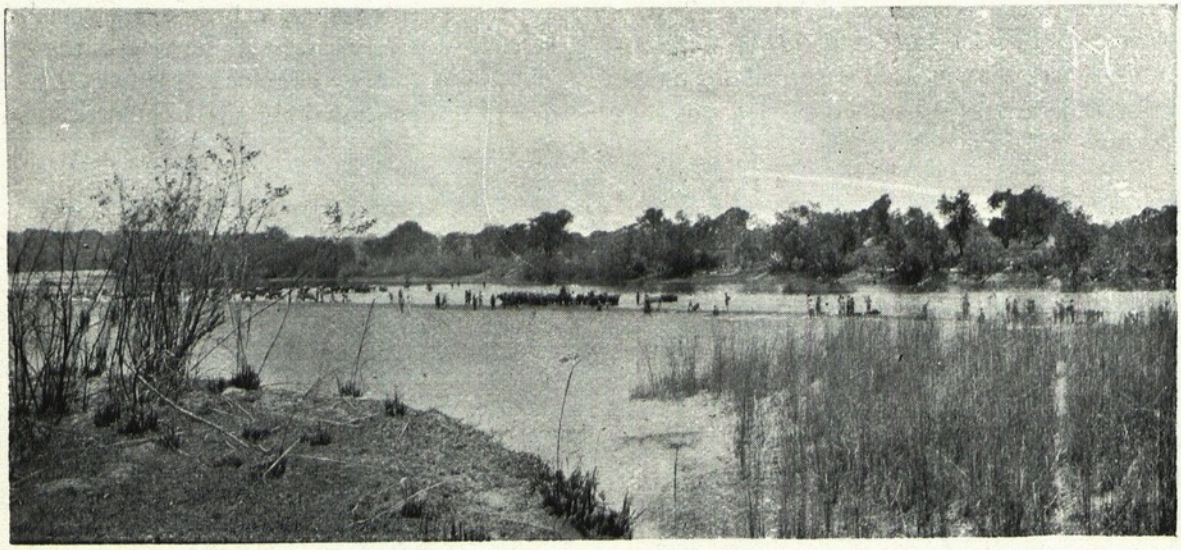
PLANTA DA EMBALA



1. — Curral
2. — Lupàli do Jota (pateo habitual de recepção)
3. — Lupàli (pateo d'audiencia do soba)
4. — Pélombe (residencia do soba)
5. — Palhota da Tembo (primeira mulher)
6. — Residencia das mulheres do soba.
7. — Muné Bundi (porteiro)
8. — Outeiro em cuja base o soba guardava o marfim.



Perfil do muro exterior da embala.



BIVAQUE NA MARGEM DO CUNENE

os estragos das granadas — palhotas em estilhas, corpos horrivelmente mutilados...

As tropas bivacaram dentro da *embala*, e começou-se logo na grande faina do tratamento dos feridos e do enterramento dos mortos. O fosso que o inimigo tinha aprofundado foi a valla que recebeu os seus cadaveres.

Estabeleceu-se a communicação com os boers e com Carlos Maria, que estavam a pequena distancia e que mandaram gente ao nosso encontro depois do combate.

Pelas 5 horas da tarde, todas as forças da columna, formadas, prestavam a continencia á bandeira nacional solemnemente hasteada no centro da *embala*. O commandante da columna fez então ás tropas a seguinte allocução:

«*Camaradas da columna: foi hoje um dia de «gloria para nós e para o exercito portuguez; «25 de outubro será um dia memoravel da his«toria patria portugueza, porque os valentes «soldados e officiaes da columna do Mulondo, «depois de uma marcha sem exemplo em dis«ciplina e resistencia, acabaram de tomar na «ponta da bayoneta a embala do soba. Chama«vam-nos creanças, diziam as informações do «gentio, e as creanças, ao passo de carga, ar«rancaram-lhe á mão as traves da palissada «que o defendia. Morreu-nos um valente da «12.ª companhia indigena e cahiu gravemente «ferido um da companhia européa; todos os «lastimamos. Vivam os soldados da companhia «européa! Vivam os soldados da companhia indigena! Vivam os bravos do Mulondo! Viva a columna! Viva a patria! Viva o nosso rei!*»

As tropas utilisaram n'este dia a ração de reserva que transportavam, e passou-se muita sêde, sendo necessario enviar por turnos soldados, prisioneiros e gado, a uma boa hora de distancia, ao rio, a dessedentar-se.

Pouco depois de anoutecer, houve um alarme no acampamento: as sentinellas indigenas, que diziam ter visto gentio no lado exterior da palissada, fizeram varios tiros e logo a seguir o pelotão que estava de guarda deu algumas descargas. Como a força fosse pequena para guarnecer a *embala*, resolveu-se mudar o bivaque para o campo exterior, operação esta que só ficou terminada depois das 11 horas, por a noite estar muito escura e pela difficuldade da remoção do gado e dos prisioneiros.

No dia seguinte, ás 5 1/2 horas da manhã, todas as forças disponiveis e os auxiliares se dirigiram para a *embala*, a destruir as construcções e defezas que n'ella se encontravam e a deitar-lhes fogo. Ao cabo de duas horas, estavam as palhotas e palissadas em chammas, e as tropas voltavam ao quadrado.

Levantou-se o bivaque, assistimos ao enterro do soldado indigena que na vespera havia sido morto em combate, e puzemo-nos em seguida em marcha para o local onde havia de ser construido o posto militar de occupação d'aquellas terras.

Eram 11 horas da manhã, bivacava a columna na margem do Cunene, junto ao vau

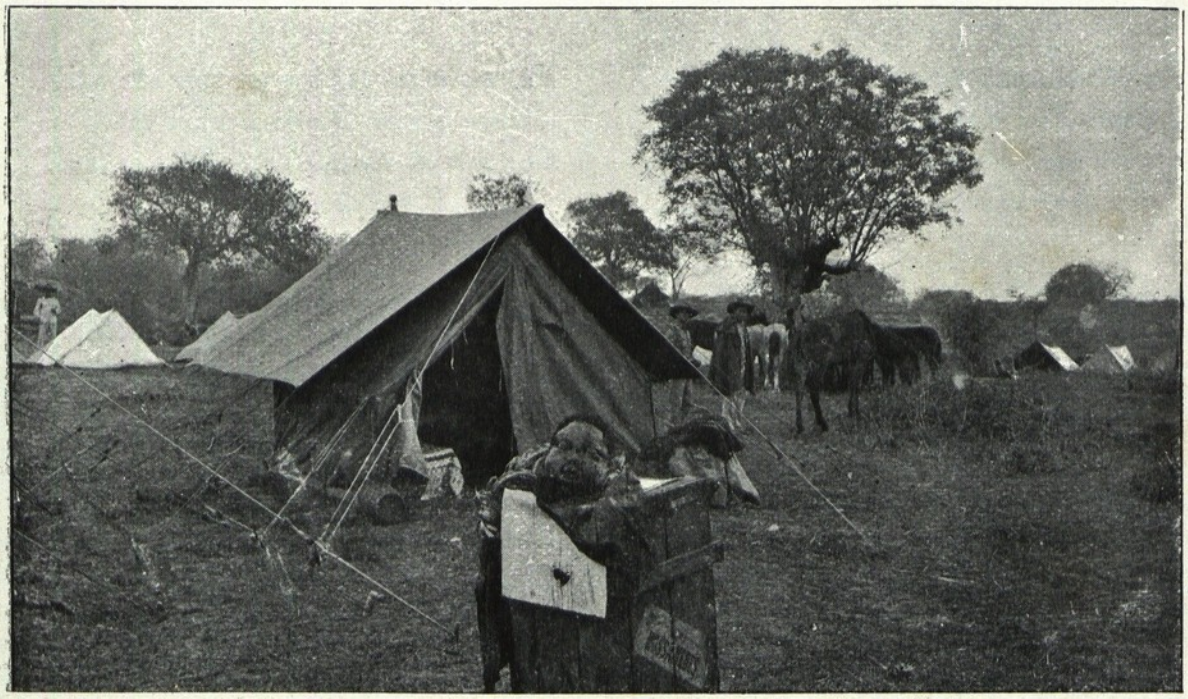
de Handjabero. Alli foi, mais tarde, reunir-se a parte do comboio que tinha ficado no Quiteve. N'este dia fez se a distribuição do gado apprehendido, metade para o governo e metade para os auxiliares; receberam-se os prisioneiros feitos pelos boers e pela gente de Carlos Maria, e sahiram varios grupos de auxiliares em busca do soba, que todos diziam estar ferido, affirmando uns que elle se conservava internado no matto, e outros que elle passára o rio e seguia de tipoia para o Evale. Falleceu-nos o soldado europeu que na vespera havia sido ferido em combate, e morreram alguns auxiliares indigenas que tambem tinham recebido ferimentos.

Em 27 de outubro, começaram os trabalhos da construcção do posto militar, cujo local foi escolhido n'uma altura sobranceira ao rio, dominando o vau de Handjabero, e muito perto do sitio em que nos encontravamos bivacados. E na tarde do dia immediato, 28, um grupo de boers veiu ao nosso acampamento trazer a noticia de que o soba havia sido encontrado morto no interior de uma emmaranhada matta de espinheiros; o adeantado estado de decomposição não permittia o transporte do corpo, mas no dia seguinte viriam trazer a cabeça para confirmação. A noticia correu logo entre os prisioneiros, que manifestaram com ella grande alegria, e parece que já se tinha espalhado entre o gentio que andava a monte, pois que n'essa mesma tarde muita gente se veiu apresentar, protestando submissão ao governo.

Effectivamente, no dia seguinte, os boers traziam, como prometteram, ao nosso acampamento a cabeça de Hangálo e tambem a carabina Kropatscheck que o acompanhava e o cinto — cartucheira de seu uso, o que tudo foi exposto ao exame de prisioneiros e auxiliares e por elles reconhecido como do proprio Hangálo. Tiraram-se photographias da cabeça, e foi lavrado do reconhecimento o competente auto.

As apresentações de gentio continuavam, e, sendo muito difficil o sustento e guarda de tão grande numero de prisioneiros, ao mesmo tempo que nenhum inconveniente havia já na sua soltura, pois o que toda a gente das terras queria era a paz e a protecção do governo, resolveu o commandante da columna dar a todos a liberdade e permittir-lhes que voltassem para as suas terras, depois de lhes fazer saber que não havia mais soba em Mulondo, e que a unica auctoridade alli com poderes passava a ser o commandante do posto militar.

Passou-se do periodo das hostilidades ao da cordealidade de relações: os ex-prisioneiros batiam palmas, atiravam-se ao chão e levantavam terra, em demonstração de agradecimento; muitos voltaram nos dias immediatos ao acampamento, trazendo comsigo parentes,



A CABEÇA DE HANGÁLO

e pouca vontade mostravam já de deixar a columna, junto da qual parece se sentiam bem; diziam-se felizes por não ter soba — o Hangálo matava-os, escravisava-os, tirava-lhes as mulheres e as filhas, ficava-lhes com os melhores productos dos seus *arimos*, com o marfim e com a cera que apanhavam.

No dia 3 de novembro estava concluida a construcção do posto, e teve logar a cerimonia da sua inauguração, sendo n'elle içada a bandeira nacional, com assistencia do gentio e formatura geral das tropas. A cabeça do Hangálo ficou enterrada no baluarte em que estava hasteada a bandeira. A guarnição dada ao posto foi de um pelotão de infanteria indigena, e uma bocca de fogo com a respectiva guarnição européa.

(Conclue.)

EDUARDO AUGUSTO MARQUES
Capitão do serviço de Estado-Maior.

TRISTE CANÇÃO

(A' Maria, virgem débil)

Correm-te os dedos divinaes de fada
Nas teclas de marfim.
Toca essa estranha e espiritual Balada
Que me arrebata e me transporta a mim;

Que me transporta a um país distante
Cheio d'estrêlas e scintillações...
Toca essa história linda e deslumbrante
De dous leaes e ingenuos corações.

Oh! não ha como a musica, Maria,
Para se recordar e se viver
Tudo o que era um passado d'alegria,
Tudo o que nós tivemos de perder!

Ouvil'a é como que escutar, sonhando,
Nitidamente, docemente a voz
D'alguem que ao lado nos está mostrando
Todo um passado que passou por nós.

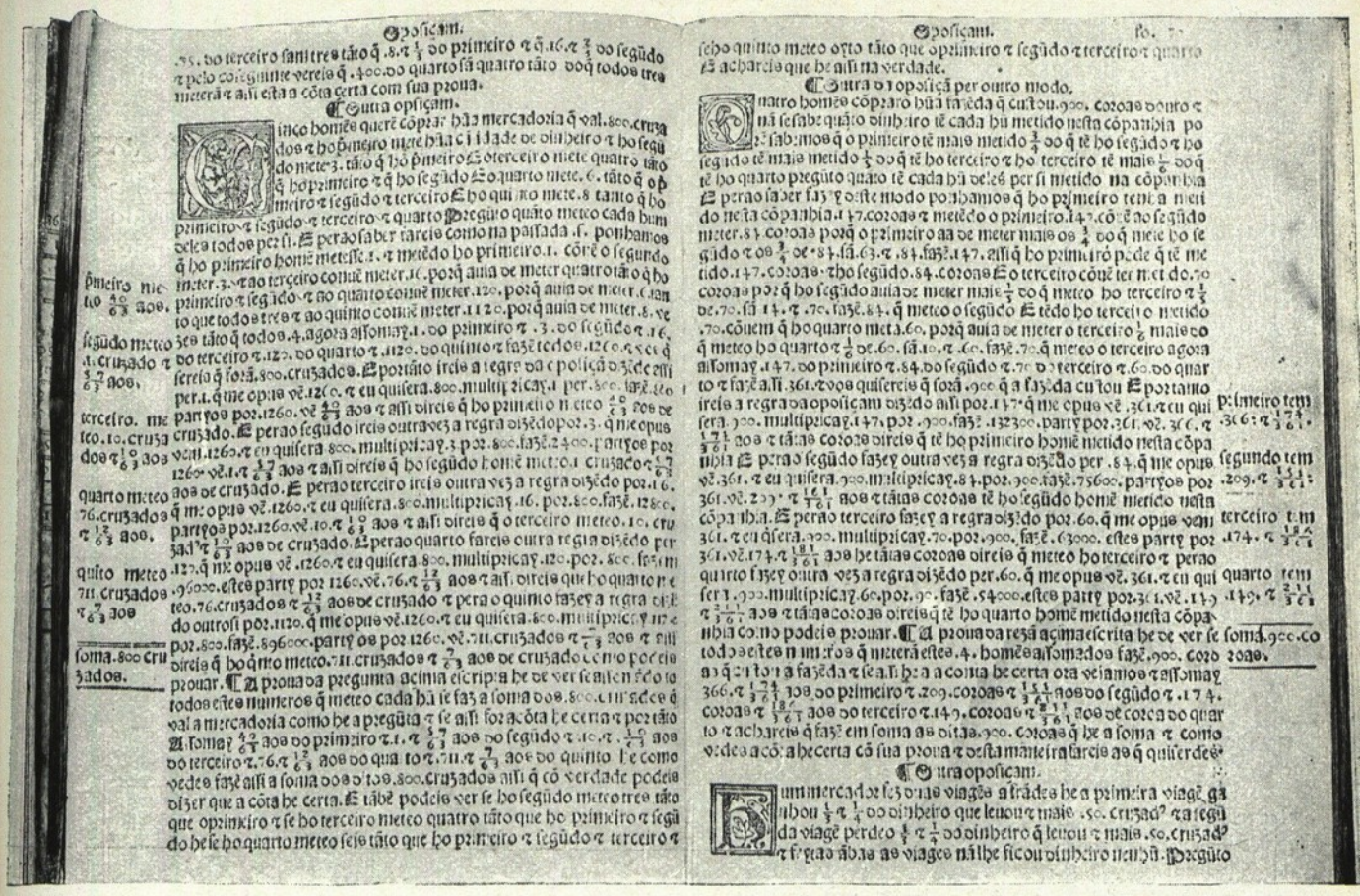
Olha: lá vae atravessando aquella
Que ha tantos annos tu não vias já...
Maria, chama de vagar por ella...
Mas se não ouve... não responderá...

Oh, tão vélhinha! e como vem cançada!
Parece mesmo (é uma loucura isto?)
Que vem de longe p'ra te vêr — coitada!
Pobre de Christo!

E ella que tinha tanto medo á mórte...
E veiu a mórte e lá se foi tambem!...
(Maria, é esta a lei cruel, a sórte
Que todos temos como a tua mãe.)

Para longe de mim este desgôsto;
Deixa essa musica enervante e estranha;
Ama a alegria como um sól d'agôsto.
Antes tocasses, filha, a malagueña.

Carlos Frederico Parreira.



DUAS PAGINAS DA ARTE DE ARITHMETICA POR BENTO FERNANDES

Impressa no Porto em 1555 por Francisco Correia

A Bibliotheca Publica do Porto

II

OS IMPRESSOS

Em 1856, pelos fins do anno, appareceu em successivos folhetins da gazeta que Camillo Castello-Branco viria a capitular de «retrograda», *O Portugal*, uma circumstanciada noticia ácerca de algumas obras raras existentes na Bibliotheca Publica do Porto. Uma d'essas que, a juizo do folhetinista, merecia especial menção era, por sem duvida, o volume intitulado *Liber chronicarum*, impresso em Nuremberg, em 1493, em folio grande, obra em duas partes dividida, sendo a primeira um compendio de historia e a segunda um compendio de geographia; e Bernardes Branco assignala, a proposito, uma incoherencia notavel de Brunet, doutor maximo aliás em bibliographia.

A 29 de dezembro d'esse anno de 1856, o folhetim accusa no investigador um d'estes desanimos entristecidos a que estão sujeitos com frequencia os homens de lettras. «Parecerá talvez inutil — Manuel Bernardes Branco exclama — o dar uma noticia tam minuciosa das obras existentes na Bibliotheca d'esta cidade, que tam pouco frequentada é!»

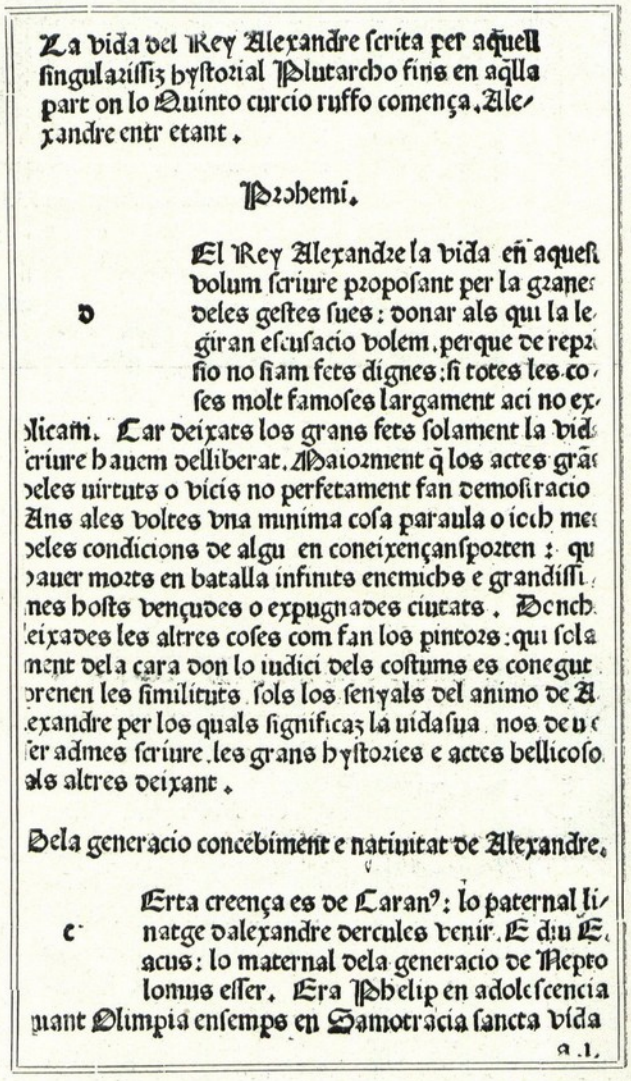
Porém logo readquire confiança, na justificação que depara para o desprimoroso aban-

VITA CHRISTI. LUDOLFO DE SAXONIA — LISBOA, 1495

dono: «Um dos motivos — elle explica — da sua pequena frequencia é o ignorarem-se geralmente as obras preciosas que n'ella existem. E quantas pessoas, mesmo das mais dadas á leitura das obras raras, sabem que n'ella teem a *Vita Christi*, o Cataldo, o *Liber Chronicarum*, o *Amadis de Gaula*, a primeira edição de Homero e de Quintiliano, e o celebre *Quinto Curcio* traduzido na lingua valenciana, obra da qual a propria Bibliotheca Real de Paris, apezar de immensas diligencias, não pôde encontrar um exemplar em bom estado, e que n'esta está tam bem conservada que parece nova?!»

Consequentemente, para que constasse quaes os thesouros litterarios que no Porto havia, tencionava, segundo o exara, Bernardes Branco dar d'elles uma noticia a mais circumstanciada que possivel lhe fôsse; e, com effeito, á hora em que o consignava, já copiosamente havia discorrido do Cataldo Siculo; e no lance promettia tratar em seguida do *Catholicon*, impresso em 1497.

Tratou, com effeito, em 27 de janeiro do immediato anno de 1857, dizendo que, ajudado por João de Meydenbach e Conrado Humery, estabelecera Guttemberg, pouco depois de dissolvida a sociedade que tivera com Fust e Schæffer, outra typographia em Moguncia, d'esta nova officina chegando até nossos dias a obra intitulada *Catholicon*, que é uma especie de encyclopedia classica, contendo uma grammatica, uma rhetorica e um diccionario latino, tudo sob o seguinte titulo: *Summa grammaticalis valde notabilis, quæ Catholicon nominatur* e nada mais restando de Guttemberg, que, elevado á categoria de nobre pelo eleitor de Moguncia, o qual tambem lhe concedeu uma pensão, abandonou a arte, deixando a typographia aos dois irmãos Bechtermunzse, Spyes e outros, os quaes em 1467



La vida del Rey Alexandre scrita per aquell singularíssiz hystorial Plutarcho fins en aqlla part on lo Quinto curcio ruffo comença. Alexandre entr etant.

Prohemi.

El Rey Alexandre la vida en aquest volum scriure proposant per la grandeses deles gestes sues: donar als qui la legiran escusacio volem. perque de reprehsio no siam fets dignes: si totes les coses molt famoses largament aci no explicam. Car deixats los grans fets solament la vida scriure hauem delliberat. Maiorment q̃ los actes grãdeles uirtuts o vicis no perfetament fan demostracio Ans ales voltes vna minima cosa paraula o iech mes deles condicions de algu en coneixençanspoxten: qui hauer morts en batalla infinits enemichs e grandissimes hosts vençudes o expugnades ciutats. Bench deixades les altres coses com fan los pintors: qui solament dela cara don lo iudici dels costums es conegut prenen les similituts sols los senyals del animo de Alexandre per los quals significaz la uida sua. nos deuem ser admes scriure. les grans hystories e actes bellicosos als altres deixant.

Dela generacio concebiment e natiuitat de Alexandre.

Erta creença es de Caran?: lo paternal linatge dalexandre dercules venir. E diu Eacus: lo maternal dela generacio de Neptolomus esser. Era Phelip en adolescencia quant Olimpia ensemps en Samotracia sancta vida

a.1.

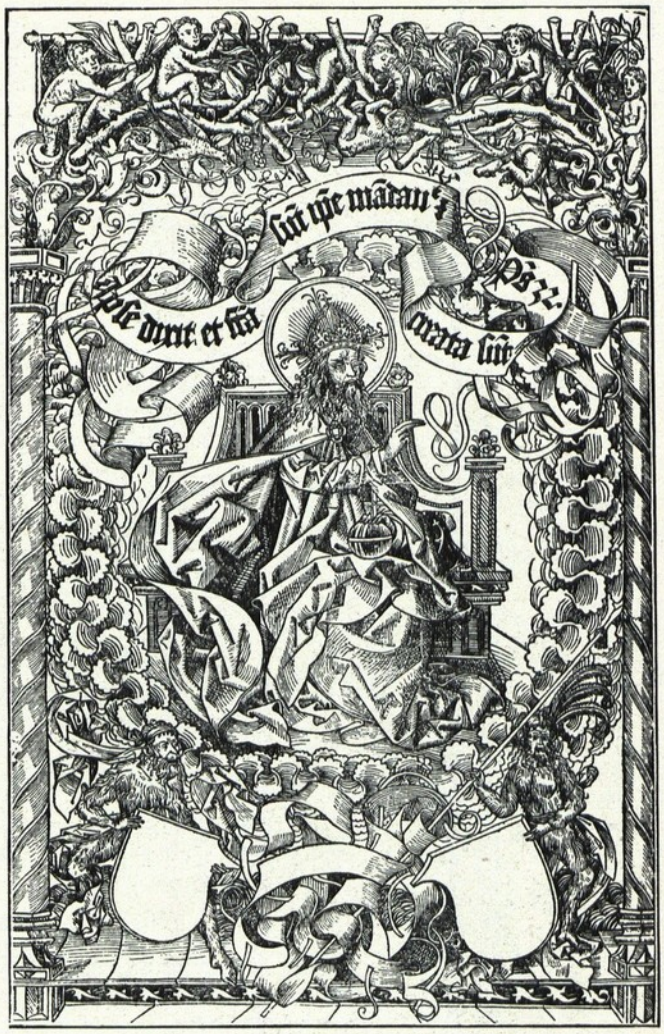
CURTIUS RUFUS (QUINTUS) LA HYSTORIA DE ALEXANDRE. BARCELONA, 1481

imprimiram em Elfe'd o *Vocabularium ex quo*, que é um diccionario latino-allemão A edição, porém, que existe na Bibliotheca do Porto não pertence ás primeiras, pois que seja a de Veneza de 1497, se bem que, comtudo, é uma não vulgar e mereça, portanto, mencionar-se.

O primeiro dos estudos consagrados por Manuel Bernardes Branco a algumas das obras raras existentes na Bibliotheca Publica do Porto teve por objecto as de Cataldo Siculo, das quaes o unico exemplar que lhe constava existir em Portugal era o que está na livraria publica portuense, infelizmente falto de frontispicio e de duas ou tres folhas no fim, lendo-se na primeira folha o rotulo seguinte: *Cataldi aquile primus ad Emanuelem philosophantissimum portugalie regem: ethiopie maritime et indie*, livro que, além de se tornar digno de muito apreço pela sua raridade, se torna tambem muito apreciavel por ser um monumento do progresso da arte typographica em Portugal.

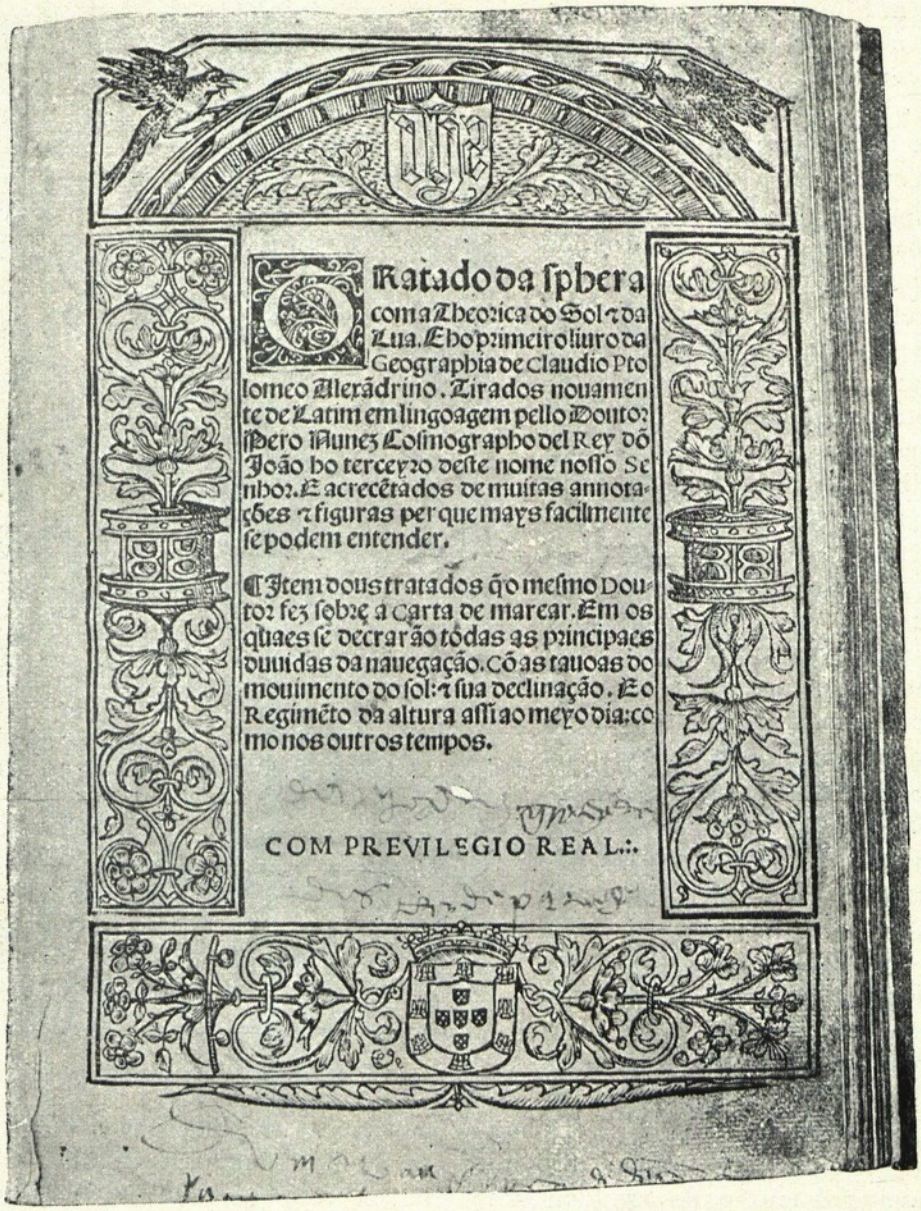
Na *Miscellanea Litteraria*, revista impressa no Porto em 1860, apparece por Bernardes Branco estudado o volume de Cataldo Siculo, «de que existe — escreve Innocencio — um raro e precioso exemplar na Bibliotheca Portuense», bem como, na categoria dos primeiros monumentos da typographia portugueza, ahi se estudam as primeiras constituições do bispado do Porto, de que o ensaio critico o exhibira já Bernardes Branco outrosim em 1856 no mesmo jornal politico, onde eruditamente folhetinisava. No exame das obras de Cataldo Siculo, déra elle a traducção em portuguez da carta que o referido Cataldo escrevera ao rabbi de Napoles para o converter á fé catholica, a qual, se não seja argumentativamente suasoria, é mui interessante como modelo dos improperios com que na epocha, á má cara, se buscava captar as convicções. Ella se encontra transcripta na verba a Cataldo Siculo dedicada no primeiro volume da compendiosa obra *Portugal e os Extrangeiros*, ulteriormente por Manuel Bernardes Branco começada a dar á estampa em Lisboa em 1879.

Uma é das 17 reproducções no texto em facsimile (n.º 66) que illustram a nova edição (1904) do catalogo de incunabulos, coordenado, em 1897, segundo a ordem alphabetica e seguido d'algumas notas bibliographicas, pelo



CHRONICA DE NUREMBERG — HARTMAN SCHEDEL — NUREMBERG, 1493

amanuense da Bibliotheca Publica do Porto sr. Arthur Humberto da Silva Carvalho. As outras respeitam, successivamente, á *Ordo precum*, Lisboa, 1498, de David Abu Derahim; á *Biblia Sacra*, 1479; á *Sūma de Arithmetica, Geometria, Proportioni & Proportionalita*, de Fr. Lucas Paccioli de Burgo ou Borgo, Veneza, 1494; á primeira edição rarissima das obras de Julio Cesar, Roma, 1469, sendo curioso o ex-libris (ms.) que diz assim: *Este libro he do Senhor Antonio Mendez a que Eu devo avida*; ás Constituições Sinodaes do Bispado do Porto, ibi, 1496; á *La hystoria de Alexandre per Quinto Curcio, per Luis de Feudlet en lengua valenciana transferida*, Barcelona, 1481; á primeira edição, muito rara, da obra conhecida sob o titulo de *Chronica de Nuremberg*, de Hartmann Schedel livro, que é um dos monumentos mais importantes da xilographia allemã do seculo XV; á edição, outrosim muito rara e que é a primeira traducção latina *(per*



Tratado da sphera com a Theorica do Sol & da Lua. E ho primeiro liuro da Geographia de Claudio Ptolomeo Alexãdrino. Tirados nouamente de Latim em lingoagem pello Doutor Pero Nunez Cosmographo del Rey dõ João ho terceyro deste nome nosso Senhor. E acrecẽtados de muitas annotaçoes & figuras per que mays facilmente se podem entender.

Item dous tratados q̃ o mesmo Doutor fez sobre a carta de marear. Em os quaes se decrarão todas as principaes duuidas da nauegação. Cõ as tauoas do mouimento do sol: & sua declinação. E o Regimẽto da altura assi ao meyo dia: como nos outros tempos.

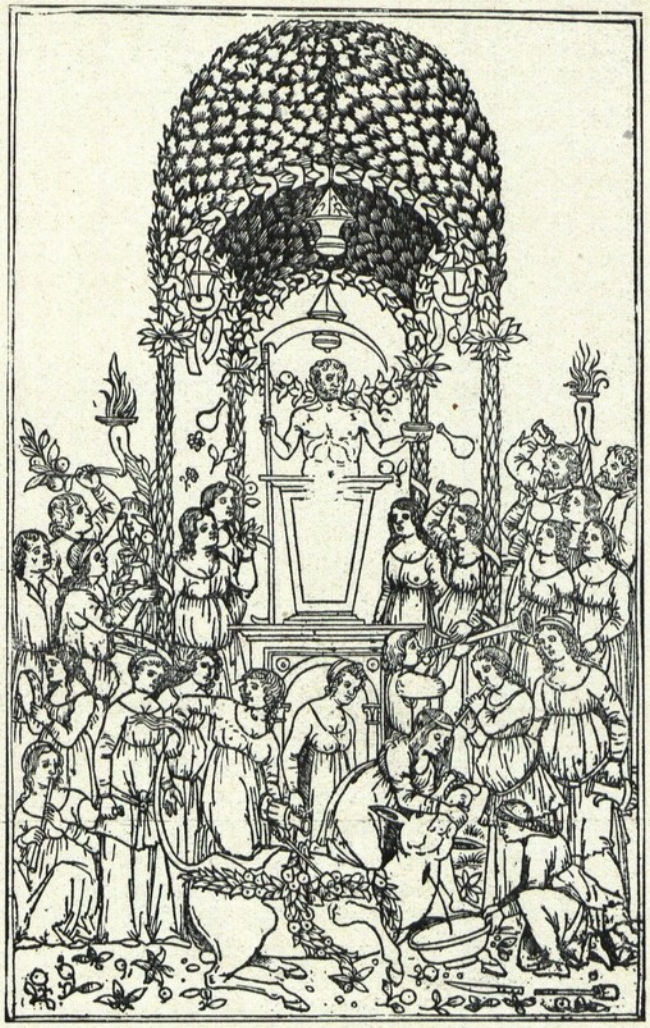
COM PREVILEGIO REAL.

TRATADO DA ESPHERA DE PERO NUNES

Impresso em Lisboa em 1537

Laurentium Valleus) em prosa da *Iliada*, de Homero; á famosissima *Vita Christi*, de Ludolfo de Saxonia, traducção nossa lusitana de fr. Bernardo de Alcobaça, monge cisterciense, cuja descripção no tomo VIII das *Memorias de Litteratura Portugueza*, publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, após acurado confronto, o sr. Humberto de Carvalho declara ser mui fielmente conforme com o exemplar existente na Bibliotheca Publica do Porto; á edição rarissima dos *Epigrammas* de Marcial, de Roma, 1473; á bella e mui rara edição das *Vidas dos Varões Illustres* de Plutarcho, Veneza, 1491; á primeira edição (Veneza, 1499) de uma obra assás singular e rara, da qual noticia succinta que se encontra collada no volume da livraria publica portuense diz por este teor: «Todos os bibliographos affirmão que o romance intitulado *Hypnerotomachia* — palavra composta de tres vozes gregas, que querem dizer — Peleja d'amor em sonho, porque effectivamente se descreve um sonho amoroso, é sem duvida a obra mais extravagante e fantasiosa que tem apparecido na Italia, depois do renascimento das letras. *Poliphilo* significa amante de Solia, nome supposto com que o A. quiz encobrir o proprio que era Fr. Francisco Colon-

na, da Ordem dos Prégadores em Veneza. É notavel o modo com que pretendeu occultar-se, empregando em cada cap. uma letra inicial, que depois de juntas formão a divisa seguinte: *Poliam Frater Franciscus Columna peramavit;* áquella primeira edição de Quintiliano *(Institutionum oratoriarum ad Victorium Marcellum liber XII*,—Roma, 1470) que, actualmente muito conhecida sob o nome de Campanus, seu editor *(ex recensione Joannis Antonii Campani)*, póde ser considerada, frisa-o o catalogador, como uma obra da maior raridade; ás *Regulo Ordinis S. Benedicti, S. Basilii, S. Augustini, S. Francisci, collectæ et ordinatæ per J. Fr. Brixianum*, Veneza, 1500; á edição, rara e preciosa pela sua antiguidade, que, executada em bellos caracteres gregos ligados e considerada como uma das mais perfeitas das sahidas da typographia dos *Aldos* (Veneza, 1495), é a primeira da mór parte das obras que contém e são de Theocrito, Phocylides, Theognis, Pythagoras, Hesiodo, notadamente; emfim, á primeira edição completa, muito perfeita e de extrema raridade (Roma, 1471) do tratado de Lourenço Valla *De Elegantia Latinæ Lingnæ*, tendo o corpo do volume 220 folhas. O numero das verbas da escrupulosa resenha do sr. Humberto de Carvalho attinge o montante de 206; o catalogo sahiu dos prelos da Imprensa Portugueza; os *facsimiles* executaram-se nas officinas de Marques Abreu & C.ª



HYPNEROTOMACHIA POLIPHILI — VENEZA, 1499

Posto que, na totalidade das obras que formam o seu novo catalogo de 1904, algumas haja das quaes não pôde averiguar com exactidão a data, ainda assim o collector as incluiu como no primeiro, de 1897, que não continha senão 165 numeros. Entendeu que, mesmo que ellas não fôssem impressas até o anno de 1500, limite do periodo que abrange o intuito do seu catalogo, não lhe prejudicariam a indole: não sómente porque a data da sua impressão não poderá ir muito além dos principios do seculo XVI, mas tambem porque alguns bibliographos ainda consideram *incunabulos* todas as obras impressas antes de 1536.

Em 1510 impresso, a retentiva, aqui infiel, de Alexandre Herculano imaginou o exemplar do *Amadis de Gaula*, existente na Bibliotheca Publica do Porto e, n'esse engano, discorreu em Lisboa no tomo II do *Panorama*, a pag. 134. Ao ler esta noticia, em 1857 noticía Pascual de Gayangos que correra immediatamente ao seu amigo marquez de Pidal, que, pela secretaria á sazão a seu cargo, mandou que para o Porto se pedissem as competentes noticias em averiguação d'esse dado bibliographico. Porém o consul hespanhol na cidade do Porto não encontrou na sua Bibliotheca Publica outra edição alguma mais do que a de 1519, da qual remetteu para Madrid uma minuciosa descripção, um *fac-simile* da sua portada gravada e todas quantas noticias se podiam desejar.

Na especie bibliographica de «livros de cavallarias», preciosidade que de Hespanha lhe foi extorquida possuia a Bibliotheca Publica do Porto com possuir um exemplar do *Tirant lo Blanch* (Barcelona, 1497), cuja descripção o sr. Humberto de Carvalho copía da *Bibl. Hesp.*, de Gallardo, perfeitamente egual ao volume que na Bibliotheca Publica do Porto não existe já. A primeira edição d'este livro é de Valencia, de 1490, e ha uma traducção castelhana, de Valladolid, 1511, da qual um exemplar se encontra citado no

AMADIS DE GAULA — TRATADO DE CAVALLARIA
Impresso em 1519

Catalogo Gaignat, e outro, falto de folhas, se vendeu em Londres em 1854, procedente da livraria de lord Stuart de Rothesay. Da edição de Valencia (1490) conhecem-se tres exemplares: o que pertenceu ao conde de Saceda, descreve Mendez e se conserva hoje em dia no Museu Britannico de Londres; o do collegio da Sapiencia de Roma; e, finalmente, o da Universidade da propria Valencia. Quanto á edição de Barcelona (1497), toma Pascual de Gayangos a descripção resumida que lhe fornece Brunet e frisa que Brunet a exara, *sin citar ejemplar alguno de esta edicion de Barcelona, lo cual no deja de ser extraño, conociendo-se ya tres de la primera.*

E Vicente Salvá, na sua *Bibliotheca*, vol. I, pag. XIII, do prologo, fallando dos livros raros, diz, depois de citar o *Tirant lo Blanch*, impresso em Valencia: *Para mi todavia es más rara la edicion de Barcelona, que nunca he visto.*

Esta é a que a Bibliotheca Publica do Porto possuia. Brunet, fallando da edição de 1490, diz ser ella excessivamente rara e a primeira que appareceu com o texto limosino ou catalão d'este celebre romance de cavallaria; o unico exemplar que se apresentara no mercado para vender fôra adquirido por 300 guineos pelo afamado bibliophilo Rich Heber; e no catalogo de Quaritech, novembro de 1900, acha-se marcado um exemplar da mesma edição pelo preço de 500 libras.

O exemplar do *Tirant lo Blanch*, unico conhecido da edição de Barcelona de 1497, foi pedido á Bibliotheca Publica do Porto por portarias do ministerio do reino de 3 de dezembro de 1859 e 5 de janeiro de 1860, dizendo-se n'ellas que, logo que estivesse cumprido o fim para que era reclamado, seria immediatamente devolvido a essa Bibliotheca, para onde aliás nunca mais voltou.

A correspondencia official, trocada entre os varios poderes publicos por occasiao da remessa para Lisboa d'aquelle preciosissimo exemplar, bem como os extractos das sessões do parlamento e a opinião dos jornaes concernentemente ao suggestivo facto, já fôra publicada em *Supplemento* á primeira edição do *Catalogo das Obras do* XV *seculo pertencentes á Bibliotheca Publica Municipal do Porto* (1897); porém, como á data esse additamento se encontrasse esgotado, o sr. Humberto de Carvalho novamente o deu á estampa, na altura idonea de seus *Incunabulos*, de 1904.

A collecção ajuntada pelo sr. Humberto de Carvalho consta de documentos officiaes, extractos de debates parlamentares e artigos dos periodicos em 1860 e 1861. O atado de documentos comprehende officios do chefe da direcção geral de instrucção publica, José Maria d'Abreu, 1.º bibliothecario Anthero Al-

bano da Silveira Pinto e secretario geral do governo civil do districto do Porto, Augusto Cesar Cau da Costa. Intercala-se chronologicamente uma maliciosa notic a, cheia de subentendidos e realçada de equivocos transparentes, cortada do *Jornal do Porto*, de 14 de março de 1860; em nota se appensa o que tambem sobre o assumpto disse Camillo Castello Branco na sua *Gazeta litteraria do Porto*, de 1868, n.º 16; em segunda nota corrige o sr. Humberto de Carvalho o engano de Camillo Castello Branco, quando este se refere á verba para a edição de Valencia, 1490, consignada no nº. 1.217 do *Ensayo de una biblioteca española de libros raros y curiosos*, quando queria referir-se ao n.º 1.218, que seja o attinente á edição de Barcelona, 1497, que era a que pertencia á Bibliotheca Publica do Porto.

Logicamente se segue a correspondencia trocada entre o presidente da Camara Municipal do Porto, visconde de Lagoaça, e o 1.º bibliothecario, Silveira Pinto. Na mesma data, o 1.º bibliothecario officia a José Maria d'Abreu, chefe da Direcção Geral de Instrucção Publica, enviando-lhe copia do officio que recebera do presidente da Camara do Porto e bem assim outra da resposta que dera a esse officio, na qual ao visconde de Lagoaça participára que a elle Abreu tudo assim lhe communicaria. No desgosto que promove a leitura das peças officiaes subsequentes, o curioso distrae o tedio d'um momento com o apuro, em replica a uma evasiva, de que constava vagamente que o romance *Tirant lo Blanch*, da marcação L-12-22, pertencera á livraria dos Carmelitas de Villa do Conde.

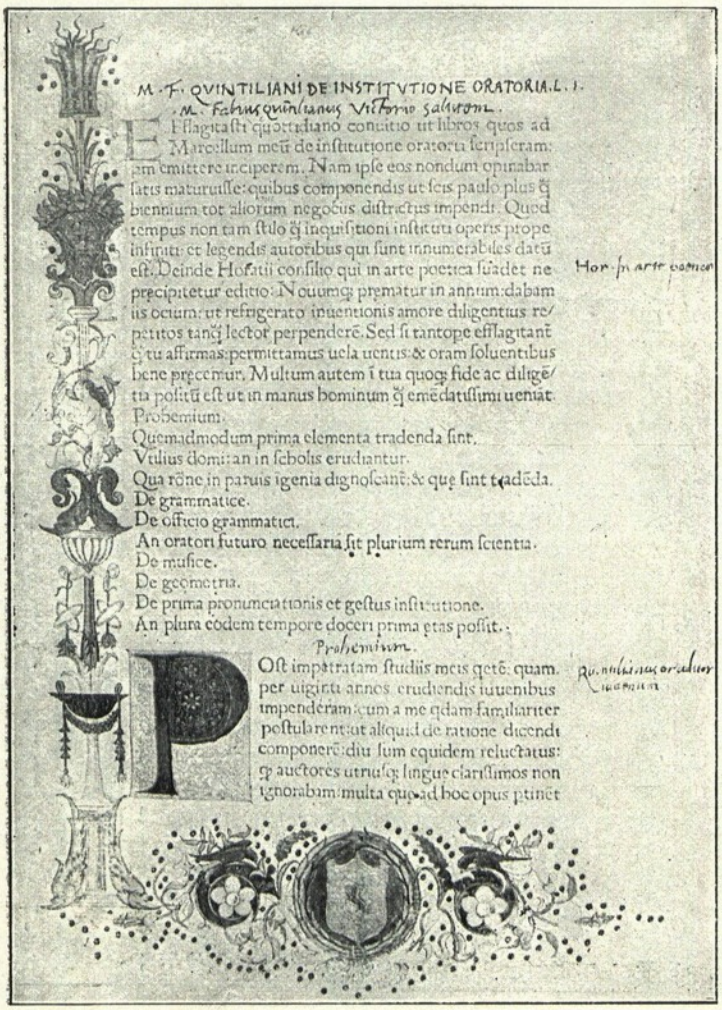
Em 1887, o vice-presidente da municipalidade portuense, Francisco Pinto Bessa, reclama com urgencia copias authenticas dos documentos e portarias em virtude das quaes foi entregue o livro perdido, pois a Camara Municipal deliberara representar ao governo pedindo a devolução do volume distrahido, havia annos, da Bibliotheca Publica do Porto; esta iniciativa não logrou exito, porém; a obra sonegada, sonegada ficou.

Os documentos parlamentares compoem-se de um extracto da sessão de 28 de março de 1860 da Camara dos Deputados; interpella Alves Martins, depois bispo de Vizeu e ministro d'Estado, responde o ministro do reino, Fontes Pereira de Mello; e intervem José Estevão, corroborando a censura de Alves

DAVID ABU DERAHIN — ORDO PRECUM — LISBOA, 1498

Martins, ao que retorque ainda Fontes Pereira de Mello, allegando o exemplo de precedentes similares. Vem depois um extracto da sessão de 30 do mesmo mez e anno da Camara dos Pares; apresentou o visconde de Fonte Arcada um requerimento para que pelo ministerio do reino se pedisse ao governo copia da portaria ou ordem expedida por aquelle ministerio para mandar vir da livraria da cidade do Porto a obra rarissima, *Tirant lo Blanch*, e para que se dissesse se este livro

precioso já fôra devolvido á referida livraria ou em que mãos parava por então; o visconde de Balsemão rogou-lhe permittisse licença de accrescentar áquelle requerimento que pelo mesmo ministerio se informasse como fôra adquirido pela Bibliotheca aquelle livro. Na mesma Camara, em sessão de 2 de abril, o marquez de Vallada declara desejar fazer algumas considerações sobre a portaria



M·F· QVINTILIANI DE INSTITVTIONE ORATORIA.L.I.

Flagitasti quotidiano conuitio ut libros quos ad Marcellum meũ de institutione oratoria scripseram: rem emittere inciperem. Nam ipse eos nondum opinabar satis maturuisse: quibus componendis ut scis paulo plus q̃ biennium tot aliorum negocius distractus impendi. Quod tempus non tam stilo q̃ inquisitioni instituti operis prope infiniti: et legendis autoribus qui sunt innumerabiles datũ est. Deinde Horatii consilio qui in arte poetica suadet ne precipitetur editio: Nouumq; prematur in annum: dabam iis ocium: ut refrigerato inuentionis amore diligentius repetitos tanq̃ lector perpenderẽ. Sed si tantope efflagitant q̃ tu affirmas: permittamus uela uentis: & oram soluentibus bene precemur. Multum autem ĩ tua quoq; fide ac diligẽtia politũ est ut in manus hominum q̃ emẽdatissimi ueniat.

Hor. in arte poetica

Probemium.
Quemadmodum prima elementa tradenda sint.
Vtilius domi: an in scholis erudiantur.
Qua rõne in paruis igenia dignoscant: & quę sint tradẽda.
De grammatice.
De officio grammatici.
An oratori futuro necessaria sit plurium rerum scientia.
De musice.
De geometria.
De prima pronunciationis et gestus institutione.
An plura eodem tempore doceri prima ętas possit.

Probemium.

Post impetratam studiis meis quetẽ: quam per uigiti annos erudiendis iuuenibus impenderam: cum a me qdam familiariter postularent: ut aliquid de ratione dicendi componerẽ: diu sum equidem reluctatus: q̃ auctores utriusq; lingue clarissimos non ignorabam: multa quoad hoc opus ptinet

Quintilianus oratorius

QUINTILIANUS (M. F.) INSTITUTIONE ORATORIA — ROMA, 1470

a que alludira o visconde de Fonte Arcada; e em sessão de 10 do mesmo mez aproveita a presença do ministro do reino para fallar sobre o livro *Tirant lo Blanch*, que aquelle ministro permittira sahisse da Bibliotheca do Porto, ao que redargue o ministro que, sempre que fôr prevenido do dia em que se lhe pretenda dirigir alguma interpellação, tratará de comparecer prompto para responder.

A interpellação effectua-se na sessão de 16 de maio; é, pelo presidente, entrando-se na ordem do dia, concedida a palavra, para a fazer, ao visconde da Fonte Arcada; responde o ministro do reino, Fontes Pereira de Mello; replica o interpellante, visconde da Fonte Arcada; intervém, de novamente, o visconde de Balsemão; falla o conde da Taipa; volta a retorquir Fontes Pereira de Mello, a que contesta aquelle conde da Taipa, encerrando-se o debate com uma declaração em prol do personagem (o duque de Saldanha) que fizera retirar até suas mãos o exemplar do *Tirant lo Blanch* existente na Bibliotheca Publica do Porto. Essa declaração categorica do ministro do reino, a camara a saúda com apoiados e vozes de applauso.

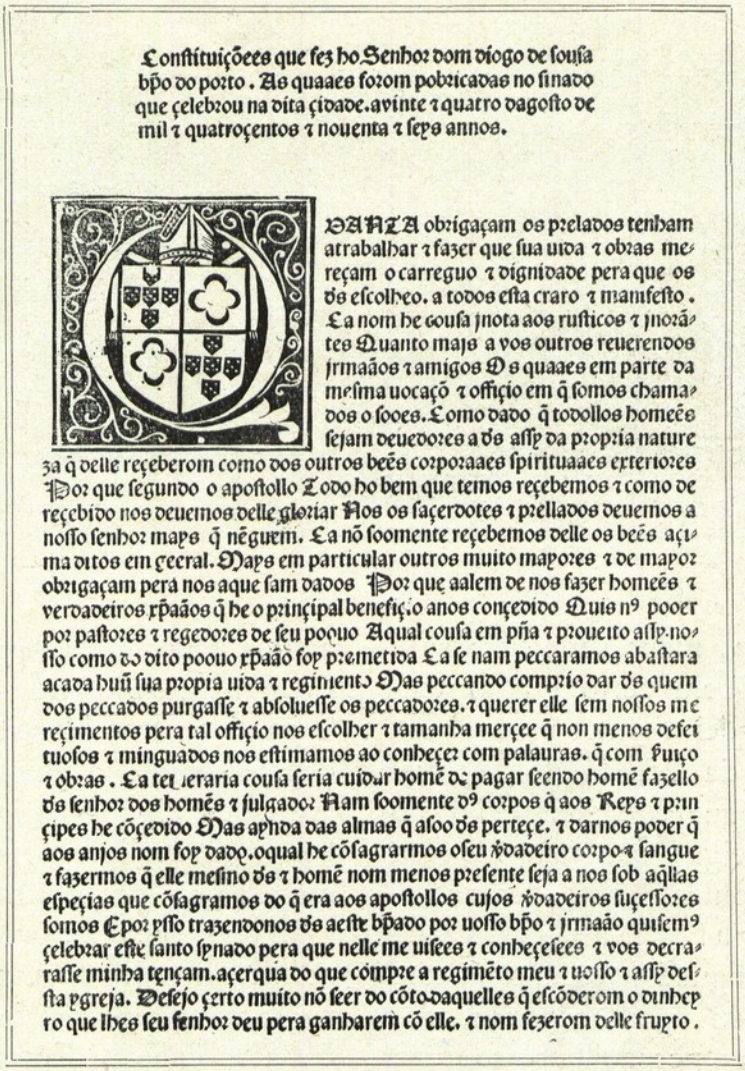
Na Camara dos Deputados, na sessão de 6 de fevereiro de 1861, Alves Martins requer que, pelo ministerio do reino, fossem remettidos esclarecimentos sobre a portaria do mesmo ministerio do reino que ordenou a sahida do livro de cavallaria *Tirant lo Blanch* da Bibliotheca do Porto, sobre o recibo do cavalheiro a quem se entregara o livro, finalmente quaesquer informações que habilitassem os representantes do paiz a saberem o destino que teve o *Tirant lo Blanch*. Á sessão de 17 de agosto de 1861, da mesma Camara, cabe a nota de interpellação do deputado José de Moraes Pinto de Almeida, pretendendo interpellar o ministro do reino, com a maior urgencia possivel, além d'outro ponto congenere, sobre o destino que tivera o livro *Tirant lo Blanch*, que pertencia á Bibliotheca do Porto. No restante da sessão legislativa de 1861 não encontrou o sr. Humberto de Carvalho verificada esta interpellação; parece-lhe provavel que o fôsse em alguma das sessões parlamentares dos annos seguintes; porém, para não demorar a publicação de seu catalogo, desistira pelo entretanto de procurar essa verificação; de longos annos, de resto, que tencionava reunir e fazer estampar estes documentos que apresentava assim colligidos já; mas faltara-lhe sempre o tempo necessario para se fazer pesquiza similhante.

Mui distante da data da sahida do *Tirant lo Blanch* da Bibliotheca do Porto e bem proximo de nossos actuaes dias, recebeu o bibliothecario do Porto, Eduardo Augusto Allen, uma carta do bibliothecario-mór da capital, Antonio Ennes, escripta em 11 de fevereiro de 1887, communicando-lhe que os livreiros, de Londres, Sotheby, Wilkinson & Hodge haviam annunciado para os ultimos dias d'aquelle mez a venda em leilão d'uma bibliotheca de Mello, pertencente ao finado barão Seillière, e que no catalogo d'essa bibliotheca figurava um *Tirant lo Blanch*, que Antonio Ennes suspeitava ser o exemplar que em tempos sahira do Porto, por emprestimo feito ao marquez de Salamanca.

Não era; era a edição de Valencia, de 1490, e que, vendida no indicado leilão pelos livreiros Sotheby, Wilkinson e Hodge, foi alli comprada por outro liveiro, Bernard Quaritch, que a registou no seu catalogo n.º 148, de fevereiro de 1895, pondo-lhe o preço, já apontado, de 500 libras esterlinas. Não appareceu comprador immediatamente; no catalogo n.º 202, de novembro de 1900, ainda lá se encontra marcada, a pag. 51, n.º 489, pela referida conta de £ 500.

Em 1904, o sr. Arthur Humberto de Carvalho aventava o alvitre de o governo comprar essa 1.ª edição de Valencia, dado que ainda á cata de adquirido se encontrasse em Londres, destinando-a, e a fito de a resarcir, á Bibliotheca Municipal do Porto. Esta compensação se consideraria, tão só, interina, até que apparecesse o paradouro e se conseguisse a restituição da que lhe foi subtrahida. N'este caso, passaria o exemplar comprado para a Bibliotheca Nacional de Lisboa, á qual erroneamente, no seu Supplemento, de 1880, em Brunet vem attribuida a posse primitiva do exemplar, pertencente á opulenta collecção do barão de S..., e que appareceu, na Exposição Universal de 1878 em Paris, no Museu Retrospectivo, do Trocadero.

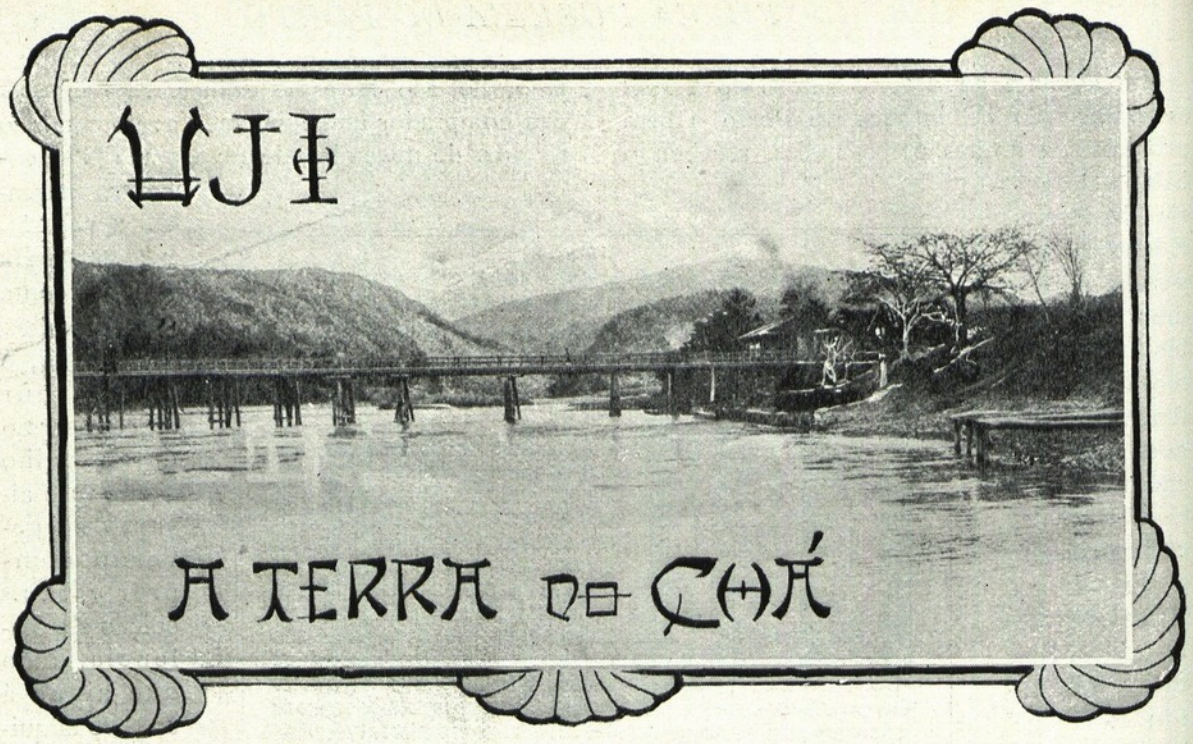
J. Pereira de Sampaio (Bruno).



Constituiçoees que fez ho Senhor dom diogo de sousa bpo do porto. As quaaes forom pobricadas no sinado que celebrou na dita cidade. avinte ⁊ quatro dagosto de mil ⁊ quatrocentos ⁊ nouenta ⁊ seys annos.

SANTA obrigaçam os prelados tenham atrabalhar ⁊ fazer que sua uida ⁊ obras mereçam o carreguo ⁊ dignidade pera que os ds escolheo. a todos esta craro ⁊ manifesto. E a nom he cousa jnota aos rusticos ⁊ jnorãtes Quanto mais a vos outros reuerendos jrmaãos ⁊ amigos Ds quaaes em parte da mesma uocaçõ ⁊ officio em q̃ somos chamados o sooes. Como dado q̃ todollos homees sejam deuedores a ds assy da propria natureza q̃ delle receberom como dos outros beẽs corporaaes spirituaaes exteriores Por que segundo o apostollo Todo ho bem que temos recebemos ⁊ como de recebido nos deuemos delle gloriar Nos os sacerdotes ⁊ prellados deuemos a nosso senhor mays q̃ nẽguem. E a nõ soomente recebemos delle os beẽs acima ditos em geeral. Mays em particular outros muito mayores ⁊ de mayor obrigaçam pera nos aque sam dados Por que aalem de nos fazer homees ⁊ verdadeiros xpãos q̃ he o principal benefiçio anos concedido Quis nõ pooer por pastores ⁊ regedores de seu pooo Aqual cousa em pña ⁊ proueito assy nosso como do dito pooo xpãõ foy prometida E a se nam peccaramos abastara acada huũ sua propia uida ⁊ regimento Mas peccando compriio dar ds quem dos peccados purgasse ⁊ absoluesse os peccadores. ⁊ querer elle sem nossos mereçimentos pera tal officio nos escolher ⁊ tamanha merçee q̃ non menos defeituosos ⁊ minguados nos estimamos ao conheçer com palauras. q̃ com suuço ⁊ obras. E a temeraria cousa seria cuidar homẽ de pagar seendo homẽ fazello ds senhor dos homẽs ⁊ julgador Nam soomente dos corpos q̃ aos Reys ⁊ prinçipes he cõcedido Mas aynda das almas q̃ aoo ds perteçe. ⁊ darnos poder q̃ aos anjos nom foy dado. oqual he cõsagrarmos oseu ydadeiro corpo ⁊ sangue ⁊ fazermos q̃ elle mesmo ds ⁊ homẽ nom menos presente seja a nos sob aquias especias que cõsagramos do q̃ era aos apostollos cujos ydadeiros sucessores somos E por isso trazendonos ds aeste bpado por uosso bpo ⁊ jrmaão quisem celebrar este santo synado pera que nelle me uisees ⁊ conheçesees ⁊ vos decrarasse minha tençam. açerqua do que compre a regimẽto meu ⁊ uosso ⁊ assy desta igreja. Desejo certo muito nõ seer do cõto daquelles q̃ escõderom o dinheyro que lhes seu senhor deu pera ganharem cõ elle. ⁊ nom fezerom delle fruyto.

CONSTITUIÇÕES SINODAES DO BISPADO DO PORTO — PORTO, 1496

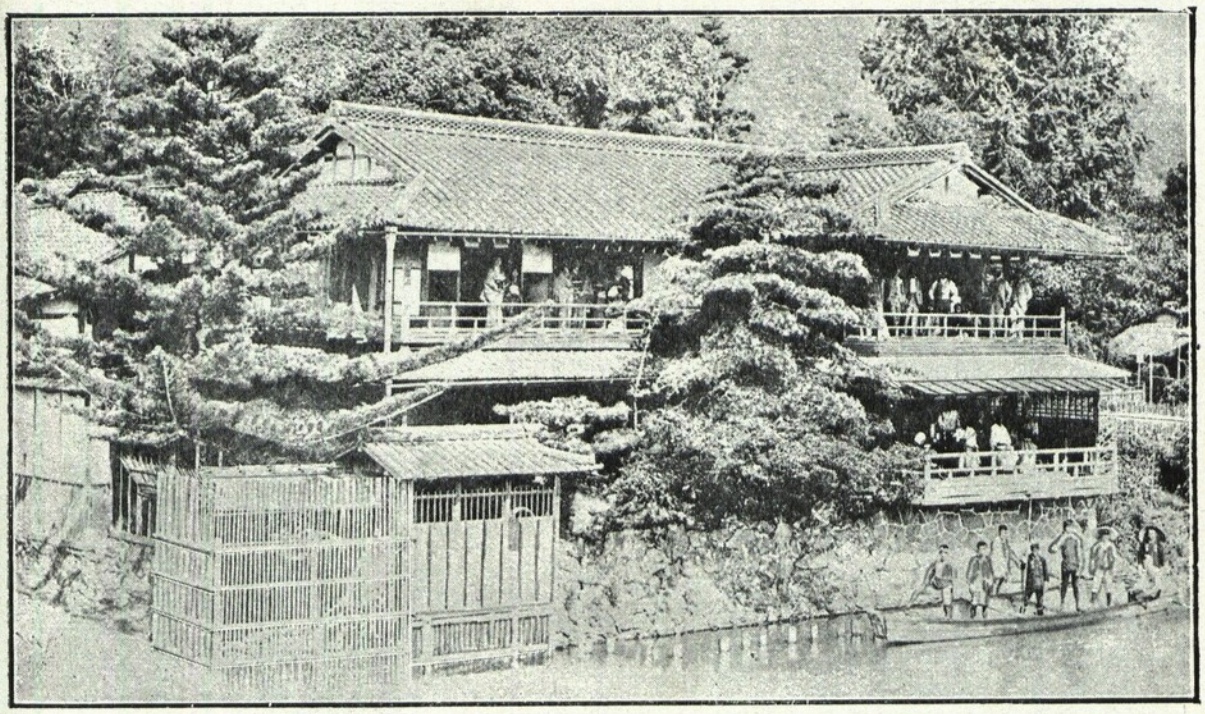


PONTE DO RIO DE UJI

ORA, meus senhores: se é bem certo que o tendeiro tantas vezes abusa da boa fé do seu freguez, enganando-o no peso da manteiga; se, com identica falta de escrupulos (oh, doces recordações da patria!...), a varina vende por fresco o linguado pescado ha sete dias; vou-me eu agora convencendo, por experiencia e peccadilhos proprios, que de todos os traficantes d'este mundo será talvez o homem de lettras quem mais abuse da boa fé dos seus clientes. Escutem-me, e concluam: aqui vou eu agora encher de prosa algumas paginas, buscando assumpto em uma excursão sentimental que ha poucos dias realizei, a qual (prosa ou excursão) poderá ter muito valor para a minha affectibilidade pessoal, mas não por certo para a curiosidade dos leitores.

Trata-se, com effeito, de uma peregrinação a Uji, a terra do chá, a pequena cidade provinciana onde ha alguns annos colhi inspirações para um livrinho sobre o chá, que foi impresso e garridamente illustrado em Kobe, e depois expedi á minha terra, onde, graças a alguns amigos, se lhe deu benevola acolhida. Ao livrinho, quero muito, por intimos motivos. Quanto a Uji, não mais alli voltára depois de publicado o livro. A gratidão, quando não outros impulsos, ia-me aconselhando a lá tornar. Emprehendi pois recentemente este passeio, em epocha propicia — em maio, — quando em plena colheita das preciosas folhas; e estão os senhores imaginando o alvoroço, o amor com que eu ia relanceando paizagens e rostos conhecidos, aspectos de labuta aos quaes prestára já olhos attentos, todo o conjuncto emfim a que devêra a realização, tão feliz quanto possivel, do meu capricho litterario.

Do tal passeio, resa o presente artigo. Volvêr a fallar do chá é insistencia que pelo menos merece os qualificativos de importuna, de enfadonha,

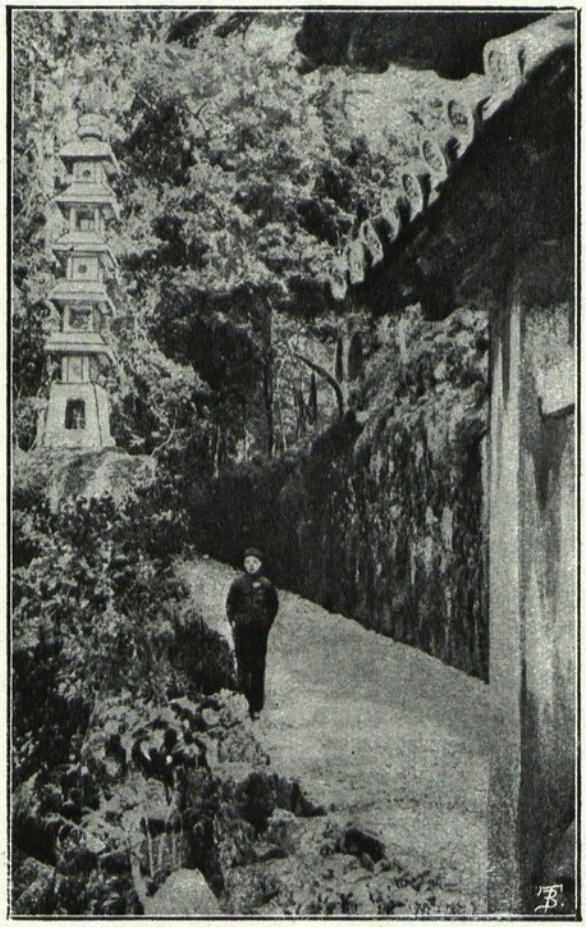


YOROZUYA

coisa orçando por burla imposta á ingenuidade do leitor. Proponho-me ser conciso, todavia; e, como diversão, substituo as illustrações phantasistas do livrinho por photographias authenticas dos logares, possivelmente com agrado d'aquelles que preferem ao impressionismo do pincel a veracidade da placa sensitiva.

*
* *

Chegada ás 11 horas. Sol radioso. Chilreada de pardaes. Animação nas ruas e nos campos. Ligeiro repoiso na hospedaria. Yorozuya (a casa de dez mil annos), pittorescamente debruçada á borda da ribeira. Bebo uma chavena de chá novo, com o travo delicioso das folhas ainda mal curtidas; engulo um frugal almoço e salto para os campos, todos verduras tenras, salpicadas de matizes de mil e mil flores silvestres. Vae servindo-me de guia uma rapariguinha, Yoné (Bago-de-arroz), de maneiras gentis e obsequiosas e com a bocca cheia de sorrisos. Visita ao velho



ENTRADA DO TEMPLO DE BYODO-IN

SCENAS DO RIO DE UJI

templo de Byodo-in, que data do anno de 1052, e obolo piedoso lançado na caixa das esmolas. Depois, atravessamos o rio de Uji numa barca de passagem e eis-nos em plena região das culturas de chá.

Agora, alguma minucia nos detalhes. Moirejam bandos de mulheres, velhas e raparigas, em fatos domingueiros, toalhas em volta dos cabellos, alguns homens tambem, todos colhendo chá. Aqui, além, caras conhecidas me sorriem, dão-me os bons-dias; e tão á vontade me supponho, que me misturo aos grupos e começo tambem a trabalhar, arrancando as folhas viçosas dos arbustos e atirando-as a uma ceira. A velha O-Haru (a Primavera... o nome fica sempre, mas os alvos cabellos melhor accusam os invernos), a velha O-Haru canta, a meu pedido, algumas canções apropriadas, para animar as raparigas a imital-a. Porque, segundo a praxe, ellas estavam cantando, sendo de estylo acompanhar a faina de descantes; mas haviam-se calado, ao darem fé de mim. Canta a velha:

Uji no shiba-buné
Hayasé wo wataru.
Watashiya kawa-buné dé
Watare yuku!...

Uji wa chá dokoro,
Chá wa en dokoro.
Musumé yaritaya
Muko hoshiya!...

CULTURA DO CHÁ — UM ASPECTO

Não perceberam? Eu traduzo:

Os barcos d'Uji navegam,
Contra a corrente luctando.
Eu vou sem rumo, ao capricho
Dos desejos, vagueiando!

Uji é a terra do chá,
E o chá é casamenteiro.
Moços e moças em faina...
Que lidar tão feiticeiro!...

Após, houve pausa nas cantigas, O-Haru começou então dando largas á palestra, permittindo-se, como as outras, o regalo de alguns minutos de preguiça, em honra do estrangeiro. Ia dizendo ella que O-Ai (a Amores), O-Ai, a rapariga mais bonita de todas que colhiam chá nos campos de Uji, casára, vivia agora em Osaka com o marido, e já tinha um filho, — um ou dois — não se lembrava ao certo. Alem, via eu a apanhar chá aquella mocita graciosa, rosada como um pecego, Sué (a Ultima), que era a irman, a *ultima* irman, de O-Ai. O-Ito (a Mea-da-de-linhas), O-Ito deixára a vida da lavoira para entrar n'uma escola superior na cidade de Kyoto, onde aprimorava agora o seu espirito...

Eu ia ouvindo estas historias, sinceramente interessado nos destinos de O-Ai, de O-Ito, das quaes bem me recordava. A scena que tinha diante dos meus olhos tambem se offerecia interessante. Relanceada de surpresa e para um estranho no paiz, poderia fazer suppôr que alguma tribu de bohemios alli se achava, em acampamento provisorio, entre as culturas. O solo,

encharcado de recentes chuvadas, fôra coberto de palha, fofa e secca, sobre a qual se estiraçavam garotos galhofando. Aqui, além, gentis vultos de *musumés*.

Algumas soberbas velhas, alvas guedelhas cahidas sobre a fronte, mãos esqueleticas em gestos, com ares de bruxas dos bosques, não distantes, reunidas ali em magno concilio. Mães com filhitos cerca, ou ás costas, ou dandolhes o seio durante curtos instantes de descanço; particularmente enternecia o rostinho requeimado de uma menina de onze mezes, sobre o regaço materno, palpebras cerradas, adormecidas, sobre as quaes as moscas vinham poisar teimosamente. Dois ou tres rapagões, na flor da vida e na força dos musculos, tambem iam lidando na colheita, mordendo de quando em quando as raparigas com a pupila afogueada.

* *

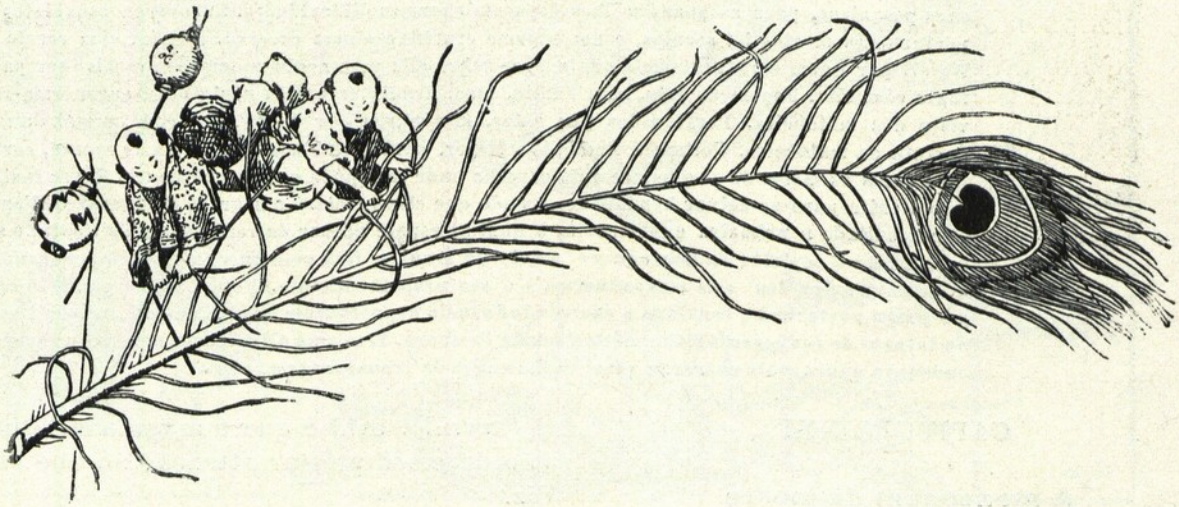
Mas esquecia-me de notar a impressão mais commovente que colhi do meu passeio a Uji. Foi em Yorozuya, a hospedaria assente junto da ribeira e guarnecida de estacadas, evocando no espirito não sei que canto de paizagem remota de extincta povoação lacustre, onde pedi agasalho, como disse. Eu conhecia de longa data aquelle poiso, o mais afamado do logar. Havia cerca de dois annos estivera lá por ultima

OUTRO ASPECTO DA CULTURA DO CHÁ

vez. Então apparecêra-me, com as criaditas de mistura, uma moça gentil, mais mimosa do que as outras, acarinhando um rapazito. Servindo-me o chá, de joelhos sobre a esteira, disse-me ella ser a esposa do proprietario da estalagem e que aquella creança era seu filho; e accrescentou com ar apprehensivo — julguei mesmo vêr-lhe nos olhos bailarem duas lagrimas, — que o marido partira para a guerra, como soldado reservista, havia poucos dias... o seu espirito de mulher, embora japoneza e por conseguinte resignada a todos os sacrificios que a patria reclamasse, soffria com os perigos da guerra, com os riscos que o marido ia correndo... Pois confesso que, ao entrar agora na estalagem, sentia-me receioso, commovido. Reverencias risonhas das criadas. Deixo á porta os sapatos e subo ao primeiro andar, installo-me no aposento que me foi designado, e eis que me apparece, meio escondido por detraz de um biombo, espreitando, curioso de vêr a cara de um estrangeiro, o sobredito rapazinho, mas com dois annos a mais, espigado como um pé de milho quando duas semanas decorridas. Pergunto-lhe abruptamente: — «Como está o teu pae? já voltou?...» — Respondeu-me que estava alli em baixo na cozinha, tendo voltado da guerra, são e salvo, o mez passado. Respirei. — «E a tua mãe?...» — Respondeu-me: — «Morreu.»

Kobe — Maio de 1906.

W. DE MORAES.



SUMMARIO DOS CAPITULOS I A XX

Benita Clifford, que se dirigia á Africa a bordo do paquete ZANZIBAR afim de se reunir a seu pae em Durban (Natal), tem por companheiro de viagem Roberto Seymour, o qual se enamora d'ella. Seymour conta como encontrou o pae d'ella e Jacob Meyer em Bambatse, no interior de Africa, onde se suppunha existir um valiosissimo thesouro escondido. A declaração do seu amor é interrompida, quando ella está para responder, pelo naufragio do paquete. Seymour salva com grande difficuldade Benita, desfallecida por um ferimento na cabeça, mettendo-a dentro d'uma lancha. Cede em seguida o logar a uma mulher e a uma creança, em riscos de afogar-se, por não caber mais gente na lancha. Antes de se lançar ao mar, deixa no seio de Benita uma carta em que pede a resposta á sua declaração, caso ainda venham a encontrar-se. Consegue alcançar a costa, extenuado. A lancha é encontrada por outro paquete, e Benita reune-se a seu pae em Durban, onde por um jornal tem noticia do encontro de um cadaver na costa por um cafre, que apresentou como prova um relogio com o nome de Seymour. Benita e seu pae partem para a fazenda d'este, Rooi Krantz, e quando estão proximos sahem do carro para dar caça a um antilope ferido, transviam-se, e de noite estão a pique de cahir n'um precipicio, quando em seu auxilio acode Jacob Meyer, levando-os a salvo para a fazenda. Ahi lhe narram a lenda dos portuguezes mortos ha seculos em Bambatse, e do thesouro que deixaram escondido. Uma deputação da tribu dos makalangas, naturaes de Bambatse, vem procurar Cliffor de Meyer, promettendo-lhes todo o ouro que puderem encontrar se lhes levarem quinhentas espingardas e os respectivos cartuchos, afim de resistirem aos Zulus. Elles concordam, compram as armas e as munições e partem para Bambatse. Vem uma embaixada dos matabeles declarar guerra aos makalangas. Meyer mata um dos embaixadores que falta ao respeito a Benita. Os europeus, no recinto interior da fortaleza de Bambatse, preparam-se para o cerco, e resolvem começar as suas pesquizas, para as quaes se lhes deparam enormes difficuldades. Encontram esqueletos de portuguezes mortos ha seculos, e um enorme crucifixo n'uma caverna. Benita, com receio de Meyer, por quem é requestada e que exerce sobre ella uma acção magnetica, resolve seu pae a fugir com ella. Fogem os dois, com effeito, mas, depois de varias peripecias, encontram-se á vista dos matabeles. Perseguidos por estes, são salvos por Meyer, que com os makalangas derrota os matabeles. Voltam a Bambatse. Meyer, para evitar nova tentativa de evasão, corta-lhes todos os meios de se afastarem da caverna onde se suppõe existe o thesouro. Meyer insiste com Benita para se deixar hypnotisar, crendo que ella revelará o segredo do thesouro. Faz-se sem resultado a primeira experiencia, a qual se repete apezar da reluctancia de Benita e seu pae. Então o espirito da portugueza morta ha seculos, fala pela bocca de Benita, contando a historia tragica dos seus companheiros e o seu proprio suicidio. Meyer, cujo espirito se acha um pouco perturbado, continua a exercer influencia hypnotica em Benita, contra vontade d'esta, no intento de conhecer o sitio onde se acha o thesouro. Tem uma allucinação dentro da caverna, onde jura nunca mais entrar, e quasi se lhe acaba de transtornar o juizo.

CAPITULO XXI

A mensagem da morta

MEYER sempre affirmou que não acreditava em espiritos — disse Clifford scismando.

— Pois agora acredita! — respondeu Benita com um risinho. — Mas, meu pae, o pobre homem está doido varrido, esta é que é a verdade, e nós não devemos prestar attenção ao que elle diz.

— O velho molemo e mais pessoas da sua gente, Tamas por exemplo, declaram ter visto a alma de Benita Ferreira. Dar-se-ha caso que elles tambem estejam doidos, Benita?

— Eu sei cá! Vá lá saber isso! Tudo isto é um mysterio. O que eu sei é que nunca

COMEÇA ENTÃO A EPOCA MAIS TERRIVEL DA VIDA DE BENITA

vi um espectro, e duvido que alguma vez o veja.

— Mas o que é certo é que, quando tu estavas em estado de transe, houve alguem, que não eras tu, que por tua bocca falou, e esse alguem disse que era a tua homonyma, a outra Benita. Com effeito dizes bem: não nos é dado profundar estas

cousas, especialmente n'um demonio de um sitio como este, que parece encantado. Mas o que não me offerece duvida é que não temos muito mais a receiar de Jacob.

— Isso é que eu não sei, meu pae. Em doidos não ha que fiar.

Não tardou muito a reconhecer-se que Benita tinha toda a razão. Pela hora da ceia reappareceu Jacob Meyer, com aspecto pallido e acabrunhado, mas no mais, sem differença do seu estado normal.

— Eu esta manhã tive uma especie de ataque nervoso — explicou elle — resultado de uma allucinação que se apossou de mim quando a luz se me apagou. Lembro-me que julguei ter visto um espectro, e afinal sei perfeitamente que tal cousa não existe. Fui victima de decepções, de anciedades, e de outras commoções mais fortes ainda — e olhou para Benita — Por conseguinte, rogo-lhes o favor de se esquecerem de tudo quanto disse ou quanto fiz e . . . Tem a bondade, dá-me de ceiar?

Benita assim fez. Elle comeu em silencio, com algum appetite. No fim, enguliu duas ou tres goladas de genebra, e falou de novo:

— Bem sei que não me acolhem de braços abertos, mas vim aqui para tratar de negocios — disse elle em voz serena e despreoccupada. — Estou farto de aqui estar, e parece-me que é tempo de chegarmos ao fim que nos trouxe, isto é, de encontrar o thesouro escondido. Isso, como sabemos, não se pode fazer senão de uma maneira, por meio das faculdades videntes de uma pessoa presente e do poder hypnotico de outra. Miss Clifford, rogo-lhe me permitta pôl-a em estado de transe. Tudo nos disse já, excepto o esconderijo do thesouro, e é necessario que o saibamos.

— E se eu recusar, sr. Meyer?

— N'esse caso, muito a meu pezar, ver-me-hei forçado a empregar os meios de que disponho para a compellir á obediencia. Com grande repugnancia minha, ver-me-hei obrigado — e n'isto rebrilharam-lhe ferozmente os olhos — a executar seu pae, cuja obstinação e cuja influencia se levantam entre nós e o esplendor da fortuna. Eh! Clifford! — accrescentou elle — Escusa de extender a mão para a carabina, porque eu tenho o revolver armado na algibeira, e no instante em que a sua mão tocar na carabina, faço fogo. Pobre velho! Pois imagina um momento, doente e encarangado como está, que pode luctar contra a minha dextreza, a minha intelligencia e a minha força? Deixe-se d'isso! Matava-o doze vezes antes que vossê pudesse levantar um dedo contra mim. Por esse Deus em que eu não creio lhe juro! Se sua filha não for mais submissa, mato-o!

— Isso agora é que havemos de ver, meu amigo! — disse Clifford rindo e mostrando que o não desamparava a coragem — Esse Deus em que não crê talvez que primeiro lhe dê a morte!

N'isto Benita, que tinha estado a reflexionar, levantou os olhos e disse de repente:

— Muito bem, sr. Meyer! Consinto, consinto . . . porque é esse o meu dever. Amanhã de manhã dou-lhe licença que me hypnotise, se puder, no mesmo logar, defronte do crucifixo, dentro da caverna.

— Não! — redarguiu elle promptamente — Ha de ser aqui, aqui é que eu quero. Esse logar de que fala não me é propicio; era capaz de falhar a tentativa.

— Foi esse o logar que escolhi — respondeu Benita com teimosia.

— Mas o que eu escolhi foi este, Miss Clifford, e a minha vontade deve prevalecer sobre a sua.

— Porque o sr. Meyer, que não crê em espiritos, tem medo de entrar na caverna, não se torne a dar o caso . . .

— Não se importe se eu tenho medo ou não tenho! — replicou elle furioso. Escolha: ou cumprir a minha vontade, ou matar seu pae. Amanhã de manhã, virei saber a resposta. Se continua n'essa teima, dentro de meia hora estará elle morto, deixando-a a sós comigo. Ah! pode chamar-me á vontade perverso e facinora. Mas quem é perversa é Miss Clifford, que me força a este acto de justiça.

E sem dizer mais palavra levantou-se de salto e afastou-se ás arrecuas, apontando sempre para Clifford o revolver que sacara da algibeira. A ultima cousa que elles viram foram os olhos d'elle, lampejando para elles na obscuridade como os de um tigre.

— Meu pae — disse Benita, depois de se certificar que elle estava longe — esse doido intenta realmente matal-o; não pode haver duvida.

DEANTE DE SI, TINHA O SACCO REBENTADO, E A CÔR DO ENVOLUCRO ERA A DESCRIPTA

— Decerto, minha querida. Se eu amanhã á noite fôr vivo, é que tenho sorte, a não ser que o mate a elle primeiro ou possa pôr-me a salvo.

— Pois bem! — disse ella precipitadamente — Creio que pode. Tenho uma ideia. Elle tem medo de pôr os pés na caverna, tenho a certeza. Pois escondemo-nos lá.

Podemos levar mantimentos, e agua não nos falta, ao passo que elle, a não ser que chova, não terá que beber.

— E depois, Benita? Nós não podemos ficar eternamente ás escuras.

— Não, mas podemos esperar até que se dê qualquer mudança. Tenho presentimento que alguma se dará. A doença d'elle ha de aggravar-se; pode ser que venha a ter furias e dê cabo de si. Ou pode ser que elle tente atacar-nos, embora não seja provavel, e n'esse caso defender-nos-hemos conforme pudermos. Ou talvez que de alguma banda nos venha soccorro. O peior que pode acontecer-nos é morrermos lá dentro, como morreriamos cá fóra. Vamos lá, aviemo-nos, se não elle é capaz de mudar de ideia e saltar-nos de novo em cima.

Clifford accedeu, percebendo que, ainda quando tivesse energia bastante para se resolver a matar Jacob, tinha todas as vantagens por si esse homem vigoroso e agil. Uma lucta d'essas terminaria decerto pela sua propria morte, e Benita ficaria então sósinha com Meyer e as suas exaltadas paixões.

A' pressa transportaram para a caverna a sua insignificante bagagem. Primeiro levaram a maior parte das provisões de bocca que ainda restavam, os tres candieiros e todas as velas, de que havia apenas um pacote. Depois voltaram para levar o balde, as munições de guerra e o fato. E por fim, como Meyer não dava signal de si, atreveram-se a arrastar para dentro da caverna a barraca que servisse de abrigo a Benita, e toda a lenha que haviam apanhado para o lume. Foi esse um trabalho arduo, porque as achas eram pesadas, e Clifford, tolhido como estava, não podia com grandes pesos. Viu-se Benita forçada afinal a levar sósinha a tarefa a cabo, emquanto elle manquejava ao pé d'ella com a carabina, com receio de que Jacob os surprehendesse.

Quando tudo acabou, já passava muito da meia noite, e tão extenuados estavam ambos que, sem se importarem com o perigo, atiraram-se para cima da barraca de lona, a qual ficara n'uma trouxa no extremo da caverna, ao pé do crucifixo, e pegaram logo no somno.

Quando Benita despertou, tinha-se apagado o candieiro, e estava escuro como breu. Por fortuna, ella lembrava-se onde tinha deixado os fosforos e a lanterna com uma vela dentro. Accendeu a vela e olhou para o relogio. Eram quasi seis horas. Lá fóra devia estar rompendo a aurora, e d'alli a uma hora, duas o maximo, Jacob daria pela falta dos dois companheiros. Caso a raiva levasse de vencida o terror e elle obedecesse ao impulso de os perseguir, elles não o perceberiam senão quando o rosto do judeu apparecesse no circulo de claridade mortiça. E até do meio das trevas podia atirar sobre seu pae. Que podia ella fazer para prevenir este caso? Occorreu-lhe uma ideia.

Agarrou n'uma das cordas da barraca e na lanterna, emquanto seu pae dormia a somno solto, desceu até á entrada da caverna, e no extremo do ultimo zig-zag, onde d'antes houvera uma porta, tratou de amarrar com segurança uma das pontas da corda a um gonzo de pedra que estava a cousa de meio metro de altura do solo, e a outra ponta a um olhal aberto na rocha para receber uma tranqueta de madeira ou de ferro. Meyer, sabia ella que não dispunha de candieiros nem de azeite, mas apenas de fosforos e talvez de poucas velas. Por conseguinte, se elle tentasse entrar na caverna, é provavel que tropeçasse na corda e assim lhes desse aviso. Depois voltou para dentro, lavou a cara e as mãos na agua que na vespera tinham tirado para matar a sede, e arranjou-se o melhor que poude. Feito isto, como seu pae ainda dormisse, preparou os candieiros, accendeu um d'elles, e deitou uma vista de olhos em redor de si.

Era realmente medonha a sua nova residencia. Acima das suas cabeças torrejava o enorme crucifixo branco; a um canto estavam empilhados os restos dos portuguezes. Uma caveira, da qual pendia ainda uma cabelleira basta, arreganhava para ella os dentes, alongava-se uma mão mirrada como para a empolgar. Ah! não admirava que n'um sitio d'estes Jacob tivesse visto espectros! Em frente d'ella escancarava-se tambem o sepulcro onde elles tinham encontrado o frade; ainda dentro estavam os ossos d'elles, que Jacob para alli atirara, envoltos em roupagens negras. Para alem, em derredor, tudo era escuridão e silencio profundo.

Quando finalmente seu pae acordou, ella sentiu-se contente por ter uma companhia humana. Almoçaram umas bolachas e agua, e depois, emquanto Clifford vigiava á entrada com a carabina, Benita foi-se occupando em pôr em ordem as suas cousas. A barraca, tratou de a escorar de encontro á parede da caverna com alguns dos toros de madeira que tinham trazido. Por debaixo extendeu uns cobertores, para que a ambos lhes servissem de dormida, e

RECUOU AOS TROPEÇÕES, E LOBRIGOU UM VULTO ENORME NA ESCURIDÃO

fóra arrumou os mantimentos e outros objectos.

Entrementes, ouviu rumor á entrada da caverna. Jacob Meyer, ao tentar penetrar, cahira por cima da corda. Ella correu, de lanterna em punho, para seu pae, que, de carabina assestada, gritava:

— Se entra, metto-lhe uma bala no corpo!

Ouviu-se a resposta de Jacob, retumbando pelos reconcavos do antro:

— Eu não preciso entrar; fico á espera que saiam para fora. Não podem ahi viver muito tempo; o horror da escuridão ha de matal-os. O que eu tenho a fazer é sentar-me ao sol e esperar.

Depois riu-se, e elles sentiram o som dos seus passos que se afastavam pelo corredor fóra.

— Que havemos de fazer? — perguntou Clifford com desalento — Sem luz não podemos viver, e se tivermos luz, elle com certeza que se ha de arrastar até á entrada da caverna e ha de fazer fogo sobre nós. Elle agora está doido varrido; percebo isso pela voz.

Benita meditou um instante, e replicou:

— Temos de entulhar o corredor. Olhe! — e apontou para os pedregulhos que a explosão da mina fizera desabar do tecto e para os pedaços de cimento que elles haviam arrancado do chão com o pé-de-cabra. — Depressa, depressa! — proseguiu ella — Elle não voltará senão d'aqui a algumas horas, talvez que só á noite.

Puzeram mãos á obra, e nunca Benita

trabalhou com tanto afan como n'aquelle dia. As pedras com que podiam, levavam-nas os dois juntos em peso, outras rolavam-nas com o auxilio do pé-de-cabra. Horas e horas levou aquella tarefa. Felizmente para elles, a passagem não tinha mais de um metro de largo por pouco mais de dois metros de altura, e não lhes faltava material. Antes de chegar a noite tinham-na elles entaipado completamente com um muro de respeitavel espessura, o qual escoraram pela parte de dentro com achas de lenha atravessadas nos velhos gonzos e buracos dos ferrolhos, ou apoiadas obliquamente de encontro a elle.

Feito isto, contemplaram com orgulho a sua obra, comquanto se afigurasse provavel estarem construindo o seu proprio tumulo. Em consequencia de ficar n'um cotovello do corredor, sabiam que a Meyer não era possivel tentar derrubar o muro com uma tranca de madeira. Alem d'isso, não havia já polvora solta, e portanto o unico recurso d'elle era tratar de o despedaçar á mão, o que os dois julgavam tarefa acima das suas forças. Em todo o caso, quando elle o tentasse, elles tinham tempo e mais que tempo de se precaver. Comtudo, não devia passar aquelle dia sem outro desgosto.

No momento em que rolavam e collocavam no seu logar um grande penedo alongado, destinado a evitar que os extremos das escoras resvalassem pelo chão de cimento, Clifford soltou uma exclamação, e disse logo:

— Dei um gesto nas costas. Doe-me muito — Ajuda-me a ir para a barraca. Preciso deitar-me.

A passos lentos, com grande custo, arrimando-se a Benita e a uma bengala, foi Clifford andando pela caverna fora, até que, chegando finalmente á barraca, se deixou quasi cahir sobre os cobertores, e para alli ficou tolhido de movimentos.

Começou então a epoca mais terrivel da vida de Benita. O pae peiorava de hora para hora. Já antes de se refugiarem na caverna elle estava completamente quebrado de forças, e agora, depois d'aquelle desastre, começou a padecer muito. O rheumatismo, ou a sciatica, fosse o que fosse, parecia ter-se localisado nos musculos contusos do dorso, causando-lhe taes dores que mal podia dormir dez minutos seguidos. Alem d'isso, custava-lhe a levar o grosseiro alimento de que Benita dispunha para lhe preparar; apenas podia engulir um pouco de bolacha ensopada em café, que ella fervia n'uma fogueirita arranjada com a lenha que tinham trazido, e uma vez por outra umas gotas de caldo muito desenxabido, feito apenas com carne secca e temperado com sal.

Havia ainda dois outros terrores contra os quaes ella tinha de luctar: a escuridão e o medo de Jacob Meyer. A escuridão era talvez o peior. Viver no meio de pavorosas trevas, com um só candieiro a illuminal-os toda a noite, á laia de estrella, para economisar o oleo, só quem por isso tivesse passado podia imaginar tamanho horror. Aqui o enfermo, mais alem os esqueletos de dentes arreganhados, em volta a escuridão e o silencio, e ainda para lá uma morte miseravel, ou então Jacob Meyer. Mas d'este não havia novas; só uma ou duas vezes se afigurou a Benita ouvir-lhe a voz desvairada da banda de fóra do muro que elles tinham levantado. Se assim era, ou elle não tentava derruil-o, ou receiava porventura que, se o conseguisse, seria acolhido por uma bala. Parecia pois que elle renunciara a pensar em tal. Se elle acaso abrisse caminho para o interior da caverna, teria ella de affrontar a situação o melhor que pudesse. E entretanto as forças de seu pae iam-se deprimindo rapidamente.

Assim passaram tres dias terriveis, e o fim ia-se approximando. Por mais esforços que fizesse, Benita não podia engulir alimento bastante para lhe manter as forças. Entaipada como estava a entrada do antro, a atmosphera, adensada com o fumo que ella era obrigada a produzir, ia-se tornando mephitica e suffocava-a. Extenuava-a a falta de somno, esmagava-lhe o vigoroso espirito o terror do que poderia vir no dia seguinte. Começou tambem a enfraquecer, vendo que se acercava o momento em que deviam morrer ambos juntos, ella e seu pae.

De uma vez, estando a dormitar á beira do enfermo, acordou com um gemido d'elle e olhou para o relogio. Era meia noite. Ergueu-se, e no brazido da fogueira aqueceu um pouco de caldo e vasou-o n'uma la-

A PATINHAR NO LODO DAS MARGENS INCOGNITAS DO ZAMBEZE, FUGINDO DE UMA MORTE PARA OUTRA

ta. A custo o obrigou a engulir umas gotas, e depois, sentindo uma debilidade repentina, bebeu ella o resto. Deu-lhe isto forças para pensar, emquanto seu pae dormia um somno agitado.

Mas de que servia pensar? que havia a fazer? Só na oração lhe restava esperança. Excitada, agarrou na lanterna e começou a percorrer a caverna. O muro que elles tinham levantado permanecia intacto; ah!

pensar que alem d'elle corria ar livre e brilhavam estrellas bemditas! Voltou para traz, bordejando as covas que Jacob Meyer tinha aberto, e o sepulcro do velho frade, até chegar aos degraus do crucifixo. Ergueu a lanterna, e olhou para a fronte do Christo, coroada de espinhos.

Era maravilhosamente esculpido esse rosto moribundo e cheio de piedade. Não se compadeceria d'ella Aquelle que alli estava figurado? Ajoelhou no degrau superior, abrangeu com os braços os pés traspassados, e começou a rezar com fervor, não por si mas pela salvação de seu pae. Rezou como nunca tinha rezado, e a rezar cahiu em torpor ou em deliquio.

Pareceu a Benita que este seu somno adquirira vida; n'elle viu um grande numero de cousas. Por exemplo, viu-se a si propria sentada em estado de transe n'esse mesmo degrau onde agora ajoelhava, e defronte d'ella estavam seu pae e Jacob Meyer. Uma voz falava dentro d'ella; não a podia ouvir, mas afigurava-se-lhe ver as palavras escriptas nos ares em sua frente. E eis quaes eram as palavras:

«Abraça os pés do Christo e desvia-os para a esquerda. A passagem que por baixo se descobre communica com o aposento onde está escondido o ouro, e depois com as ribas do rio. Eis o segredo que, antes de partir, eu, a Benita morta, te revelo a ti, a Benita viva, conforme as determinações supremas. Na vida e na morte a paz seja com tua alma.»

Tres vezes pareceu repetir-se esta mensagem na consciencia de Benita. Depois, tão de repente como adormecera, despertou com todas as lettras impressas na memoria. Sem duvida que era sonho, nada mais que sonho occasionado pelo facto de estar abraçada aos pés do crucifixo. Que rezava a mensagem? «Desvia-os para a esquerda?»

Assim fez, sem resultado. Repetiu o esforço, e nada. Era um sonho, está claro. Porque surgira a zombar d'ella? N'uma especie de insana irritação, ella concentrou toda a força que lhe restava sobre esses pés de pedra.

Deslocaram-se ao de leve; depois, subitamente, sem mais esforço da sua parte, giraram sobre si até á altura dos joelhos, onde a roupagem pendia, occultando as juntas. N'esse movimento giratorio, descobriram o cimo de uma escada, d'onde ascendia uma aragem fresca, deliciosa de respirar.

Benita ergueu-se, arquejando. Depois agarrou na lanterna e correu para a barraca onde estava seu pae.

CAPITULO XXII

A voz do vivo

Clifford estava acordado.

— Onde tens estado? — perguntou elle em voz debil e queixosa — Precisava de ti.

Depois, como a claridade da lanterna incidisse sobre ella, notou a alteração das suas feições pallidas, e accrescentou:

— Que succedeu? Morreu Meyer? Estamos livres?

Benita abanou a cabeça.

— Ha poucas horas ainda elle estava com vida. Ouvi-o a disparatar e aos urros para além do muro que levantámos. Mas, meu pae, voltou-me tudo á memoria; creio que encontrei.

— O que é que voltou? Que cousa encontraste? Endoideceste tambem, como Jacob?

— Aquillo que uma voz me disse quando eu estava em transe, e que depois esqueci, mas de que me lembro agora. E achei a passagem que communica com o esconderijo do thesouro. Começa por detraz do crucifixo, onde ninguem sonhava em procural-a.

Este assumpto do thesouro não parecia interessar Clifford. No estado em que elle estava, bem lhe importava todas as riquezas sepultadas no solo africano. Aborrecia-lhe ouvir sequer falar n'esse maldito thesouro, que os estava levando a tão misero fim.

— Para onde vae essa passagem? Viste? — perguntou elle.

— Ainda não; foi a voz dentro de mim que disse... por outra, sonhei... que ella segue até á margem do rio. Se se encostasse a mim, não poderia andar?

— Não dava um passo — redarguiu elle — Aqui onde estou hei de morrer.

— Não diga isso, não diga isso. Agora que encontrei o caminho, podemos salvar-

nos. Ah! se meu pae pudesse, se pudesse andar ou se eu tivesse força para o levar!

Estorceu as mãos e desatou a chorar, tão fraca estava.

O pae olhou para ella com ar inquisitivo. Depois disse:

— Pois, meu amor, não posso, acabou-se. Mas podes tu, e o melhor é ires-te embora.

—Que diz? E deixal-o? Nunca!

— Deixar-me, sim. Olha! Já resta pouco oleo e poucas velas. A bolacha acabou-se, e nenhum de nós pode já levar essa carne secca. Eu creio que estou a morrer, e a ti, n'esta escuridão, vão-te faltando rapidamente as forças e a saude. Se te demoras aqui, não tardará que me sigas. E se assim não fôr, que destino te espera? Esse louco que está lá fora, caso tu ainda encontres força para derribar esse muro, o que é duvidoso. O melhor é ires-te embora, Benita.

Mas Benita recusou-se de novo terminantemente.

— Pois não vês—accrescentou elle—que é essa a unica probabilidade que me resta de viver? Se te fores, pode ser que consigas arranjar soccorro que ainda me venha a tempo. Se realmente ha alguma passagem, o mais provavel é que, embora ninguem tenha conhecimento d'ella, venha a acabar em qualquer ponto junto da muralha da primeira cerca, onde estão os makalangas. Se assim for, podes encontrar o molemo, ou, á falta d'elle, Tamas ou algum outro, que venham em nosso auxilio. Vae, Benita, vae quanto antes.

— Nunca pensei n'isso — replicou ella com voz alterada. — Com effeito, assim deve ser, se é que a passagem leva lá abaixo. Pois bem! Pelo menos posso ir verificar, e voltarei para lhe dar parte.

«BENITA! BENITA! VIESTE ACASO PARA ME CHAMAR A TI?»

Então Benita collocou o resto do oleo mesmo ao pé de seu pae, para que elle pudesse encher o candieiro, pois que ainda podia fazer uso das mãos. Approximou d'elle tambem as migalhas de bolacha que ainda restavam, alguma carne secca, um frasco de genebra e um balde de agua. Feito isto, revestiu-se da capa, encheu uma das algibeiras com carne secca, e outra com fos-

foros e tres das quatro velas que ainda havia. A quarta, insistiu ella em a deixar á beira do leito de seu pae. Depois, ajoelhou ao lado d'elle, beijou-o, e no seu intimo ergueu uma prece para que os dois tornassem a encontrar-se com vida, embora bem escassa se lhe antolhasse a esperança de tal ventura.

E pensava comsigo que nunca mais horrivel situação se deparara a dois entes, ao olhar para seu pae alli cahido, que ella tinha de desamparar n'aquelle antro medonho, em lucta solitaria com a Morte, emquanto ella ia affrontal-a nas entranhas mysteriosas da Terra!

Clifford leu-lhe os pensamentos.

— É certo — disse elle — Extraordinario é este apartamento, tremenda a tua missão. Mas quem sabe? Talvez que praza á Providencia que a leves a cabo sem percalço. Se não... se não, depressa se acabarão nossos cuidados.

Mais uma vez se entre-beijaram, e, sem se atrever a dar mais palavra, Benita afastou-se precipitadamente. Transpoz a porta formada pela parte inferior do crucifixo, e parou um momento para examinar a passagem e collocar uma pedra de forma que elle não se pudesse cerrar atraz d'ella. Suppunha que a porta girava por meio de qualquer mola, mas foi então que percebeu que assim não era, pois que a enorme masse estava presa a tres gonzos de pedra admiravelmente dissimulados. A poeira e a corrosão dos seculos, difficultando a abertura da porta, enchendo os espaços minusculos entre ella e a moldura, tinham tornado as fendas absolutamente imperceptiveis. Com tal perfeição fôra executado o trabalho, que ninguem, a não saber do segredo, daria com elle, ainda que o procurasse mezes e annos.

Comquanto n'essa occasião Benita não reparasse muito em taes pormenores, a passagem em que entrou e a escada que d'ahi descia manifestavam a mesma perfeição de mão de obra. Evidentemente este caminho secreto datava não do tempo dos portuguezes, mas dos phenicios ou de outro povo da antiguidade, a cujo erario conduziam, abrindo-se no seu santuario ao qual ninguem era admittido, a não serem os summos sacerdotes. A passagem, que tinha quasi dois metros e meio de alto por metro e meio de largo, tinha sido talhada na rocha viva, porque ainda se distinguiam nas paredes milhares de vestigios deixados pelos escopros. O mesmo acontecia na escada, que pouca serventia tivera e estava ainda intacta como se fôra concluida na vespera.

De lanterna em punho, ia Benita contando os degraus á medida que descia. Ao decimo terceiro chegou a um patamar. Foi ahi que divisou os primeiros rastos do thesouro por via do qual tanto haviam padecido. Alguma cousa lhe brilhou deante dos pés. Baixou-se e apanhou. Era uma barra pequena de ouro, pesando duas ou tres onças, a qual sem duvida cahira alli por acaso. Deitou-a outra vez ao chão, e com grande desalento viu deante de si uma porta de madeira com ferrolhos de ferro. Mas os ferrolhos nunca tinham sido corridos, e ao primeiro impulso a porta rangeu sobre os gonzos enferrujados, e abriu-se. Estava no limiar do erario!

Era quadrangular, de tamanho mediocre, atulhado por todos os lados até ao tecto baixo e abobadado de saccos pequenos de envolucro grosseiro, mal arranjados. Mesmo ao pé da porta, um dos sacos tinha resvalado e rebentara. Estava cheio de ouro, parte em barras, parte em grãos irregulares, o qual para alli estava lampejando em monte. Ao baixar-se para o examinar, occorreu a Benita o que seu pae lhe dissera: que ella, em estado de transe, referira ter rebentado um dos saccos, cujo envolucro era preto e vermelho. E de feito, deante de si tinha o sacco rebentado, e a cor do envolucro era a descripta.

Teve um arripio. O facto era assombroso e terrivel. Assombroso era egualmente ver na poeira espessa, que no decurso de vinte ou mais seculos se accumulara no solo, pégádas das ultimas pessoas que alli tinham entrado. Duas eram ellas, um homem e uma mulher, e não eram selvagens porque andavam calçadas. Benita poz o pé na pégáda da mulher, e viu que se adaptava exactamente, como se fosse sua propria. Talvez, pensou ella, que essa outra Benita tivesse alli descido com seu pae, depois que os portuguezes haviam escondido as suas riquezas, afim de ficar sabendo onde ellas estavam e em que consistiam.

Mais um volver de olhos a esse ouro exorbitante de valia e fautor de desgraças, e Benita seguiu ávante, ella que andava á procura do ouro da vida e da liberdade para aquelle que lá em cima a aguardava. Dar-se-hia caso que alli terminasse a escada? Parou, olhou em volta de si, mas não lobrigou outra porta. Para ver melhor, abriu o vidro da lanterna. Nada ainda distinguiu, e ficou descoroçoada. Mas porque é que a chamma tremeluzia tanto, e porque era tão fresco o ar n'aquellas profundezas? Deu mais um ou dois passos, e depois reparou de repente que as pégádas que ia seguindo desappareciam mesmo em frente d'ella. Parou de novo.

E parou a tempo. Mais um passo que desse, e despenhar-se-hia pela bocca de um abysmo. Em tempos cobrira-o uma pedra, mas essa pedra fôra removida e nunca tornara a ir para o seu logar. Lá estava ella arrimada á parede do cubiculo. Ainda bem! porque as escassas forças de Benita não bastariam para mexer aquelle enorme bloco, caso ella houvesse descoberto a sua existencia debaixo do pó.

Pelo poço abaixo, descobriu ella que havia uns degraus de pedra muito estreitos e precipitosos. Sem hesitar começou a descer. Desceu, desceu, cem degraus, duzentos degraus, duzentos e setenta e cinco degraus, e por alli abaixo, onde se accumulara a poeira, eram visiveis as pégádas do homem e da mulher. Havia uma enfiada dupla, umas que desciam, outras que voltavam para cima. Estas ultimas cobriam muita vezes as primeiras. Porque teriam voltado esses mortos? scismava Benita.

A escada acabara. Achou-se n'uma especie de caverna natural, porque tecto e paredes eram irregulares e escabrosos; alem d'isso, d'elles gottejava e escorriaa agua. Não era muito ampla a caverna, e tinha um fetido horrivel a lodo e outras immundicies. Tornou a procurar á debil claridade da vela, mas não percebeu sahida. Sentiu um como rumor de queixadas colossaes, uma pancada violenta nas pernas que por um triz a não derribou; recuou aos tropeções, e lobrigou um vulto enorme e asqueroso que se sumia na escuridão. A rocha em que ella suppunha ter pousado os pés era um jacaré, e era aquelle o seu antro! Deu um grito, e precipitou-se para a escada. Com a morte contava ella quasi... mas ser devorada por jacarés!

Comtudo, emquanto se quedava offegante, desabrochou-lhe no peito uma bemdita esperança. Se alli entrava um jacaré, é que tambem podia sahir, e por onde se escoasse esse bicho colossal, poderia certamente seguil-o uma mulher. Alem d'isso, a agua devia estar perto: aliás, o jacaré nunca poderia ter escolhido similhante toca. Cobrou animo, deu umas palmadas e agitou a lanterna para espantar outras feras que por acaso alli andassem, e, como nada mais visse nem ouvisse, desceu para o sitio onde pizara o reptil. Era evidentemente alli a cama d'este, porque o seu corpo enorme se imprimira sobre o lodo, e viam-se em volta restos de animaes com que elle se alimentara. Alem d'isso, mesmo n'aquella meia obscuridade se distinguia pelo rasto o caminho que elle costumava seguir.

Benita seguiu por esse caminho, que apparentemente esbarrava n'uma parede massiça. Percebeu então o motivo por que haviam voltado atraz as pégádas dos mortos; houvera alli uma portada, que em eras remotas fôra entaipada de blocos de pedra e cimento. Como sahia pois o jacaré? Benita curvou-se e procurou; distinguiu então, uns poucos de metros á direita da porta, um buraco que parecia desgastado pelas aguas. Julgou comprehender. A rocha era mais macia n'esse ponto, e seculos de marezia a haviam carcomido, abrindo um rompimento que os jacarés tinham successivamente alargado. Por alli foi de rastos, sempre com a lanterna em frente de si, percorrendo o que parecia uma asquerosa sargeta. E de subito... ah! de subito sentiu a aragem fresca nas faces, e o restolhar dos caniços, e o marulhar da agua, e viu, como uma lampada pendente da aboboda azul, uma estrella, a estrella d'alva! Teve vontade de chorar, de a adorar, mas sahiu do meio das penedias, e achou-se no meio de um canavial alto, com os pés dentro de agua. Tinha chegado ás ribas do Zambeze.

Immediatamente, como por instincto, apagou a luz, receiando que a atraiçoasse; o perigo constante dera-lhe astucia. Ainda não rompera a aurora, mas a lua declinante e as estrellas davam bastante claridade. Parou a ver. Acima d'ella torreava

a muralha exterior de Bambatse, que as aguas lambiam, a não ser quando, como agora, o rio estava muito baixo.

Por conseguinte, contra o que esperava, achava-se fora da fortaleza. Que lhe restava fazer? Voltar para traz? Que utilidade trazia isso para seu pae e para ella? Seguir ávante? Arriscava-se a cahir nas mãos dos matabeles, cujo acampamento ficava um pouco mais abaixo, como acontecera a esse desventurado branco que ella avistara do seu poiso sobre o obelisco. Ah! esse branco! Se elle vivesse ainda, se acaso ella pudesse acercar-se d'elle! É possivel afinal de contas que não o tivessem trucidado. Era loucura, mas alguma cousa a impellia á tentativa arriscada de o descobrir. Se fosse infeliz e conseguisse fugir, talvez que então pudesse chamar em seu auxilio os makalangas, os quaes lhe atirassem uma corda e a içassem do cimo da muralha antes que os matabeles a empolgassem. O que ella não queria era voltar com as mãos vasias, para morrer no medonho antro com seu pae. Antes morrer aqui ao ar livre e á luz das estrellas, ainda que fosse de uma azagaiada dos matabeles, ou de um tiro do seu proprio revolver.

Olhou em roda para se orientar, caso lhe fosse ainda necessario voltar á entrada da caverna. Não era difficil. A cousa de uns trinta metros acima da sua cabeça, no sitio em que a superficie rugosa do penhasco tinha uma pequena saliencia, e no qual a tradição affirmava ter batido na queda o corpo de Benita Ferreira e lhe fôra arrancado o collar que a viva Benita usava então, crescia de uma fenda da rocha uma mimosa enfezada. Para marcar o caminho do jacaré, acachapou uma porção de caniços, accendeu uns poucos de fosforos que espalhou pelo meio d'elles, para que o cheiro do enxofre afastasse o animal caso intentasse voltar, e collocou a lanterna por detraz de uma pedra junto á bocca da caverna.

Começou então a sua jornada, a qual, se o rio estivesse alto, não lhe seria possivel senão nadando. N'aquelle momento, comtudo, havia uma larga margem de vasa entre o rio e a encosta alcantilada do monte d'onde se elevava a grande muralha, e por ahi fez Benita seu caminho. Nunca mais deveria sahir-lhe da memoria essa excursão. Sobre ella gottejavam os altos canaviaes o seu orvalho, a ponto de a encharcarem toda; umas aves compridas, de cauda negra, a que os indigenas chamam *saccaboolas*, levantavam-se espantadas e fugiam para a outra banda do rio; esvoaçavam mochos espavoridos, estridulavam alcaravões, á approximação do dia. Das grandes poças saltavam peixes... ou seriam jacarés? Antes o não fossem; Benita já tinha para aquelle dia a sua conta de jacarés.

Que extranho era aquillo tudo! Pois seria ella a mesma mulher que ainda não ha um anno andava de passeio com suas primas pelas ruas de Londres, contemplando as montras elegantes? Que diriam essas primas se a vissem agora, pallida, esgazeada, angustiosa, a patinhar no lodo das margens incognitas do Zambeze, fugindo de uma morte para outra!

Ávante proseguia com resolução, tendo sobre a cabeça o ceu perleo em que se iam desvanecendo as estrellas, em torno de si o canavial ensopado, e invadindo tudo a neblina pesada e baixa da madrugada. Dera volta ás muralhas, e achava-se afinal em terreno secco, onde os matabeles haviam feito o seu acampamento. Mas no meio da nevoa não viu signal de matabeles; provavelmente as fogueiras tinham-se apagado, e ella tivera a fortuna de passar por entre as sentinellas. Mais por instincto que raciocinio, encaminhou-se para o mouchão sobre o qual vira o carro do europeu, na vaga esperança de que elle ainda ahi estivesse. Foi andando, andando, até esbarrar n'uma cousa macia e tepida, que reconheceu ser um boi amarrado a uma corda, alem do qual se distinguiam outros bois e a carapuça alvejante de um carro.

O carro estava pois ainda alli! Mas o homem branco onde estaria? Atravez da nevoa espessa, Benita acercou-se do carro. Como nada visse nem ouvisse, trepou para a frente do chedeiro, ajoelhou, afastou as sanefas, e espreitou para o interior. Ainda o cacimbo não lhe permittia ver cousa alguma, mas ouviu a respiração de um homem adormecido. Sem saber porquê, veiu-lhe á ideia que era um branco; um cafre não respirava assim. Quedou-se ajoelhada, sem atinar com o que faria. Pareceu-lhe que o homem começava a dar pela sua presença, porque resmoneou umas palavras

que decerto eram inglezas. Depois, de repente, elle accendeu um fosforo e com elle uma vela, que estava á sua beira n'uma garrafa de cerveja. Ella não poude ver-lhe o rosto emquanto accendia a vela, porque o braço d'elle o escondia e a chamma crescia tibiamente. Mas logo a seguir, o que ella viu foi o cano de um revolver apontado para ella.

— Amigo preto — disse uma voz jovial — salta d'ahi para baixo, senão faço fogo. Um, dois... Oh! meu Deus!

A luz da vela, espevitada, batia em cheio no rosto branco e suave de Benita, cujos longos cabellos negros cahiam em ondas sobre os seus hombros; os olhos d'ella reverberavam-n'a. E offuscada, não podia soltar uma palavra.

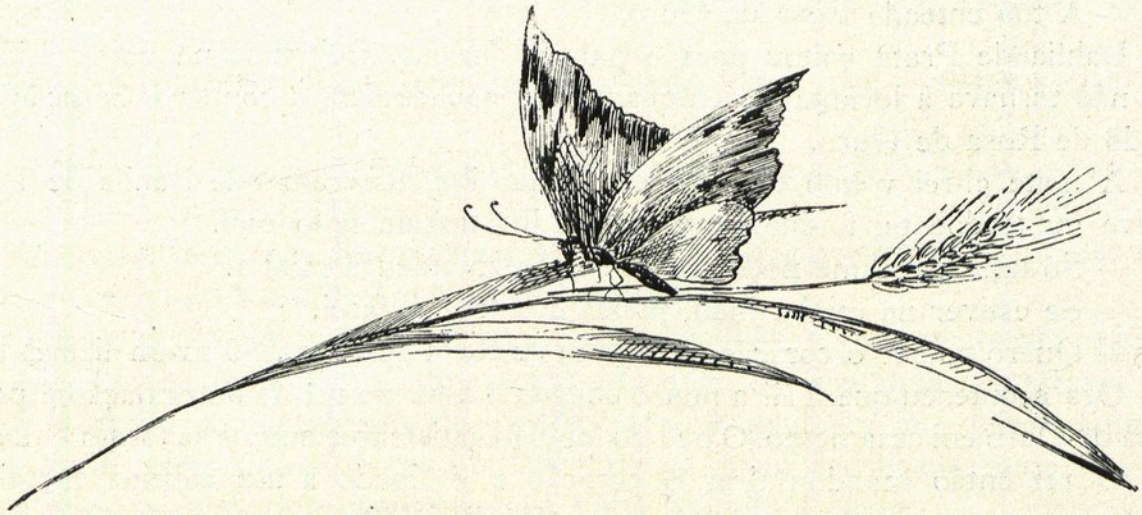
— Oh! meu Deus! — repetiu a voz — Benita! Benita! Vieste acaso para me chamar a ti? Aqui me tens, meu amor, meu amor! O que eu desejo agora é ouvir a tua resposta!

— Sim! — murmurou ella.

E, avançando de rastos, Benita cahiu-lhe nos braços.

Porque o reconhecera emfim — morto ou vivo, que lhe importava? — reconhecera-o, e do inferno ascendia para elle, que lhe era ceu!

(Conclue.)



Dahlia de Prata e Rosa de Ouro

Era uma vez um rei que era casado com uma mulher chamada Dahlia de Prata, e que tinha, do primeiro casamento, uma filha chamada Rosa de Ouro.

Um dia foram as duas passeiar para um grande jardim, e chegaram ao pé de um tanque onde havia uma truta.

E Dahlia de Prata disse á truta:

— Não é verdade, minha linda trutasinha, que sou a mulher mais bonita que ha no mundo?

— Não, não é verdade — respondeu a truta.

— Qual é então a que julgas mais bonita?

— A tua enteada Rosa de Ouro.

Dahlia de Prata voltou para o palacio furiosa. Deitou-se na cama e jurou que não tornava a levantar-se emquanto lhe não dessem a comer o coração e o figado de Rosa de Ouro.

Á noite el-rei voltou da caça e, quando lhe disseram que Dahlia de Prata estava muito doente, foi-lhe perguntar se lhe tinham feito mal.

— Só uma coisa me pode dar allivio, respondeu a rainha.

— Se estiver na minha mão, podes crer que a farei.

— Quero comer o coração e o figado de Rosa de Ouro. Só assim ficarei boa.

Ora aconteceu que d'ali a pouco chegou o filho do rei de outra nação e pediu Rosa de Ouro em casamento. O pedido foi logo satisfeito e ambos se foram embora.

O rei então mandou tirar o coração e o figado a um cabrito que tinha morto na caça e mandou-os apresentar a Dahlia de Prata, que logo os comeu e ficou boa de todo.

Passado um anno Dahlia de Prata voltou ao jardim e chegando ao pé do tanque perguntou á truta:

— Não é verdade, minha linda trutasinha, que sou a mulher mais bonita que ha no mundo?

— Não, não é verdade.

— Qual é então a que julgas mais bonita do que eu?

— Rosa de Ouro, tua enteada.

— Mas essa ha muito que não vive. Vae fazer um anno que lhe comi o figado e o coração.

— Tanto não morreu, que está casada com um principe estrangeiro.

Dahlia de Prata voltou ao palacio e pediu ao rei que mandasse apromptar um navio, e disse: «Quero ir ver a minha querida Rosa de Ouro, de que tenho muitas saudades.»

O navio apromptou-se e fez-se ao mar.

Dahlia de Prata ia ao leme e guiou tão bem o navio, que a viagem durou pouco tempo.

Quando chegou, o principe tambem andava á caça.

DAHLIA DE PRATA FALANDO COM A TRUTA

Rosa de Ouro conheceu logo o navio de seu pae e disse para a creadagem:

— Ai! É minha madrasta que vem matar-me.

E uma creada velha, que já era muito amiga de Rosa de Ouro, acudiu:

— Não mata, que vamos fechar-vos n'um quarto, onde ella não poderá entrar.

Assim se fez, e Dahlia de Prata foi ter ao pé do tal quarto e começou a gritar da parte de fóra:

— Anda ver a quem está no logar de tua mãe. Tinha tantas saudades tuas, que atravessei o mar para poder ver-te.

Rosa de Ouro respondeu-lhe que não podia sahir d'ali, porque estava fechada á chave.

— Mette ao menos o teu dedo mendinho pelo buraco da fechadura, para eu o beijar, disse Dahlia de Prata.

Ella assim fez, sem desconfiança, e a madrasta feriu-a com um punhal envenenado, fazendo Rosa de Ouro cahir logo morta.

Quando o principe voltou e achou morta a mulher, teve uma grande paixão, e, vendo-a ainda mais bonita do que era em vida, não a mandou enterrar e fechou-a á chave no mesmo quarto, ordenando que ninguem lá pudesse entrar.

Passado tempo casou com outra princeza, a quem deu licença para ir a todos os quartos do palacio menos ao que tinha fechado á chave.

Ora em certo dia o principe esqueceu-se da chave debaixo do travesseiro. A nova princeza encontrou-a, abriu a porta do quarto e viu adormecida a mais linda mulher que seus olhos tinham admirado. Pegou-lhe na mão para a acordar, e deparou ainda aberta a ferida do punhal. Fechou-a, e Rosa de Ouro tornou logo a viver, tão linda como d'antes.

Ao anoitecer o principe voltou a palacio, muito cançado por ter andado á caça todo o dia.

— Que me dareis, meu senhor — perguntou-lhe a segunda mulher — se eu vos der uma grande alegria?

— Não podia ter uma grande alegria senão vendo Rosa de Ouro viva outra vez.

— Pois então alegrae-vos que ella está viva, no quarto que tinheis fechado á chave.

Quando o rei viu que Rosa de Ouro estava realmente viva, ficou cheio de contentamento e começou a beijal-a como doido.

A segunda mulher fugiu d'ali e nunca mais se soube d'ella.

Passado um anno Dahlia de Prata foi passeiar ao jardim, e, chegando ao pé do tanque, perguntou:

— Não é verdade, minha linda trutasinha, que sou a mulher mais bonita que ha no mundo?

— Não, não é verdade, respondeu a truta.

— Qual é então a que julgas mais bonita?

— Rosa de Ouro, tua enteada.

— Essa já não vive. Ha um anno que lhe enterrei no dedo mendinho um punhal envenenado.

— Estás enganada. Rosa de Ouro não morreu.

— METTE AO MENOS O TEU DEDO MENDINHO PELO BURACO DA FECHADURA

Dahlia de Prata voltou a palacio e pediu ao marido que mandasse apromptar outra vez um navio. O navio apromptou-se e fez-se ao mar. Dahlia de Prata ia ao leme e tão bem guiou o navio que a viagem durou pouco tempo.

O principe andava á caça. Rosa de Ouro conheceu logo o navio de seu pae e disse para a creadagem:

— Ai! É minha madrasta que vem matar-me.

Dahlia de Prata desembarcou e disse á enteada:

— Anda cá, meu amor, que trago, para te dar, uma bebida deliciosa.

E Rosa de Ouro respondeu:

— É costume n'este reino, quando se offerece de beber a alguem, beber primeiro umas gotas.

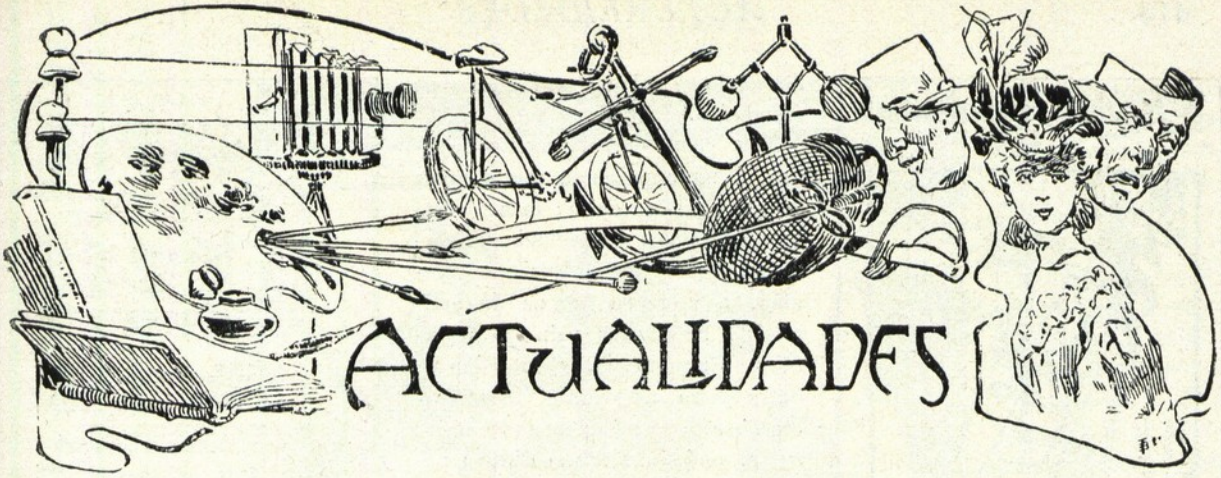
Dahlia de Prata, para que a enteada não desconfiasse, levou o copo á bocca, e logo a tal creada velha lh'o emborcou de modo que ella, sem querer, bebeu quasi tudo e cahiu morta ali mesmo.

Levaram-na para o navio, que se fez de vela promptamente.

Rosa de Ouro viveu até muito velhinha, sem nunca perder a belleza que mettia tanta inveja á madrasta.

E o povo d'aquelle reino, contando a historia, acabava-a sempre assim:

— Nunca o invejoso medrou, nem quem a par d'elle morou.



Grandes topicos

Escandalos na Allemanha

A Allemanha anda, como diz o vulgo, em maré de azar. Depois dos escandalos coloniaes, em que se revelaram concussões e brutalidades e que tiveram como resultado a queda do respectivo ministro, a publicação das memorias posthumas do principe de Hohenlohe veiu lançar a confusão e a desconfiança nos arraiaes da politica interna e internacional.

Como se sabe, Hohenlohe desempenhou durante a sua vida os mais elevados cargos: embaixador em Paris, *statthalter* da Alsacia-Lorena, chanceller do Imperio. Tinha por habito notar todos os incidentes e formular por escripto as suas opiniões sobre as differentes e elevadas personagens politicas com quem esteve em contacto. São estes apontamentos, com bastantes cartas suas, que constituem o livro das memorias. Alem de picantes observações em que nem o proprio imperador é poupado, contem elle revelações palpitantes sobre varios episodios da politica imperial, cuja inconsistencia e duplicidade se mostra aos olhos do mundo. O episodio do brusco licenciamento de Bismark, por exemplo, em resultado do plano, concebido pelo chanceller de ferro, de auxiliar a Russia em detrimento da Austria, se por um lado mostra o desejo do Kaiser de não trahir a sua alliada, não deve conciliar muito a Russia com a qual na actualidade se planeiam approximações, e põe de sobreaviso os alliados da Triplice.

Guilherme II, naturalmente irritado com a publicação das memorias, dirigiu um aspero telegramma ao filho mais velho de Hohenlohe, o qual declinou a responsabilidade para seu irmão Alexandre. Este, que exercia um alto cargo na Alsacia-Lorena, pediu immediatamente a sua demissão, não sem dar a entender que, livre das peias officiaes, a sua

FATAL EQUIVOCO

TIO SAM — *Os ladrõesinhos cuidam que vão ser photographados, quando a verdade é que me estou preparando para lhes dar um tiro.*

Do «*Nebelspalter*»

A CHORAR PELA ANNEXAÇÃO

MATRONA CUBA — *O tio, eu creio que a creança está a chorar, porque quer ir para o seu collo.*

Do «*Mianneapolis Journal*»

QUEM ME AVISA ..

TIO SAM — *Ó meninos, d'aqui em deante tenham cuidado e não façam desordens, aliás ponho-lhes o chapeu em cima.*

Do «*International Syndicate*»

O CAPITÃO BURLADOR DE KÖPENICK

Do «*Lustige Blätter*»

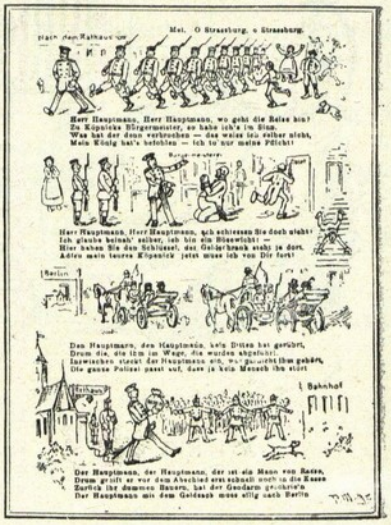
defeza daria novos alentos á curiosidade universal.

Parece moldado para desviar as attenções d'este retumbante incidente o episodio heroi-comico, succedido ha pouco n'um dos suburbios de Berlim. Um engenhoso ratoneiro vestiu a farda de official do exercito, ordenou a soldados de dois destacamentos encontrados na rua que o acompanhassem, e com esta escolta invadiu a casa da camara de Köpenick, onde prendeu o burgomestre e o thesoureiro e se apossou de todo o dinheiro encontrado nos cofres. Para tudo isto invocou o nome de seu imperial amo, e bastou a sua palavra ousada e a sua prestigiosa farda para que soldados e auctoridades civis se submettessem aos seus mandados.

Este caso, embora muite original, é na apparencia um simples episodio de ladroeira; mas é certo que excitou a gargalhada universal á custa do militarismo allemão, e mereceu honras de artigos de fundo nos principaes jornaes do mundo civilisado. «Não ha outro paiz», assevera o circumspecto *Times*, «para á quem da fronteira russa, onde um trama d'estes podesse ter as mais longinquas probabilidades de exito, por momentaneo que fosse.» A submissão cega á farda prova com effeito a deploravel educação civica do allemão. «Este fetichismo», observa um jornal de Berlim, «não só é inintelligivel para as sociedades democraticas do occidente da Europa, mas até para a Allemanha meridional, onde teem predominado ideias absolutamente differentes sobre os direitos civis, desde que foram importados de França nas varias revoluções do seculo passado.»

Invoca-se para um assumpto d'estes a penna de Aristophanes ou o estro *buffo* de Offenbach.

Á hora de entrar na machina o nosso jornal, está preso o criminoso, o sapateiro Wilhelm Voigt, cujo aspecto boçal mais espantoso torna o embuste de que foi heroe.



FOLHA VOLANTE ALLEMÃ

allusiva ao episodio heroe-comico de Köpenick

NO ATOLEIRO COLONIAL

PRINCIPE BULOW — *Valha-me Deus! O carro nunca se atolou tanto como agora!*

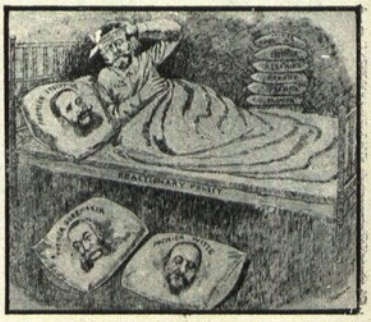
Do «*Wahre Iacob*»

CAVANDO A PROPRIA SEPULTURA

Do «*The Sidney Bulletin*»

A crise franceza

Como era de prever, a figura culminante de Clemenceau ascendeu ao posto que lhe era naturalmente indicado. Por motivos de doença, Sarrien pediu a demissão de presidente do conselho, e foi Clemenceau o encarregado de formar o novo ministerio. Desviados os elementos moderados que figuravam no ultimo gabinete, o actual apresenta-se mais homogeneo e portanto mais forte para arcar com as varias responsabilidades que sobre elle impendem, a principal das quaes é a execução da lei de separação da Egreja e do Estado. Senhor do poder, tendo conservado, entre outros, o seu mais dedicado collaborador, Briand, é de suppor que Clemenceau resista triumphantemente á conspiração dos elementos



NÃO HA MUDANÇA DE TRAVESSEIRO QUE ALLIVIE O CZAR DOENTE

Do «*The Brooklyn Daily Eagle*»

reaccionarios, dirigidos pelas influencias romanas, e porventura estimulados pela tortuosa diplomacia germanica, sempre alerta para crear difficuldades á sua rival de áquem Rheno.

Duas feições interessantes do novo gabinete são a creação de um novo ministerio intitulado do Trabalho e de Previdencia Social, que revela desde logo as tendencias humanitarias e democraticas da situação, e a entrada, como ministro da guerra, do general Picquart, o principal agente militar da reparação feita a Dreyfus. E o primeiro passo importante é deveras sympathico: o presidente Fallières acaba de assignar o projecto para a abolição da pena de morte. Deve regosijar-se com isto especialmente o nosso paiz, que ha tantos annos introduziu na sua legislação criminal este humanitario progresso. A parte radical das camaras apoia o ministerio; os socialistas conservam-se em expectativa benevola.

TIO E SOBRINHO

— *Sempre a trabalhar, sobrinho! Que estás fazendo?*
— *Um navio maior do que o seu, tio.*
— *Isso não é trabalho para soldado. Toma o conselho de um velho lobo do mar, deixa-te d'isso!*

Do «*Pall Mall Magazine*»

AVISO DE AMIGO

«ALLIÉRES — *Nicolau, devias usar um chapeu de seda, como eu; o metal attrae o raio.*

Do «*Jugend*»

Pela Russia

O movimento revolucionario tem affrouxado, posto que ainda se manifeste com frequencia em assassinios de auctoridades civis e militares, e em audaciosos roubos á mão armada. O governo aproveita o recalmão para preparar as eleições da futura Duma. Favorece-o a desorganisação que se pronuncia no partido constitucional democratico, que formava a enorme maioria da Duma dissolvida. Os reaccionarios oppõem ao movimento revolucionario a sua acção terrorista, que ameaça as classes liberaes e particularmente os judeus. Os estudantes do partido avançado continuam a manifestar-se, sem embargo de violentas repressões. Emfim, o throno de Nicolau II continua abalado e o imperio moscovita em confusão.

Prova dos receios geraes dos reaccionarios foi a opposição feita á projectada homenagem que alguns liberaes inglezes quizeram prestar á fallecida Duma, homenagem que circumspectamente se mallogrou para não prejudicar as relações entre a Inglaterra e a Russia, as quaes tendiam a melhorar, depois da crise a que deu logar a guerra do Extremo Oriente.

Em todo o caso, como se deprehende de algumas caricaturas que extrahimos de conceituados jornaes do genero, a Russia continua a despertar as attenções geraes, como o ponto em que sobretudo se degladiam as duas tendencias politicas da humanidade: progresso e reacção

A ELEIÇÃO DO PAPA NEGRO

Cousa exquisita! Ao contrario das leis da physica, o papa Negro é a sombra do Papa Branco

Do «*Pasquino*»

Vida na arte

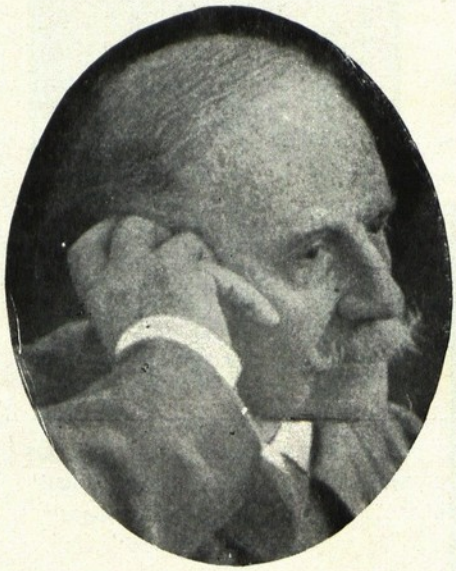
ADELAIDE RISTORI

A actriz Ristori A marqueza del Grillo, cujo titulo aristocratico occultava o grande nome artistico de Adelaide Ristori, acaba de fallecer na Italia. Foi uma das maiores celebridades dramaticas do seculo XIX. Em França, o meio intellectual do segundo imperio commoveu-se altamente com a sua presença, estabelecendo-se uma rivalidade entre ella e a grande actriz Rachel, com partidarios do maior prestigio nos dois campos. O seu talento dramatico, muito malleavel, prestava-se ao desempenho de papeis tragicos de differente indole, como era o de Isabel de Inglaterra e da sua rival Maria Stuart. No theatro de Shakespeare, o seu maior exito foi a personagem de Lady Macbeth, que causou furor em Londres. Para corresponder á amabilidade britannica, a Ristori representou-o uma vez em inglez. Tambem em Paris desempenhou em francez o papel n'uma peça de Legouvé.

O seu proposito, como ella propria declarou, foi sempre conciliar a declamação emphatica italiana com a sobriedade franceza. Foi isso que lhe deu effectivamente um grande renome.

Por occasião do centenario dantesco houve na Italia uma representação da tragedia de Silvio Pellico *Francesca da Rimini*, em que entraram as tres maiores summidades da scena italiana: Salvini, Rossi e a Ristori. Essa recita ficou na memoria dos contemporaneos como um acontecimento artistico de transcendente importancia.

Retirada ha muitos annos da scena, a individualidade da marqueza del Grillo era objecto de veneração particular dos seus compatriotas. Ainda ha poucos annos, por occasião do seu anniversario natalicio, lhe fizeram uma manifestação apotheotica, em que tomaram parte as mais eminentes personalidades do mundo litterario e artistico.

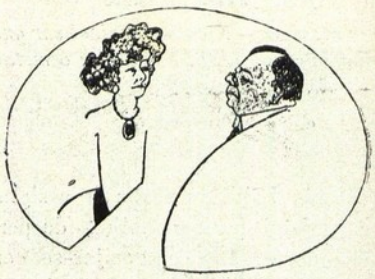


MASSENET

A nova opera de Massenet Com a sua nova opera, provou Massenet que a sua prodigiosa fecundidade não excluia a mestria do trabalho. Muitos criticos consideram a sua obra-prima a *Ariane*, que acaba de ter um exito colossal em Paris. Escolhendo para assumpto a lenda classica da princeza de Creta, já tão decantada em poemas e operas de todos os tempos, o compositor francez encontrou um excellente collaborador em Catulle Mendès, cujos admiraveis versos contribuiram decerto para lhe levantar a inspiração. Pela sua parte, a scenographia e a enscenação contribuiram para fazer valer o bello trabalho do poeta e do musico. Citam-se verdadeiros milagres de arte scenica, como por exemplo a viagem para Naxos, em que o navio parece navegar realmente á vista do espectador.

Em summa, a pobre Ariadna, desamparada por Theseu, alcança no seculo XX da era christã um ruidoso triumpho perante o publico mais artistico dos modernos tempos. Sirva isto de consolação aos manes da filha de Minos.

O novo drama de Gabriel D'Annunzio Quando se trata da obra de uma personalidade eminente, é doloroso noticiar um *fiasco*. Mas não ha duvida de que o publico de Roma condemnou severamente o novo drama de D'Annunzio, *Piú che l'amore*. Inspirando-se na philosophia de Nietsche, o illustre poeta italiano elaborou uma peça que peca pela sua falta de theatralidade e pela pobreza de observação psychologica. Mais uma prova de que as faculdades de grande poeta não implicam forçosamente qualidades de dramaturgo.



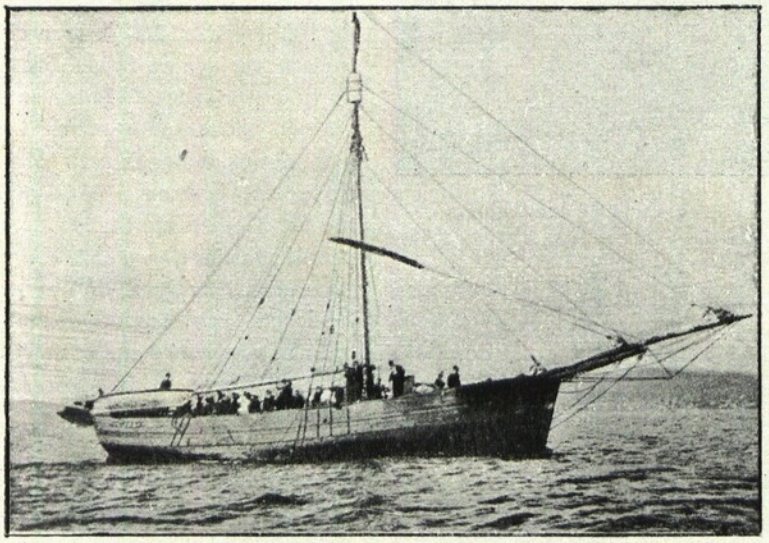
NO ASYLO DE ACTORES DE PARIS

COQUELIN — *Não lhe parece que devia haver um asylo para actrizes edosas?*

SARAH — *Actrizes edosas! É coisa que não existe!*

Do «*Ulk*»

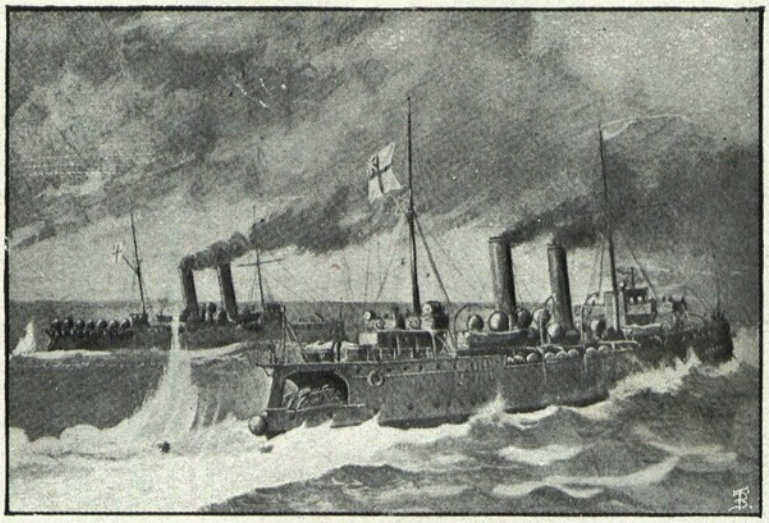
Vida na sciencia e na industria



O NAVIO QUE REALISOU A TRAVESSIA DA PASSAGEM DO NORDESTE, E O SEU CAPITÃO AMUNDSEN

A passagem do noroeste

Depois de mais de quatro seculos de explorações, um capitão norueguez, Amundsen, na pequena chalupa Gjöa, conseguiu atravessar do Atlantico para o Pacifico pela passagem do noroeste. Esta passagem, cuja travessia foi tentada em 1497 por João Cabot e desde então tem custado a vida de tantos navegadores, estava aliás já explorada a partir de cada um dos extremos, sendo toda ella conhecida pelos geographos, mas nunca tinha sido atravessada de lez a lez por um navio. O capitão norueguez, a que alludimos, partiu da Noruega a 1 de junho de 1903, n'um barco de 40 toneladas, especialmente construido para a navegação arctica, robustecido de taboado de carvalho, e provido de um motor de petroleo da força de 13 cavallos, capaz de lhe dar uma velocidade de tres milhas em mar chão, embora dependesse sobretudo do velame. O principal proposito da expedição era approximar-se do polo magnetico e fazer observações n'uma estação fixa durante um prolongado prazo. Para isso ia excellentemente fornecido de instrumentos magneticos. A 1 de junho de 1905 descobriu-se o polo magnetico. Marcaram-se na carta muitas ilhas novas entre a Terra do Rei Guilherme, a Terra Victoria e a costa americana. A expedição invernou em 1903 e 1904 ao sul da Terra do Rei Guilherme, a qual fica a oeste da Peninsula de Boothia Felix. No verão passado proseguiu a viajem para oeste. Só o anno passado se completou a passagem, mas o inverno veio cedo, e a expedição ficou bloqueada pelos gelos a oeste da foz do rio Mackenzie. Sete membros a compunham, e o custo total não chegou a 5000 libras.



NAVIO LANÇA-MINAS

Navios lança-minas

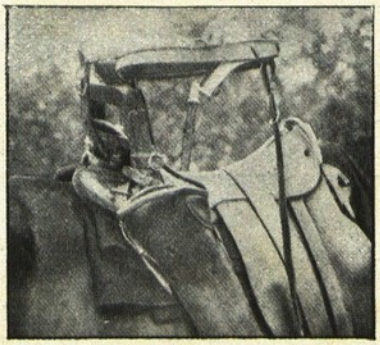
A experiencia da guerra russo-japoneza mostrou a conveniencia do lançamento de minas, não só para defeza de portos, mas tambem no mar alto. Os inglezes, a exemplo sobretudo dos russos, estão fazendo experiencias de barcos especialmente destinados áquelle mister. Transformou-se em lança-minas o cruzador *Iphigenia*, que transporta as minas aos dois lados da tolda. Estes apparelhos de des-

truição são depois postos por debaixo do painel de popa, sobre duas plataformas abertas na popa, e d'ahi se deixam cahir na agua, onde ficam á espera dos inimigos audaciosos, como semeiadores da morte.

Cadeirinha de ambulancia

A cadeirinha de ambulancia Hathaway é um engenhoso apparelho que se adapta a uma sella de cavallaria, dando a possivel commodidade a um ferido. A cadeirinha abraça a cintura do doente e fixa-o na sella. Se póde fazer uso das mãos, é elle proprio que guia o cavallo; no caso contrario é este conduzido pela arreata.

Na cavallaria ingleza estão-se fazendo experiencias bastante favoraveis d'este apparelho, que parece destinado a prestar valiosos serviços nas guerras futuras, visto que longe está ainda a epoca de as supprimir.



CADEIRINHA DE AMBULANCIA

O Metropolitano de Paris

ADEANTAM-SE rapidamente as obras das novas estações do Metropolitano de Paris. Está quasi completo o arcabouço do *caisson*, e pode-se definir facilmente o tunnel. A gravura junta dá excellente ideia de uma das novas estações na Place Saint Michel. Veem-se as duas largas escadarias e os elevadores pelos quaes os passageiros subirão das plataformas para uma galeria subterranea que dá accesso á rua. Vê-se o *caisson* elliptico, que unirá uma secção do tunel á estação. As plataformas são construidas de 16 metros de profundidade, e as escadas teem cerca de 100 degraus. Adoptou-se o typo *caisson* em vez do tunnel ordinario de tubo por causa da natureza alluvial do terreno. Encontra-se agua a 9 metros da superficie (nivel do rio) e até a 4 ou a 5 quando ha cheias. Com o auxilio do ar comprimido executa-se a obra com mais segurança e rapidez, do que perfurando um tunel segundo o methodo ordinario e construindo uma aboboda bastante vasta para incluir dois caminhos permanentes.

Alem d'isso a despeza é menor.

N'outras secções do Metropolitano, por exemplo na travessia do Sena junto á praça da Concordia, não se julgou necessario profundar verticalmente *caissons*, adoptando-se a construcção ordinaria do tunnel.

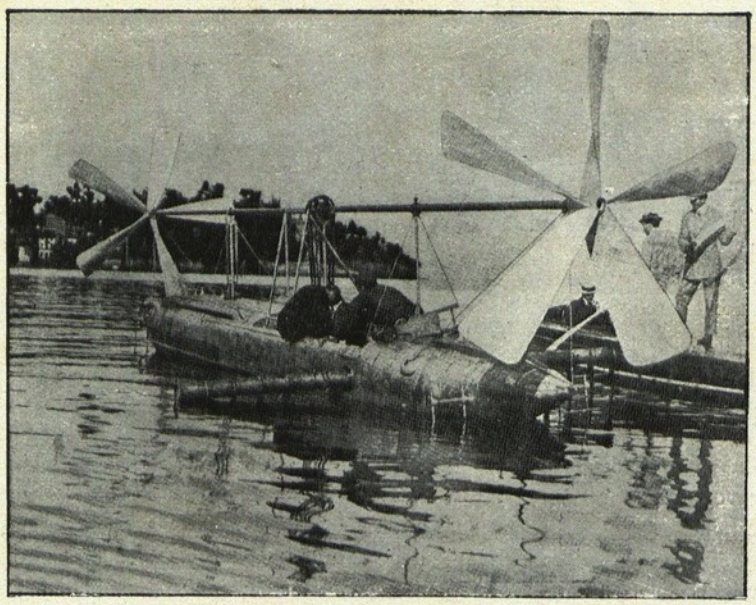
CORTE DE UMA ESTAÇÃO SUBTERRANEA NO METROPOLITANO DE PARIS

Vida no sport

Barco hydroplano

Um novissimo meio de propulsão foi inventado pelo engenheiro italiano Forlanini. Barco hydroplano chama elle a um barco destinado a vogar á superficie da agua com o auxilio de dois propulsores de cinco abas que se movem no ar em vez de se moverem na agua. O motor tem a força de 70 cavallos. Nas experiencias feitas no lago Maggiore, o barco portou-se perfeitamente, obtendo uma velocidade de 43 milhas por hora.

O inventor considera o seu apparelho apenas a titulo de experiencia, e espera construir uma machina dirigivel de toda a confiança.



BARCO HYDROPLANO FORLANINI

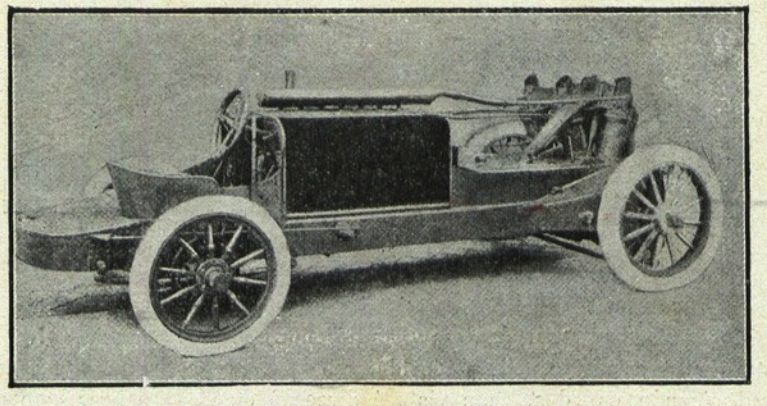
O cavallo arabe em Inglaterra

Os cavallos arabes tendem a rarear. Mas tanto os governos como os amadores começam a convencer-se de que o arabe é a todos os respeitos preferivel nos serviços que demandam um cavallo ligeiro ao inglez *pur-sang*, a não ser para caça e para corridas.

Um poeta e viajante inglez, grande amador de cavallos, Mr. Wilfred Scawen Blunt, é o maior creador de cavallos arabes do Imperio Britannico. A sua caudelaria em Sussex é a origem que os governos de muitos paizes procuram para renovar as suas remontas. Mr. Blunt pode gabar-se de que a maioria dos melhores arabes do mundo passaram pela sua caudelaria.

O sultão de Mascate tambem possue uma importante caudelaria, e alguns sobreviventes entre os antigos principes da Arabia são senhores de magnificos cavallos; mas Mr. Blunt é de opinião de que hoje em dia ha menos de 3000 eguas creadoras na Arabia, e talvez 5000 em todo o mundo.

Fazem-se os maximos esforços para evitar a extinção de uma raça tão apreciada na equitação.



AUTOMOVEL DE QUATRO CYLINDROS

Preço de uma viagem aeronautica

Diz uma revista ingleza que, em comparação com o automobilismo, a aeronautica é um passatempo barato e pouco perigoso. Um balão para quatro pessoas custa apenas (em Inglaterra, está claro) 150 libras, e pode-se encher por cerca de 10 libras, incluindo o gaz e a remuneração ao technico. É certo que as viagens demandam mais algumas despezas. Se o vento é um pouco forte, é preciso um certo numero de auxiliares para a ascensão, aliás o balão é capaz de ir esbarrar com a primeira arvore ou edificio proximos. Tambem no fim da viagem se tornam indispensaveis os auxiliares. É verdade que elles acorrem logo de todos os pontos do horizonte, sem mira de interesse material; mas em todo o caso, sempre é conveniente untar-lhes as mãos.

Ha tambem a despeza do transporte que pode ser consideravel se o balão fôr parar muito longe do ponto de partida. Mas, incluindo tudo, o importe medio da viajem regula entre 12 e 13 libras. Ignoramos se estas considerações são applicaveis ao nosso paiz; mas o desenvolvimento do *sport* leva-nos a chamar a attenção para este novo genero, sem grande esperança de que se vulgarise por emquanto.

Automovel de quatro cylindros

O automovel Christie, cuja gravura apresentamos, venceu ultimamente o *record* do mundo para automoveis de quatro cylindros. Percorreu uma milha em 35 1/5 segundos. A sua construcção é muito curiosa. Não tem machina logo junto das rodas deanteiras, e não tem apparelho de transmissão.

O orthoptero

Assim se chama um aerostato, inventado por tres belgas, com a forma e a apparencia de uma abelha gigante, coberto de belbutina escura para augmentar a similhança. Não é propriamente um balão, mas uma verdadeira machina voadora, mais pesada que o ar, a qual por meio das azas e dos propulsores se eleva e se sustenta. Tem um motor de 60 cavallos que imprime aos propulsores a velocidade tremenda de 30.000 revoluções por minuto. Tem uma dupla revestidura, com um espaço intermedio cheio de ar, e tem na cauda tres enormes balas de ar como uma especie de almofada para amortecer o choque da descida. Os passageiros teem logar dentro do corpo, o qual contem egualmente todo o mechanismo, e é illuminada por quatro janellas quadrangulares. O modelo está em exposição no Palais du Cinquantenaire de Bruxellas.

Ignoramos se já se fez experiencia definitiva d'este novo apparelho voador. Caso elle dê bons resultados, a nossa fantasia já nos pinta o espaço atmospherico povoado de enormes apparelhos de todos os feitios roubados á fama voadora, aves gigantescas, e insectos colossaes, solcando os ares em todas as direcções.

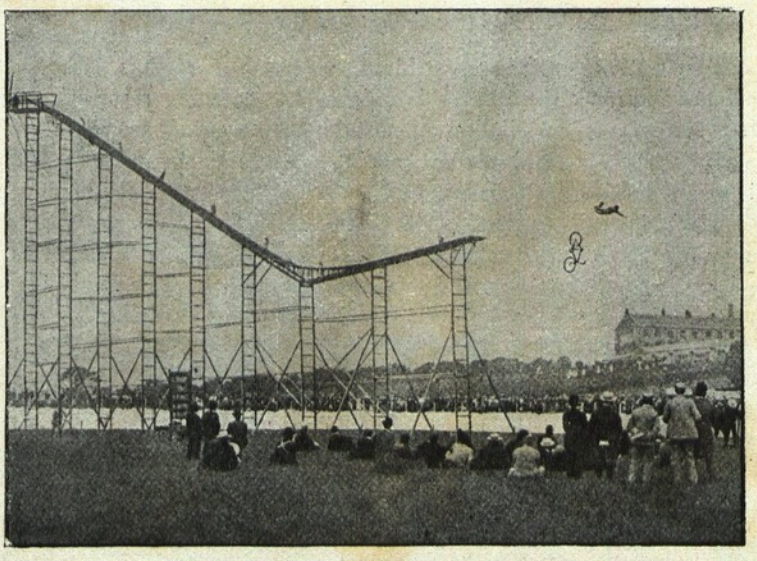
Mergulho monstro

O acrobata Schreyer, o *Dare Devil* (o diabo atrevido), tem executado na America e ultimamente em França uma façanha vermadeiramente temeraria. Parte de bicycletta de uma plataforma a 36 metros do solo. Corre por uma pista

O ORTHOPTERO

em forte rampa, de 75 metros de comprido e 0m,80 de largo, cortada bruscamente a uma altura de 18 metros. D'ahi deve ainda percorrer uma distancia de 37 metros, para ir cahir n'um tanque cheio de agua, com o fundo de 1m,50.

Para realizar este prodigio, recebe a linda somma de 5000 francos, que, em vista do enorme risco, se podem considerar bem empregados. Com vista á direcção do Colyseu dos Recreios.



APPARELHO DO ACROBATA SCHREYER

O bilhar para as mulheres

Uma das razões, senão a unica, que até hoje tem obstado a que a mulher se torne eximia no jogo do bilhar é a falta de induzimento ou de opportunidade, visto que as mezas de bilhar não estão vulgarisadas como moveis domesticos.

No entanto, o bilhar é um passatempo eminentemente adaptavel ao sexo feminino, e lá fora começa a desenvolver-se esse jogo nos clubs das senhoras da alta roda.

Madame Strebor (anagramma de Roberts), tratando de popularisar o bilhar entre as senhoras, não só tem jogado partidas em publico, mas affirma que esse jogo está estreitamente alliado á graça feminina. Prova-o pela sua propria experiencia.

Aeroplanos e dirigiveis

A 24 de outubro, Santos Dumont, fez voar um apparelho que pesa perto de 388 kilogrammas com o seu passageiro. Provou-se que com um apparelho como os papagaios e um helice poderoso actuado por um motor ligeiro, o «mais pesado que o ar» pode elevar-se por si e deslocar-se voando com estabilidade satisfatoria. Assim ganhou Santos Dumont a taça Archdeacon. A sua victoria é tambem a do motor Levavasseur, de 8 cylindros, da força de 50 cavallos, e pesando apenas 72 kilos.

Novos dirigiveis se acham em experiencia: o *Ville-de-Paris*, de M. Deutsch de la Meurthe e o *Zeppelin*, do allemão que tem este nome. Este ultimo evolucionou perfeitamente sobre o lago de Constancia, virando, ascendendo, descendo, e fazendo todas estas manobras com uma precisão extraordinaria.